NAS TRILHAS DO EMPREENDEDORISMO SOCIAL

Reflexões e Relatos de Ações

Darlene Webler (Org.)

Editora da furg

NAS TRILHAS DO EMPREENDEDORISMO SOCIAL
Reflexões e relatos de ações

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
FURG

Reitor
DANILO GIROLDO
Vice-Reitor
RENATO DURO DIAS
Chefe do Gabinete do Reitor
JACIRA CRISTIANE PRADO DA SILVA
Pró-Reitor de Extensão e Cultura
DANIEL PORCIUNCULA PRADO
Pró-Reitor de Planejamento e Administração
DIEGO D`ÁVILA DA ROSA
Pró-Reitor de Infraestrutura
RAFAEL GONZALES ROCHA
Pró-Reitora de Graduação
SIBELE DA ROCHA MARTINS
Pró-Reitora de Assuntos Estudantis
DAIANE TEIXEIRA GAUTÉRIO
Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas
LUCIA DE FÁTIMA SOCOOWSKI DE ANELLO
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação
EDUARDO RESENDE SECCHI
Pró-Reitora de Inovação e Tecnologia da Informação
DANÚBIA BUENO ESPÍNDOLA

EDITORA DA FURG

Coordenadora
CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

COMITÊ EDITORIAL

Presidente
DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Titulares
ANDERSON ORESTES CAVALCANTE LOBATO
ANGELICA CONCEIÇÃO DIAS MIRANDA
CARLA AMORIM NEVES GONÇALVES
CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA
EDUARDO RESENDE SECCHI
ELIANA BADIALE FURLONG
LEANDRO BUGONI
LUIZ EDUARDO MAIA NERY
MARCIA CARVALHO RODRIGUES

Editora da FURG
Campus Carreiros
CEP 96203 900 – Rio Grande – RS – Brasil
editora@furg.br

Integrante do PIDL

Editora Associada à
ABEU ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS
EDUNI-SUL ASSOCIAÇÃO DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS DA REGIÃO SUL

Darlene Webler
(Org.)

NAS TRILHAS DO EMPREENDEDORISMO SOCIAL
Reflexões e relatos de ações

Editora da furg

Rio Grande
2021

© Darlene Webler

2021

Capa e fotografia: Darlene Webler (acervo pessoal com foto do Campus da FURG SAP – Unidade Bom Princípio – imagem externa com o Centro Tecnológico ao fundo)
Diagramação da capa: Anael Macedo
Formatação e diagramação: João Balansin
Gilmar Torchelsen
Cinthia Pereira
Revisão ortográfica e linguística: Liliana Mendes

Ficha Catalográfica

T829 Nas trilhas do Empreendedorismo Social reflexões e relatos de ações [Recurso Eletrônico] / Organizadora Darlene Webler. – Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2021.
148 p.: il. color

Modo de acesso: http://repositório.furg.br
ISBN 978-65-5754-082-4 (eletrônico)

1. Inclusão Social 2. Extensão Universitária 3. Agroecologia 4. Socioeconomia 5. Refugiados 6. Universidade Federal do Rio Grande – FURG I. Webler, Darlene II. Título.

CDU 316.334.2

Catalogação na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos – CRB10/2344

SUMÁRIO

Apresentação ……....…….…… 06

Inovação e Empreendedorismo Social. Conceitos introdutórios e aplicação .....…. 10

Seminário Empreendedorismo e Inclusão Social. Questões teóricas e práticas empreendedoras 29

Feira Agroecológica na FURG-SAP. Uma aposta em relações de produção e consumo de socioeconomia … 42

Brechó Solidário na Universidade. Uma ação de solidariedade e sustentabilidade ……..…….. 55

Projeto Português para Venezuelanos. A inclusão pela língua …….....……. 67

A Inclusão pela Língua. Uma proposta de acolhimento para crianças venezuelanas …..... 83

Linguagem e Fotografia. Mulheres e homens campesinos em foco …..….....…….. 93

Workshop de Fotografias. Vendo o mundo pelas lentes de uma câmera …….....….…. 109

Socializando Ideias em Tempos de Pandemia. Diálogos em ambiente virtual 117

APRESENTAÇÃO

> "É, em iniciativas locais, na partilha de conhecimentos e na aplicação de práticas positivas no cotidiano, que empreendedores sociais buscam transformar o mundo e melhorar a vida das pessoas, fazendo a diferença em situações de precariedade ou desfavorecimento social, cultural, econômico." (GES/FURG-SAP)

Nas Trilhas do Empreendedorismo Social reúne reflexões e relatos de ações que pretendem fazer e que fazem a diferença na vida de pessoas e de comunidades em vulnerabilidade social, cultural e econômica. Trata-se de ações que buscam interferir e transformar realidades adversas, de inciativas que se caracterizam por colocar a ajuda aos outros como um valor central, através da socialização de conhecimentos adquiridos na universidade ou em atividades decorrentes desta, de práticas sociais inclusivas, inovadoras e empreendedoras, com intuito de tornar melhores e, se possível, emancipadas as pessoas atingidas e suas comunidades e, em empreendedores sociais, os universitários e parceiros.

Assim, ações dessa natureza cumprem um importante papel no processo de formação dos sujeitos universitários e participantes do GES-Grupo de Empreendedorismo Social da Universidade Federal do Rio Grande, no Campus de Santo Antônio da Patrulha (FURG-SAP), que exercitam o olhar de observadores de diferentes situações sociais e econômicas, aprendem a fazer a interlocução entre seus aprendizados e as realidades externas, envolvendo-se e comprometendo-se com as comunidades na busca por maximizar o capital social e por promover a inovação social.

Quanto aos públicos prioritários, a escolha é por três grupos específicos: (a) adolescentes e jovens estudantes ou egressos de escolas públicas, (b) mulheres camponesas e de áreas urbanas periféricas, e (c) idosos analfabetos ou semialfabetizados. Cada uma das ações e as formas de aplicação são, cuidadosamente, planejadas, levando em conta as peculiaridades das pessoas, suas necessidades e expectativas, da mesma forma que o processo de avaliação, para que estrangulamentos sejam corrigidos.

Nessa medida, *Nas Trilhas do Empreendedorismo Social*, que dá título à presente publicação e, também, ao Programa de Extensão Universitária inscrito na FURG, recebe, como seu primeiro capítulo, uma abordagem conceitual aprofundada sobre as noções de inovação e de empreendedorismo, especialmente, na perspectiva social. A abordagem intitulada *Inovação e Empreendedorismo Social: conceitos introdutórios e aplicação* foi apresentada pelo pesquisador Prof. Dr. Pedro Roque Giehl, que é um dos grandes apoiadores do GES e que aceitou, gentilmente, o convite para produzir este texto.

O segundo capítulo apresenta a experiência da primeira edição do *Seminário de Empreendedorismo e Inovação Social*, em março de 2019, com reflexões que fundamentaram sua proposição e serviram de base para as exposições, discussões e análises no momento de sua realização, bem como a socialização de experiências e a articulação de parcerias e novas ações empreendedoras e inovadoras.

Em *Feira Agroecológica na FURG-SAP*, que constitui o terceiro capítulo, Dioges e Darlene, respectivamente, integrante e coordenadora do GES, desdobraram reflexões acerca da importância da viabilização de uma feira agroecológica permanente, dentro da universidade, como forma de despertar a comunidade acadêmica e patrulhense para refletir sobre agricultura familiar, socioeconomia, produção agroecológica e sustentável, consumo consciente, relações de solidariedade e mútua ajuda, bem como o estabelecimento de relações entre estas questões e os cursos de graduação do Campus.

Dialogando com a temática da Feira Agroecológica, as estudantes Ivete, Karine e Nicole tratam da realização do *Brechó Solidário na Universidade* (quarto capítulo), trazendo suas percepções a partir de uma vivência, no meio acadêmico, que envolvem concepções de solidariedade, sustentabilidade e responsabilidade social.

O quinto capítulo é dedicado à apresentação do Curso *Português para Venezuelanos – a inclusão pela língua*, desenvolvido na FURG-SAP por ocasião da chegada, a Santo Antônio da Patrulha, de um grupo de mais de 50 pessoas oriundas da Venezuela, em busca de melhores condições de vida em solo brasileiro. As professoras Franciele e Darlene, ambas do GES, desdobraram reflexões sobre o Português como língua de acolhimento, a inclusão e os processos imigratórios de refugiados, além de trazer importantes relatos acerca do curso desenvolvido e da proposição voluntária de uma professora venezuelana em oferecer um Curso de Espanhol como contrapartida às aulas recebidas de Português.

Thais, por sua vez, produziu o texto *A inclusão pela Língua: uma proposta de acolhimento para crianças venezuelanas*, que constitui o sexto capítulo desta publicação. No texto, a autora apresenta uma reflexão sobre o ensino da língua portuguesa para as crianças venezuelanas que integram o grupo vindo a Santo Antônio da Patrulha em dezembro/2018, sobre o processo de sua inclusão em nova terra através da língua e a preparação inicial para frequentar escolas na cidade.

O sétimo capítulo apresenta o projeto *Linguagem e Fotografia – mulheres e homens campesinos em foco*, que foi desenvolvido, ao longo do segundo semestre de 2018, na comunidade rural Serraria Velha, do 3º Distrito de Santo Antônio da Patrulha, e que resultou, na primeira exposição fotográfica na FURG-SAP, em março/2019, como uma das primeiras atividades da Programação dos 10 Anos de criação do câmpus Universitário. A abordagem foi apresentada a partir do olhar da Profª Darlene e dos estudantes Dioges e Ivete.

Outra ação vinculada à temática da fotografia, como forma de inclusão social e tecnológica, bem como manifestação

cultural e intelectual é apresentada por Dioges no oitavo capítulo. Trata-se do *Workshop de Fotografia: vendo o mundo pelas lentes de uma câmera*, voltado, prioritariamente, para a comunidade universitária, mas também para a comunidade patrulhense.

Encerrando esta publicação, está o texto *Socializando Ideias em Tempos de Pandemia – Diálogos em Ambiente Virtual*, de Darlene e Dioges, como nono e último capítulo. Esta ação foi organizada para o período em que as atividades acadêmicas presenciais foram suspensas, quando há a necessidade de a população brasileira e mundial manter o distanciamento e isolamento social, na medida do possível, por uma questão de saúde individual e coletiva. Nesse contexto e observando a importância de realizar estudos, discussões e análises, especialmente voltados para os universitários e para pessoas interessadas da comunidade, foi organizado o presente projeto, que viabiliza, periodicamente, *lives* temáticas com convidados de diferentes áreas – a periodicidade é, em média, quinzenal. Os diálogos, em ambiente virtual, têm tido grande participação de público que assiste às *lives* e interage frequentemente, o que tem colocado o GES e a FURG-SAP em grande evidência regional e estadual.

Em síntese, muitas foram as pessoas envolvidas para que esta obra pudesse se tornar pública e as reflexões, a partir de estudos e experiências, fossem socializadas. Assim, fica nosso agradecimento aos que contribuíram para a escrita e nosso desejo de boa leitura aos interessados em questões de empreendedorismo social.

Darlene Arlete Webler
Universidade Federal do Rio Grande

INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO SOCIAL
Conceitos Introdutórios e Aplicações

Pedro Roque Giehl*

Os conceitos de inovação e empreendedorismo, assumidos juntos ou separados, são mais consolidados nas ciências econômicas e administrativas, mas não são exclusivos, e suas acepções podem e são aplicadas em diversos campos da realidade social e em distintas áreas de pesquisa e do conhecimento científico. E, devido a essa vasta aplicação, as compreensões, também, podem adquirir sentidos genéricos e com significados distantes da sua epistemologia. Por isso, embora sejam termos usados no cotidiano, cabe refletir sobre seus sentidos originários e condições de sua distinta aplicação.

O termo *inovação* remete às noções de novidade pela geração de algo novo ou pela renovação de algo já existente. A palavra deriva do termo latino *innovatio*, usado para se referir a métodos de realização ou a objetos criados que não existiam anteriormente naqueles padrões. Assim, o termo *inovação* designa pensamentos, comportamentos, objetos, produtos, coisas, métodos (...) que são novos, por serem objetiva e qualitativamente diferentes das formas existentes. O que não pode ser confundido com originalidade, pois esta é aplicada a criar algo que não existia. Assim, ser original é ser inovador, mas ser inovador nem sempre é ser original.

---

* Doutor em Administração (UNISINOS), professor de 'Gestão e Empreendedorismo' na Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha, integrante do Conselho Municipal do Meio Ambiente de Novo Hamburgo/RS e estudioso das temáticas de inovação e empreendedorismo social.

A realização de inovações pode implicar a promoção de mudanças em contextos de realidades, envolve os agentes que as realizam e pode assumir a condição do processo ou do resultado. Enquanto processo, expressa o método de ação de fazer o novo de forma diferente. Já o resultado é tido como a introdução de uma nova coisa (produto) ou uma nova forma de proceder (processo) e de se posicionar e relacionar no mercado, nas relações sociais, organizacionais públicas e privadas. E, nisso, os agentes que criam, também, são recriados ou inovados pelas suas próprias inovações, em uma dinâmica contínua de aprendizagem e de consciência da realidade e das relações. Sendo assim, criadores, criaturas e seus processos não podem ser compreendidos como totalmente separados, mas dinamicamente articulados e implicados entre si.

A introdução de uma novidade pode alterar um conjunto de processos e viabilizar inúmeras formas diferentes de coisas e realidades. Em outras palavras, a inovação tem limitada previsibilidade de impacto e difusão, tendo ou não a intenção de gerar incrementos, modificações e/ou rupturas radicais com os padrões anteriormente existentes. Isso porque as inovações costumam liberar fatores anteriormente presos ou despotencializados, cujas forças ativadas geram dinâmicas próprias e impactantes sobre um conjunto de outros fatores e realidades. Contudo, as inovações, também, são altamente destrutivas, porque tornam produtos e processos obsoletos. Essa dinâmica é conhecida, nas ciências econômicas, como **destruição criativa** e exige atenção especial, na gestão das organizações, para manter as condições de atualidade centrais para sua eficiência e eficácia.

Em qualquer campo em que as inovações ocorrem, elas podem ser classificadas pela capacidade de gerar impacto de criação e destruição, como sendo incrementais, radicais ou revolucionárias. Essa classificação foi adotada, originalmente, nas ciências econômicas para classificar invenções tecnológicas de impacto nas cadeias produtivas. Atualmente, esta classificação, com acepção similar, é usada em outras áreas e realidades, tais como, nas ciências da saúde, em problemas sociais, na cultura, na educação, dentre outras.

Por **inovações incrementais**, compreende-se aquelas periféricas, que ocorrem constantemente, modificando produtos, processos, realidades setoriais. Como são evolutivas, tendem a não ter grandes percepções de impacto e não ser assimiladas com relativa facilidade pelos mercados e pelas sociedades. São exemplos dessa inovação a criação de novos modelos de aparelhos, máquinas e equipamentos; a utilização de novos compostos de mariais; novas formas de organizações e relações sociais; redirecionamento e aperfeiçoamento de remédios; dentre outras.

As **inovações radicais** se caracterizam por serem intensas e intermitentes, pois incidem sobre ciclos de longo prazo, modificando condições socioeconômicas pela introdução de novos ferramentas materiais e/ou processos e costumam viabilizar um vasto leque de inovações incrementais. Elas são percebidas nos setores em que ocorrem e tendem a ter repercussão nas sociedades como um todo. São exemplos desse tipo de inovação a descoberta de vacinas que controlam doenças em massa, evitando ou solucionando pandemias; a fabricação de redes materiais, como a fibra ótica, que viabiliza a internet de altíssima velocidade e estabilidade em escala global; a geração de novas fontes de energia e alimentação; dentre muitas outras.

As **inovações revolucionárias** costumam modificar os paradigmas organizativos e os modelos socioeconômicos e culturais das sociedades. Costumam ser mudanças sistêmicas e estruturais, de rupturas muito intensas e abrangentes, para além área geradora. Como as mudanças são profundas, costumam gerar crises socioeconômicas ou serem saídas disruptivas delas, colocando as relações em outros patamares. São exemplos desse tipo de inovação a descoberta da penicilina, viabilizando o controle antibiótico de doenças; as rupturas em sistemas econômicos e sociais, com a viabilização do capitalismo, o socialismo e os enfoques de gestão nacionalista e internacionalista, dentre outros; as revoluções tecnológicas na evolução industrial do mundo (como o uso do aço e a energia elétrica na atividade produtiva, viabilizando as cadeias produtivas de larga escala, e o desenvolvimento do chip, proporcionando

a inteligência artificial, a indústria 4.0 e um achatamento e aproximação das relações sociais, econômicas, culturais e políticas em escala global); a descoberta e desenvolvimento da nanotecnologia com inúmeros impactos nas distintas áreas da vida e do mundo.

As condições sociais e materiais das inovações, via de regra, já existem de forma ativa ou inativa nas sociedades, mas como meios empregados despotencializadamente. As novas maneiras de uso, de combinação e de alocação desses recursos, permitem saltos qualitativos que podem retirar a economia e/ou as realidades sociais das relações cíclicas de reprodução ensimesmada e em dinâmicas subdesenvolvidas.

Por outro lado, existe uma relação dinâmica e mutuamente implicada entre a qualidade e os ritmos de criação e a velocidade da difusão das inovações com as condições de desenvolvimento socioeconômico e cultural das sociedades. As inovações levam ao desenvolvimento, e as autonomias e sinergias geradas por índices altos de desenvolvimento humano turbinam e qualificam os processos inovadores. Isso porque as novidades requerem aptidões para seu uso, reprodução e superação, sejam elas tecnológicas, sociais, sejam culturais. E a capacidade de absorção e difusão depende das aptidões existentes, não só para assimilar a novidade, mas também para partir desta para gerar novos conhecimentos com potencialidade de criação e recriação. Ou seja, reconhecer e assumir as inovações quando elas ocorrem, pois o atraso na sua assimilação despotencializa os processos continuamente inovadores.

Contudo, mesmo com esta condição social, institucional e organizacional propensa ou não, as inovações tendem a ser protagonizados por indivíduos talentosos e criativos que fazem a diferença dentro das coletividades e contribuem, decisivamente, para sua dinamização. Esses indivíduos são os sujeitos empreendedores, pois tendem a ter aptidões mais acusadas para perceber as necessidades e as possibilidades da mudança e têm a energia para mobilizar os recursos para a viabilização da novidade.

O reconhecimento do papel central dos indivíduos, no protagonismo histórico, é recente. As teorias sociais e doutrinas políticas coletivistas tentaram manter os indivíduos aprisionados em sistemas, corporações, instituições e organizações. Não se desconhece o papel formador e condicionador das individualidades. A condição pós-moderna tem evidenciado algo que sempre existiu nas mudanças e nas conquistas sociais, mas se têm mantido no anonimato coletivo ou como protagonismo personalista de dirigentes organizacionais ou institucionais. No entanto, ambas as referências costumam estar distantes do real protagonismo realizador.

1. Inovação e empreendedorismo social

Os conceitos e as práticas de inovação social são antigos e se mostraram mais intensos e abrangentes em períodos em que tiveram a conjugação de necessidades sociais (demanda) e condições socioeconômicas para atendimento (oferta), como foi o período de grande crescimento industrial da primeira e segunda fases da revolução industrial e a massiva urbanização. A auto-organização mutualista dos operários, as iniciativas de empresários e os programas governamentais viabilizaram ensaios de universalização do acesso à habitação e à alimentação a massas de camponeses excluídas, na perspectiva de se tornarem trabalhadores urbanos. As clássicas experiências de fábricas e assentamentos rurais socialmente orientados, dos socialistas utópicos, e as comunidades autogestionárias de operários, em diversas metrópoles, são exemplos dessas iniciativas. Ao mesmo tempo, verifica-se, ao longo da História, que períodos de intensa e extensa miséria, como nas guerras, pandemias e catástrofes naturais, as iniciativas têm sido mais assistencialistas e compensatórias do que com o enfoque inclusivo. Isso reforça a convicção dos teóricos de inovação e empreendedorismo social de que as condições propensas para iniciativas diferenciadas precisam conjugar as condições da necessidade (demanda social) e a possibilidade da oferta (capacidade de realização das iniciativas resolutivas).

Essas formas de abordagem e iniciativas emergiram, mais fortemente, nas últimas décadas do século XX e nas primeiras do século XXI, em um contexto social que se caracteriza pelo aguçamento das grandes transformações socioeconômicas, políticas e culturais do mundo, globalizando as relações reais e virtuais e, com isso, achatando os acessos e dinamizando realizações.

Esse processo também evidencia as contradições econômicas da economia de mercado, pela geração de crises cíclicas, a concentração de riqueza e a massiva exclusão social, apesar do crescimento da capacidade produtiva. Da mesma forma, viabilizou-se um padrão de consumo que ultrapassa a capacidade natural de reposição energética e material do planeta, mesmo com mais da metade da população do mundo mantida em subconsumo.

Os estados nacionais e os organismos internacionais têm se revelado incapazes de agir estratégica e resolutivamente sobre os grandes problemas sociais e ambientais, revelando um quase estado semifalimentar da gestão pública, por revelar-se incapaz de resolver e, em muitos casos, mais opressivo, corrupto e violento do que os elementos ativos nas realidades.

Ao mesmo tempo, o século XX viabilizou e superou os projetos utópicos de sociedade (sistemas perfeitos), revelando que as pessoas, as organizações, as instituições, as estruturas e os sistemas sociais são naturalmente imperfeitos e carentes de contínua inovação e aperfeiçoamento. Essa é uma das principais razões da crise existencial das organizações de esquerda e do mal-estar generalizado acerca das razões, questões e práticas políticas.

Essa realidade é definida por Bourdieu (2012) como **a miséria humana e do mundo**, por ainda existirem grandes contradições nas estruturas econômicas e sociais e para as quais o conhecimento e as escolhas racionais se revelam incapazes de produzir soluções efetivas. Dentre as contradições, destacam a grande capacidade de geração de riqueza, através da acelerada inovação tecnológica, viabilizando o altíssimo padrão de consumo para restritas parcelas sociais, enquanto persiste a pobreza absoluta e a múltipla exclusão de massivos

contingentes populacionais. Essas contradições existem em escala global e se devem, principalmente, à dinâmica de mercado que orienta as relações econômicas e a presença e atuação limitada dos estados nacionais e dos organismos mundiais na regulação das relações econômicas e na promoção da emancipação social das populações excluídas.

O consenso liberal, consolidado na década de 1980, após a inviabilização estrutural dos sistemas socialistas e nacionalistas, indica soluções padronizadas e ligadas à dinâmica de mercado para um leque diferenciado de realidades, inclusive nos serviços públicos essenciais. Mas isso representou, basicamente, uma ampliação das oportunidades de negócios, pela exploração de novas fronteira econômicas, sem ser solução para o flagelo econômico da pobreza crescente no mundo. As soluções reais dependem da ampliação do enfoque interpretativo dos problemas e das realidades e da adoção de medidas resolutivas integrais e duradouras. Isso passa por ampliar e qualificar as estruturas e as instituições governamentais, articulando-as com o protagonismo da sociedade civil, com foco em resultados efetivos e com processos eficientes de organização e gestão, sem renunciar à condição de serem públicas e nem à missão de serem socialmente transformadoras.

Essa é a perspectiva em que se coloca a inovação e o empreendedorismo social como oportunidades que advêm das realidades econômicas e sociais, cujas dinâmicas de mercado são falhas e as ações das instituições do Estado são limitadas ou ausentes, causando a exclusão social. Nesses contextos, os problemas gerados, nas estruturas e nos sistemas socioeconômicos, podem ser insumos de iniciativas empreendedoras inovadores, capazes de levar a promover mudanças incrementais, melhorando as condições de vida ou radicais nos sistemas que alterem, estruturalmente, as condições de acesso.

Nesse enfoque, as contradições presentes, nas realidades sociais, são compreendidas como oportunidades para se desenvolverem iniciativas novas e criativas para resolvê-las ou para diminuir, significativamente, os efeitos

na vida das pessoas. Dessa forma, a **inovação social** pode ser entendida como *o processo de conhecimento aplicado a necessidades sociais, com a finalidade de gerar soluções novas e duradouras para grupos sociais, comunidades ou para a sociedade em geral* (BIGNETTI, 2011).

Contudo, Giehl (2014) enfatiza que os processos de inovação social precisam ter foco nos resultados e que esses não se separam dos processos que os geraram. Isso porque a clássica prática de que 'os fins justificam os meios' é falsa nos processos de inclusão e emancipação de grupos sociais ou nos processos estruturais de transformação social. O resultado é substancialmente contagiado pelos processos que o geraram, melhorando e enriquecendo-o ou piorando e empobrecendo. Essas sejam, talvez, as principais lições que as tragédias das experiências de socialismo real trouxeram à humanidade. Com sua imposição pelo terror revolucionário, apenas conseguiram mantê-las em práticas autoritárias, contraditórias e opressivas às sociedades como um todo e às minorias de forma mais intensa.

As iniciativas de inovação e empreendorismo social têm por objetivo atender às demandas/necessidades sociais. Elas são viabilizadas e difundidas por organizações, cujos objetivos principais são sociais – por empreendedores sociais individuais, por organizações empresariais e por instituições públicas. Para Mulgan (2006), o ponto de partida é a percepção de necessidades atendidas, juntamente com a condição e com a idéia de metodologia de como o atendimento poderia ser provido. Essas necessidades podem ser complexas, mas, na maioria das realidades, tendem a ser evidentes e óbvias, porque semelhentes a outras realidades de pobreza e exclusão. Entretanto, as soluções tendem a ser complexas e requerem processos especícificos de implementação, de difícil replicagem metodológica e processual.

Em termos gerais, para que as novidades sejam aceitas e difundidas, depende das realidades e das características do que se propõe a realizar. Nesse sentido, Mulgan *et al* (2007) (*Apud*: Giehl, 2014) apresentaram um ensaio de

modelo contendo os principais elementos referenciais de possibilidades efetivas:

a) A existência de vantagens relativas ou a escolha da melhor solução para a realidade: a inovação precisa ser melhor que as alternativas para atender às demandas. Isso já pode ser identificado durante o processo de diagnóstico da realidade e nos processos de planejamentos, principalmente, quando esses têm metodologia participativa dos participantes mobilizados e dos participantes em atendimento ou beneficiados. Essas vantagens, pela capacidade replicadora, podem ser ampliadas em ações de médio e longo prazos. Mas pode, também, revelar a necessidade de ajustes ou substituição, caso se revele menos eficaz do que outras soluções identificadas em leituras atualizadas.

b) O aferimento de resultados observáveis: as inciativas devem ter, nos seus planos, os indicadores de desempenho. Esses podem ser evidenciados nos impactos alcançados na mudança nas realidades. Eles costumam ser a melhor maneira de demonstrar as vantagens relativas do empreendimento. Contudo, evidências não podem ser ignoradas ou relativizadas, quando coincidem com a expectativa dos protagonistas da inovação, pois maquiaria o desempenho. Nesse sentido, um dos grandes desafios é o desenvolvimento de formas eficazes de identificação, organização e acompanhamento dos dados de valores gerados nos empreendimentos de inovação social.

c) A compatibilidade com as realidades e as condições complementares: as inovações precisam ser compatíveis com as aptidões e com as capacidades que já existem ou que possam ser mobilizadas. Quanto mais uma novidade for compatível com o já existente, maior será a viabilização da sua rápida expansão. Os elementos críticos para a absorção das inovações podem ser culturais, contribuindo

para a ausência de capacidades de entendimento, de comunicação e de relacionamento.

d) A baixa concorrência: a eficácia da oferta depende muito das alternativas existentes. Dessa forma, as inovações sociais tendem a crescer se a demanda for real, se houver ausência ou insuficiência de ofertas similares e se as condições complementares forem favoráveis. Os governos e suas políticas são variáveis a serem observadas, pois podem ser viabilizadoras de ações centrais ou complementares em temáticas sociais, bem como podem inviabilizar iniciativas se sua presença for efetiva.

e) A simplicidade: as inovações são mais viáveis quando não requerem longos e caros treinamentos ou adaptação de instalações. As ideias se propagam mais facilmente quando há otimização de estruturas e condições complementares favoráveis. Quando as modificações, nos *habitus* relacionais e nas estruturas existentes nas realidades, forem de difícil viabilização, pode comprometer a adesão às novidades.

Entretanto, o que deve orientar a inovação e o empreendedorismo social é a capacidade de gerar valor e agregá-lo às realidades, institucionalizando novas práticas e relações. Nesse sentido, as inovações sociais, diferentes das econômicas, que podem ser basicamente instrumentais (inventando uma nova máquina, ferramenta ou uso de material), são, essencialmente, imateriais e processuais. Podem, também, ter a criação instrumental, mas sempre como elemento integrante do processo emancipador.

Assim, o resultado das inovações sociais se manifesta como mudanças nas atitudes, nos comportamentos e nas percepções dos indivíduos participantes, resultando em novas práticas sociais, como ensina Cajaiba-Santana (2013), em diálogo com as acepções de novos *habitus* relacionais restruturadores da constituição social, frutos de novas consciências da realidade, na compreensão de Bourdieu (2004). Trata-se de mudanças que só podem ser estimuladas

por agentes geradores da inovação, mas não podem e nem devem ser controladas por eles, uma vez que são efetivamente criadas pela emancipação dos indivíduos participantes e, decorrente disso, podem ocorrer as múltiplas iniciativas transformadoras das realidades e das pessoas.

Dessa forma, a mais evidente característica do **valor social** é a mudança adquirida, nas realidades sociais, como processo e como resultado. "*We are not only talking about changes in the way social agents act and interact with each other, but also changes in the social context in which these actions take place through the creation of new institutions and new social systems*[1]*"* (CAJAIBA-SANTANA, 2013, p.55).

Por outro lado, é necessário compreender essas inovações como essenciais e continuamente abertas. Suas ideias iniciais podem ser modificadas antes do processos iniciar e ao longo do desenvolvimento das experiências, principalmente, para sintonizar as iniciativas com a eficácia na realidade. Se não tiverem a capacidade de evoluir, as ideias inovadoras podem restringir-se apenas a nichos de demanda e à oferta suficiente para atendê-las; dificilmente, alcançarão a escala suficiente para desafiar e modificar realidades expressivas (MULGAN *et al*, 2007).

Dessa forma, a inovação social precisa trazer em si as capacidades de difusão e as condições materiais e processuais da evolução e autossuperação. Essas mudanças permitem a moldagem das iniciativas a novas realidades e a peculiaridades metodológicas dos agentes realizadores das ações. A evolução das ideias inovadoras relaciona-se, principalmente, às necessidades adaptativas das distintas realidades, às convicções dos agentes e às aptidões e capacidades dos participantes em superar, criativamente, as noções anteriores.

Assim, mesmo que as inovações sejam pontuais e destinadas a realidades específicas, podem se associar

---

[1] "Nós não só estamos falando de mudanças na forma como os agentes sociais agem e interagem uns com os outros, mas também de mudanças no contexto social em que essas ações ocorrem, por meio da criação de novas instituições e novos sistemas sociais" (Tradução nossa).

a outras iniciativas, potencializando e ampliando as conquistas. Da mesma forma, o envolvimento em conquistas parciais pode contribuir para a mudança da consciência política e cidadã dos participantes, levando-os ao empenho para atender a necessidades que antes nem percebiam. E esses processos de conscientização acabam por dialogar com mudanças cada vez mais estruturais e sistêmicas das realidades sociais (CAJAIBA-SANTANA, 2013; BOURDIEU, 2004 APUD: GIEHL, 2014).

Ressalta-se que a inovação social, por todos os pressupostos já apresentados, assume uma perspectiva programática, intermediária entre as clássicas concepções modernas de utopia, vinculadas às rupturas estruturais dos sistemas sociais, por um lado; e ao pragmatismo ativista pós-moderno, segundo o qual, os grandes projetos sociais não têm mais viabilidade histórica, contemporânea e futura, por outro. (GIEHL, 2014)

Dentre as principais recomendações metodológicas da inovação social, está a coerência, a sintonia e o comprometimento entre as práticas sociais e os princípios programáticos. As experiências não devem se distanciar dos referenciais teóricos que orientam a prática, porque, nisso, está a substancialidade das mudanças buscadas; da mesma forma que as formulações conceituais devem ser aplicadas de forma sistemática às realidades, com perspectiva de ação resolutiva concreta e específica. É por isso que, em cada realidade, são realizados processos inovadores específicos, com a dinâmica protagonista dos atores sociais envolvidos, enquanto que as dimensões e os princípios programáticos da inovação social são difundidos e podem ser verificados em realidades transformadas ou em transformação (MULGAN, 2007).

O valor social criado e agregado às realidades viabiliza o fortalecimento da sociedade civil, suas aptidões e capacidades autorrealizadoras. Isso significa que ocorre a criação e a agregação de capital social, tornando-se elemento diferenciador na capacidade organizativa dos territórios produtivos e sociais (PUTNAM, 1996; COLEMAN, 1990). E esse é um dos elementos programáticos centrais da inovação social:

o fortalecimento da sociedade, considerando que nem estados fortes nem mercado dinamizado têm sido capazes de resolver a maioria dos problemas sociais. Sociedades fortalecidas, aptas, interpeladas e portadoras das capacidades realizadores podem modificar realidades específicas e interferir politicamente sobre as instituições dos estados e incidir sobre a dinâmica do mercado, orientando-o para processos inclusores.

Portanto, a capacidade inovadora das sociedades depende do capital social e humano acumulado nelas. Este costuma se revelar na qualidade das relações institucionalizadas como práticas sociais, tornadas naturais, por serem frutos de um processo qualificador da consciência em si e para si das coletividades. Os desafios de criar valor e agregá-lo como capital social aos individuos passam diversas condições relacionais, dentre as quais, Andrew e Klein (2010) destacam: (1) as redes de relacionamentos interpessoais qualificadas, contínuas e estáveis; (2) a adoção da reciprocidade como pricipal norma social, pois ela leva à colaboração solidária como atitude pessoal e relacional; e (3) a confiança advinda da estabilidade das relações pessoais, organizacionais e instituicionais, traduzidas em solidariedade orgânica. Segundo os autores, há relações cíclicas e causais em que o capital social é, ao mesmo tempo, gerador e gerado nos processos de inovação social, de formas que as realidades intensas, em capital social, têm mais capacidade inovadora e resolutiva dos seus problemas. E em dinâmica geradora, a inovação social leva a formar e acumular capital humano e social das realidades que transforma, fortalecendo a sociedade civil. E é esse sistema cíclico de dinamização das mudanças que leva ao aperfeiçoamento e à superação das estruturas e relações falidas e obsoletas nas sociedades. Para isso, não é necessária uma utopia ou projeto sociopolítico perfeito, mas uma leitura constantemente crítica das falhas e incorências a serem superadas. Ou, como ensina Santos (2004), o fato de não termos um lugar perfeito em vista não nos impede de mudar, constantemente, o lugar onde estamos e melhorar, continuamente, as relações que temos, mesmo que jamais se tornem perfeitas. Até porque a perfeição mostrou-se estar distante das criações humanas.

2. Empreendedorismo social

Os conceitos e as características do empreendedorismo social são, em parte, semelhantes ao econômico e empresarial, principalmente, no que se refere ao comportamento dos agentes empreendedores. Em ambos os casos, as condições empreendedoras e suas características estão associadas à atitude de iniciativa e à aptidão e capacidade de ação resolutiva de indivíduos, de grupos, de organizações e de instituições públicas sobre questões da realidade (Giehl, 2014).

Embora a acepção seja antiga, o termo empreendedor (*entrepreneur*) teve origem na França, no século XVII, designando pessoas ousadas e empenhadas em estimular o progresso econômico com novas formas de ser e agir. Contudo, foi com o economista Jean-Baptiste Say, no século XIX, que o conceito passou a ser vinculado com indivíduos realizadores, portadores da capacidade de mobilizar e mover recursos em baixa relativa de agregação de valor, para áreas e processos de desempenho superior. Dessa forma, as acepções de empreendedor estão vinculadas à geração e à agregação de valor em patamares superiores aos existentes ou imediatamente alternativos. Esse valor está associado ao campo das iniciativas. Sendo assim, os empreendimentos econômicos geram valor econômico e agregam capital às organizações ou à remuneração e ao lucro para seus proprietários. Os empreendimentos sociais geram valor social, que é agregado aos grupos sociais e/ou à sociedade como um todo, aumentando o capital social disponível nas relações e na capacidade autorrealizadora das comunidades. Da mesma forma que Empreendimentos culturais, políticos ambientais (...) geram e agregam valor em seus campos.

O uso dessas referências consolidadas, nas dinâmicas empresariais e em realidades e dinâmicas sociais, podem ter eventuais incoerências, mas permitem atribuir muitos conceitos e utilizar um conjunto de ferramentas para dar mais objetividade e coerência ao esforço empreendedor e mobilizar um conjunto de atores familiarizados com essas referências

no mundo dos negócios. São, portanto, úteis e suas inconsistências devem mobilizar o esforço esclarecedor da pesquisa das ciências sociais puras e aplicadas. Contudo, tem-se a convicção de que essas categorias não são exclusivas de um campo de conhecimento e sua aplicação em dinâmicas e realidades sociais enriquece a compreensão e as práticas empreendedoras, até na gestão dos seus processos e recursos. Ademais, as fronteiras dos setores e dos processos econômicos, sociais, políticos, culturais e ambientais estão cada vez mais diluídas pela mútua implicação setorial e processual, na afirmação de Yunus (2008).

Dito isso, como ressalva talvez necessária, cabe aprofundar os conceitos e características dos sujeitos empreendedores como agentes das mudanças substanciais, pois tendem a estabelecer novos padrões e exploram novas possibilidades. Por isso, são mais capazes de romper dinâmicas circulares e estáveis para que os saltos qualitativos possam ocorrer. Ou seja, os empreendedores sociais se caracterizam por serem catalisadores das inovações para a transformação das realidades. E isso é compreendido como papel e característica típica de indivíduos realizadores e responsáveis pelas iniciativas. Os indivíduos não são os únicos, mas são os atores centrais para que o empreendedorismo transformador ocorra, mesmo quando for através das organizações e das instituições, pois eles se responsabilizam por tornarem as organizações realizadoras, embora o perfil e a cultura organizacional e os espaços socioinstitucionais, ocupados pelos indivíduos, facilitam ou dificultam as condições (DEES, 2001).

Outra característica importante dos empreendedores é a atenção e a iniciativa de aproveitamento das oportunidades para criar ou recriar mudanças e buscar desempenho superior. São, para isso, sujeitos mobilizadores e alocadores de recursos e talentos para ampliar suas capacidades empreendedoras para atingir os objetivos propostos. Esses objetivos não necessariamente estão na geração da inovação, mas na exploração de oportunidades geradas por elas nas realidades.

Dessa forma, o empreendedorismo social depende, fundamentalmente, dos sujeitos empreendedores que, enquanto indivíduos, estão interpelados por causas sociais realizáveis. Suas realizações são facilitadas ou potencializadas quando puderem agir dentro de organizações ou instituições propensas. (BORNSTEIN, 2006). São esses indivíduos atuando por si (sozinhos ou em grupos) ou através de organizações. Mobilizam e alocam os recursos para modificar realidades sociais de acordo com as leituras e convicções sobre os processos das demandas existentes. Dessa forma, é inerente à condição empreendedora assumir os riscos sobre os recursos e sobre o desempenho das iniciativas nas realidades e nas vidas das pessoas envolvidas.

Entretanto, os empreendedores sociais se distinguem dos ativistas ou militantes sociais ou comunitários, pois estão a serviço de causas políticas, religiosas ou existenciais, em que a crença ou a ideologia guiam a missão. A missão dos empreendedores sociais é a mudança da realidade em si. E, como tal, têm visão estratégica, racionalidade processual e gestão, não guiados em oferecer um serviço em si, mas em obter resultados substantivos. Esses impactos podem ser imediatos ou ocorrerem em médio e longo prazos. Por isso, deve-se ajustar a estratégia operacional aos indicadores de estimativa de retorno e formas contínuas de sustentabilidade das iniciativas (DEES, 2009). Dito de outra forma, a racionalidade administrativa para usar os recursos escassos de forma eficiente, operar em redes de colaboração, para realizar mais com menos esforços, caracterizam a ação empreendedora. E isso, também a distingue das filantropias, das ações de responsabilidade social de negócios e da assistência social governamental. O fato de correrem os riscos sobre os recursos e os processos intensifica a responsabilidade e qualifica os processos, pois necessitam reduzir as falhas e maximizar o desempenho para atingir resultados buscados (DEES, 2001).

Dessa forma, os empreendimentos só podem ser considerados sociais quando a sua missão for a da geração de valor para populações específicas ou da sociedade

como um todo. E esses podem ocorrer em um leque muito amplo de realizações, por iniciativas de pessoais, organizacionais e/ou instituciomais, com capacidades de serem resolutivas e de despertaram os mais diversos interesses.

Nas instituições de ensino e pesquisa, o empreendedorismo socialmente dirigido pode se constituir como campo fértil e interdisciplinar de pesquisa e extensão. O engajamento dos estudantes em projetos bem orientados qualifica sua formação acadêmica e oportuniza que ampliem sua sensibilidade com as causas sociais, mas também qualifica suas aptidões para a leitura, o engajamento e a mudança de realidades sociais. Entendo que é esse o esforço do GES-Grupo de Empreendedorismo Social da FURG, câampus de Santo Antônio da Patrulha, com o qual é um honra colaborar.

REFERÊNCIAS

ANDREW, Caroline; KLEIN, Juan-Luis. ***Social Innovation***: What is it and why is it important to understand it better. CRISES. *Études théoriques*. April, 2010.

BIGNETTI, Luiz Paulo. As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. ***Ciências Sociais Unisinos*** Nº 47 (1), pp.3-14, janeiro/abril, 2011.

_____. A Evolução da Inovação como processo aberto: O caso de uma empresa intensiva em conhecimento. ***Adm. MADE*** (Universidade Estácio de Sá), v.12, pp.51-75, 2008.

BORNSTEIN, David. ***Como Mudar o Mundo***: empreendedores sociais e o poder das novas ideias. Trad. A. Raposo e M. B de Medina. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

BOURDIEU, Pierre. ***A Produção da Crença****:* contribuição para uma economia dos bens simbólicos. 3ª Ed. Trad. G. J. de F. Teixeira e M. G. J. Setton. Porto Alegre: Zouk, 2008.

_____ (Coord.) ***A Miséria do Mundo***. 9ª Ed. Trad. M. S. S. Azevedo, J. A. Clasen, S. H. de F. Guimarães, M. A. Penchel, G. J. F. Teixeira, J. V. Vargas. Petrópolis: Vozes, 2012.

CAJAIBA-SANTANA, Giovany. ***Social innovation***: Moving the Field forward. A conceptual framework. Technol. Forecast. Soc. Change. France, 2013.

COLEMAN, J. S. ***Foudation of Social Theory***. Cambridge: Hadvard University Press, 1990, pp.300-321.

DEES, J. Gregory. ***The Meaning of "Social Entrepreneurship".*** 2001 (Original Draft: October 31, 1998; Reformatted and revised: May 30, 2001).

_____. Social Ventures as Learning Laboratories. ***Innovatinos***, pp.11-15, 2009.

DEES, J. Gregory; ANDERSON, Beth B.; WEI-SKILLERN, Jane. ***Scaling Social Impact****:* strategies for spreading social innovations. Stanford Social Innovation Review. Spring 2004.

GIDDENS, Anthony. ***A Constituição da Sociedade***. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GIEHL, Pedro R. ***O Valor Social Gerado e Percebido em Empreendimentos Econômicos Socioinclusivos***: um estudo de múltiplos casos. São Leopoldo: repositorio.jesuita.org.br, 2014.

_____. ***FUNDOPEM***: Instrumento para Descentralizar ou Concentrar a Indústria no Rio Grande do Sul? Ijuí: Unilivros, 2002.

_____. Olhando e entendendo as realidades. *In*: MACHADO, M. L S.; MOURA, P. G. M. (org.) ***Educador Social***: uma construção profissional. Canoas: Ed. ULBRA, 2011(a).

_____. Gestão de processos sociais. *In*: MACHADO, M. L S.; MOURA, P. G. M. (org.) ***Educador Social***: uma construção profissional. Canoas: Ed. ULBRA, 2011(b).

HORKHEIMER, Max. ***Eclipse da Razão***. Trad. S. U. Leite. São Paulo: Centauro, 2013.

MULGAN, Geoff. ***'The Process of Social Innovation'***. Innovations, Spring 2006, pp.145-162, 2006.

MULGAN, G. ALI, Rushanara; HALKETT, Richard; SANDERS, Ben. In and out of sync – The challenge of growing social innovations. ***NESTA – Making Innovation Flourish***. Research report: September 2007.

POLANY, Karl. ***A grande transformação:*** as origens de nossa época. Trad. F. Wrobel. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

PUTNAM, Robert D. ***Comunidade e Democracia***: a experiência da Itália moderna. RJ: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

SANTOS, Boaventura de Souza. (org.) ***Conhecimento Prudente para uma Vida Decente****: 'um discurso sobre as Ciências' revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004.

SCHUMPETER, J. ***Teoria do Desenvolvimento Econômico***. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1988.

SEN, Amartya. ***Desenvolvimento como Liberdade*****.** Trad. L. T. Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WEBLER, Darlene A. ***A Autogestão na Perspectiva da Análise do Discurso***. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010(a).

YUNUS, Muhammad. ***Um Mundo Sem Pobreza***: a empresa social e o futuro do capitalismo. Trad. Juliana A. Saad e Henrique A. R. Monteiro. São Paulo: Ática, 2008.

SEMINÁRIO EMPREENDEDORISMO E INCLUSÃO SOCIAL
Questões teóricas e práticas empreendedoras

Darlene Arlete Webler*

1. Grupo de empreendedorismo social: *quem somos?*

O Grupo de Empreendedorismo Social – GES se constituiu a partir da criação do Programa *Nas Trilhas do Empreendedorismo Social – interlocução entre universidade e comunidade*, no Campus de Santo Antônio da Patrulha (SAP) da FURG, em março de 2018, com o foco voltado para o incentivo e o desenvolvimento de ações de empreendedorismo social, que buscam interferir e/ou transformar realidades de grupos de pessoas que se encontram desfavorecidas social, cultural e economicamente nos entornos da FURG-SAP. Trata-se de um grupo de estudantes universitários da FURG, egressos de cursos de graduação e pós-graduação, professores da Educação Básica e outros que estudam a temática do empreendedorismo social, planejam e implementam iniciativas que se caracterizam por colocar a ajuda aos outros como um valor central, através da socialização de conhecimentos adquiridos na universidade ou em atividades decorrentes desta. O intuito é tornar melhores as pessoas atingidas e suas comunidades, e, em empreendedores sociais, os integrantes e parceiros do GES.

---

* Doutora em Letras (UFRGS), professora da Universidade Federal do Rio Grande/FURG, vinculada ao Instituto de Letras e Artes, vice-diretora da FURG-Campus SAP, e responsável pelo Programa *Nas Trilhas do Empreendedorismo Social – interlocução entre universidade e comunidade,* ao qual está vinculado o GES. Estuda as temáticas de educação popular, autogestão e empreendedorismo social na perspectiva dos Estudos Discursivos.

Foi na percepção da necessicdade de diálogo e de interlocução entre universidade e instâncias públicas, associativas, comunitárias, escolares, sindicais (…) acerca das demandas de comunidades e de grupos populares específicos, que se coloca a relevância da atuação do GES na FURG-SAP. As discussões sobre ações empreendedoras, articuladas aos perfis dos cursos ofertados no Campus Universitário, contribuem para percepções de realidades e envolvimento de universitários na proposição e no desenvolvimento de projetos e ações, o que remete a um efetivo en(tre)laçamento de teoria e prática, em âmbito de ensino, pesquisa, extensão e cultura.

Assim, o GES tem planejado e desdobrado projetos/ações de inclusão e empreendedorismo social nas modalidades de oficinas, assessorias, cursos, seminários, práticas dirigidas e outros, a partir de aprendizados adquiridos e/ou estudos temáticos. A aproximação entre teoria e prática contribui, significativamente, nos processos de formação dos graduandos e pós-graduandos do Campus FURG-SAP, bem como dos demais sujeitos envolvidos.

O GES segue o seguinte lema: "*É em iniciativas locais, na partilha de conhecimentos e na aplicação de práticas positivas no cotidiano, que empreendedores sociais buscam transformar o mundo e melhorar a vida das pessoas, fazendo a diferença em situações de precariedade ou desfavorecimento social, cultural, econômico".*

2. Empreendedorismo social, inclusão e economia solidária

As noções de empreendedorismo e empreendedor são definidas, nos dicionários, como ligadas à atitude da iniciativa ou à ação resolutiva de indivíduos, de grupos, de organizações e/ou de instituições sobre realidades. De origem francesa ("entrepeneur"), a palavra "empreendedorismo" significa fazer algo novo, designando pessoas ousadas e empenhadas em estimular o progresso econômico com novas formas de ser e de agir. Porém, foi com o economista Jean-Baptiste Say, na década de 1980, que o conceito passou a ser vinculado com o de empresário, de indivíduo capaz de mobilizar e mover,

em baixa produtividade, para áreas de maior produtividade e rendimentos. Assim, ela passou a ser comumente associada à ideia de implementar novos negócios ou mudanças em empresas existentes, com a finalidade de criar algo novo em um setor, ou criar um novo setor para obter ganhos financeiros.

No entanto, em um período mais recente, vem ganhando espaço a concepção de “empreendedorismo social”, que, diferente da associação com a dinâmica empresarial, empreender socialmente significa promover ações capazes de mudar uma realidade, através da utilização de técnicas de gestão, inovação, criatividade, sustentabilidade, entre outras. Nessa medida, os empreendedores sociais buscam transformar o mundo e melhorar a vida das pessoas, utilizando métodos geralmente presentes no cotidiano.

Segundo Rigueiro (2014, p.38), a diferença fundamental entre as noções está no seguinte: “empreendedores tradicionais correm riscos em benefício próprio ou da organização, [enquanto que] os empreendedores sociais correm riscos em benefício das pessoas e em função da organização que representa”. Os empreendedores sociais propõem ações que contribuam para o desenvolvimento de estratégias de melhoria contínua do bem-estar de pessoas e comunidades, e participam delas, possibilitando um movimento rumo à emancipação social, cultural, política, econômica.

O empreendedorismo social e a inovação social encontram ambiente favorável em todas as regiões do mundo e não só no chamado “terceiro mundo”, ainda que os índices de pobreza e desatenção pública e social sejam maiores em regiões periféricas do desenvolvimento capitalista, observa Giehl (2014). É, geralmente, nesses espaços, que indivíduos e organizações encontram inúmeras oportunidades para desenvolver projetos de inclusão social. O autor, também, afirma que as demandas são grandes e originadas nas contradições dos sistemas econômicos, nas lacunas das políticas e ações governamentais, e nas fragilidades e abrangência das organizações da sociedade civil ou do Terceiro Setor.

Há espaço e tempo oportunos para o desenvolvimento de iniciativas empreendedoras de cunho social na atual realidade, pela necessidade crescente de transformar realidades adversas e contraditórias, em que os objetivos se voltam para ajudar os outros, grupos específicos de pessoas e comunidades. É, em iniciativas locais, na partilha de conhecimentos, na ajuda mútua e na aplicação de práticas positivas no cotidiano, que empreendedores sociais buscam transformar o mundo e melhorar a vida das pessoas. Dessa forma, fazem a diferença em situações de precariedade ou desfavorecimento social, cultural, econômico.

Giehl (2014) chama a atenção para os elementos da inclusão social, do bem-estar humano e da sustentabilidade como centrais da racionalidade estratégica, que podem auxiliar na compreensão mais ampla do desempenho buscado nos empreendimentos sociais. Como nos processos de empreendedorismo social, a dinâmica de mercado não fornece, em si, os critérios justificadores da mobilização dos recursos nem os elementos verificadores de resultados, sua essência está em gerar melhorias sociais para beneficiários que necessitam delas.

Os empreendedores sociais fazem acontecer mudanças fundamentais em realidades sociais específicas. Tendem a ter visões e iniciativas arrojadas de ataque às causas dos problemas e não só aos sintomas. Para isso, preferem iniciativas que levam à sustentabilidade. Da mesma forma, como se trata de inovação aberta, tendem a conectar suas iniciativas a redes de expansão global, sem perder o foco específico da realidade local em mudança.

Sob a perspectiva da concepção de Economia Solidária, as relações entre as pessoas são pautadas na solidariedade, na vivência dos princípios de cidadania e na realização humana, ainda que em dinâmicas de mercado competitivo e capitalista. Trata-se do princípio da socialização entre posse e uso dos meios de produção e de distribuição pelos trabalhadores. Conforme Singer (2000, p.13), a Economia Solidária constitui um “modo de produção e distribuição alternativo ao capitalismo, criado e recriado periodicamente

pelos que se encontram (ou temem ficar) marginalizados do mercado de trabalho". Então, para aqueles que se associam a essa concepção, fazem-na por uma opção social e política, mas também econômica, em que as práticas associativas e solidárias estão articuladas à necessidade por resultados econômicos – estes, em uma dinâmica de mútua ajuda, de conquista coletiva e colaborativa, opostas às práticas individualistas e competitivas. Para Webler (2010),

> a Economia Solidária, que tem na sua essência a autogestão, pode ser compreendida como uma concepção que se manifesta na atividade socioeconômica de homens e mulheres que se propõem a agirem e a se conscientizarem de seus lugares sociais. (2010, p.251)

O princípio da autogestão pressupõe práticas de democracia, participação, cooperação, inclusão, desenvolvimento humano e responsabilidade social. São, nessas concepções de práticas, que se entrecruzam Economia Solidária e Empreendedorismo Social.

3. Seminário sobre empreendedorismo e inovação social

O *Seminário sobre Empreendedorismo e Inovação Social* teve como objetivo central promover um espaço de discussões, análises, aprendizagens e socialização de experiências empreendedoras, inovadoras e inclusivas na universidade, com a participação da comunidade acadêmica da FURG, de outras universidades e de agentes da comunidade local e regional, sobre as noções de *empreendedorismo social* e de *inovação social*, articulando-as com os programas de extensão universitária e de pesquisas desta universidade.

A realização do Seminário ocorreu nos dias 28 e 29 de março de 2019, na Unidade Cidade Alta, da FURG-Campus de Santo Antônio da Patrulha, em uma promoção do *Grupo Empreendedorismo Social*/GES, que está vinculado

ao Programa de Extensão “Nas Trilhas do Empreendedorismo Social”[1], criado em março de 2018, com vistas ao incentivo e ao desenvolvimento de ações que promovam a inclusão e o empreendedorismo social, em uma dinâmica que busca ajudar na melhoria e/ou transformação de realidades de pessoas e grupos em vulnerabilidade social, cultural e econômica, nas proximidades das duas Unidades do Campus da FURG-SAP. Trata-se de iniciativas que se caracterizam por colocar a ajuda aos outros como um valor central, através da socialização de conhecimentos adquiridos na universidade ou em atividades decorrentes desta, com intuito de tornar melhores as pessoas atingidas e suas comunidades, e, em tornar empreendedores sociais, os universitários envolvidos.

Cabe destacar que ações dessa natureza cumprem um importante papel no processo de formação dos sujeitos universitários, que aprendem a fazer a interlocução entre seus aprendizados e as realidades externas, envolvendo-os e comprometendo-os com as comunidades na busca por maximizar o capital social e por promover a inovação social.

Este Seminário, em sua primeira edição, integrou o conjunto de atividades da programação dos 10 Anos do Campus da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) no Litoral Norte, no município de Santo Antônio da Patrulha: FURG-SAP.

O Seminário de Empreendedorismo e Inovação Social teve início, no dia 28 de março, com a abertura da Exposição Fotográfica *Linguagem e Fotografia – mulheres e homens campesinos em foco* (Figura 1), resultado de um projeto de extensão universitária[2], desenvolvido pelo GES na Comunidade da Serraria Velha – 3º Distrito do município de Santo Antônio da Patrulha. A universidade providenciou a vinda

---

[1] O Programa NAS TRILHAS DO EMPREENDIMENTO SOCIAL está registrado no SisProj/Furg sob o nº EXT-291.

[2] Trata-se do Projeto “LINGUAGEM E FOTOGRAFIA: mulheres e homens campesinos em foco”, realizado em 2018/2, na Comunidade Serraria Velha, que teve como resultado um ensaio fotográfico dos participantes moradores desta comunidade. O projeto é apresentado em outro capítulo desta publicação.

dos participantes do projeto e protagonistas da exposição fotográfica para as atividades de sua abertura.

Figura 1 – Fotos da Exposição LINGUAGEM E FOTOGRAFIA

Fonte: Acervo do GES, 28/03/2018.

As atividades do Seminário tiveram início no dia 29 de março, às 8h, com a acolhida dos participantes ao som de voz e violão de estudantes de graduação e uma breve solenidade de abertura, que contou com a presença da Direção do Campus FURG-SAP, do Polo SAP/UAB, das Coordenações dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação do Campus, de representação da Prefeitura de SAP e de outras instituições públicas, de sindicatos, associações e ONGs, que são parceiros da FURG e do GES. Em seguida, foi realizada a palestra principal deste Seminário, proferida pelo Prof. Dr. Pedro Roque Giehl (autor do primeiro capítulo), sobre *Empreendedorismo e Inovação social*, no período da manhã. Nessa explanação, o Prof. Pedro fez abordagem apresentando conceitos e aplicações relativamente às noções de *empreendedorismo* e *empreendedorismo social*, *inovação* e *inovação social*, a partir de diferentes orientações teóricas. Aos participantes, esta foi uma importante oportunidade de aprendizados e discussões sobre as temáticas centrais do evento.

No turno vespertino, ocorreram três importantes atividades, a saber:

(1) Exposição do Pró-Reitor de Extensão e Cultura/PROEXC, Prof. Dr. Daniel Porciúncula Prado, sobre a *Extensão Universitária da FURG*,

com apresentação da política de extensão e de cultura, dos eixos centrais e de sua estrutura atual, que se constitui de Diretoria de Extensão/DIEX, Diretoria de Arte e Cultura/DAC, Complexo de Museus, Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente/CAIC, Editora, Livraria e Gráfica da FURG, Núcleo de Memória Eng. Francisco Martins Bastos/NUME e Centro de Convívio Meninos do Mar/CCMAR. Cabe à PROEXC, "estimular e coordenar programas e projetos de extensão, arte e cultura da FURG, buscando fortalecer a indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão e contribuir em projetos capazes de gerar e disseminar novos conhecimentos que contribuam efetivamente com os diversos setores da sociedade, em especial, os mais fragilizados"[3].

(2) Exposição do coordenador de Empreendedorismo e Incubação de Empresas Jr./DIT/PROPESP, Me. Celso Luís Sá Carvalho, sobre *Política de Inovação Tecnológica da FURG*, que prevê a promoção do desenvolvimento de iniciativas empreendedoras no domínio de novas tecnologias, a organização e o gerenciamento de propriedade intelectual da universidade, de gestão de transferência de tecnologia, entre outras atribuições.

(3) Roda de Conversas "Socializando Experiências Empreendedoras, Inovadoras e Inclusivas", cujas inscrições ultrapassaram 20 experiências, que foram apresentadas pelos responsáveis ou representantes. Entre tais experiências, optou-se, aqui, por destacar as seguintes:

– *Programa de Economia Popular e Solidária em Novo Hamburgo*, apresentada por Eloísa a ECOSOL – produção de alimentos.
– *Projeto Mulheres Empreendedoras da ACISAP*, apresentada por Daniela Rocha da ACISAP.

[3] Disponível em: https://www.furg.br/pro-reitorias/pro-reitoria-extensao-cultura

– *Programa de Acolhimento de um Grupo de Venezuelanos em Santo Antônio da Patrulha* em dezembro de 2018, que foi apresentado pelo Prof. Dr. Jorge Gamarra (FURG), coordenador geral da Comissão de Acolhimento de SAP, que reuniu mais de 30 instituições públicas e privadas.
– Projeto *Curso de Português para Venezuelanos: a Inclusão pela Língua*, desenvolvido em dezembro/2018 e janeiro/2019, de promoção do GES, foi apresentado pela Prof. Me. Franciele Krumenauer, coordenadora do projeto e integrante do GES.
– Projeto *Linguagem e Fotografia*, desenvolvido de setembro/2018 a dezembro/2018, de promoção do GES, foi apresentado pelas estudantes Tatiani Krech e Aline Beatriz Oliveira, ambas integrantes do GES e responsáveis pelo projeto.
– Cursos *Populares Pré-Enem e Pré-vestibular UFRGS,* desenvolvido nos anos entre 2006 e 2010, de promoção da ACIS/Canoas, foram apresentados pela Prof. Darlene, coordenadora dos cursos, associada fundadora da ACIS/Canoas e atual coordenadora do GES.
– Projeto *SACI – Curso Pré-Universitário da FURG-SAP*, apresentado pelas estudantes Danize de Souza e Raquel Lopes, coordenadoras e monitoras voluntárias do projeto.
– Projeto *Curso Preparatório para ingresso em Institutos Federais e Fundações Públicas de Ensino Médio e Tecnológico do Vale dos Sinos*, apresentado pelo estudante Dioges Giehl, monitor voluntário de Matemática.
– Projeto *Empresa Júnior EngerSolution Consultoria Jr. da FURg-SAP*, apresentados pelos estudantes Dionísio de Souza e Bianca Damos.
– Projeto *Associação Atlética Acadêmica FURG-SAP (AAAFS)*, apresentada pelo estudante Taciano Lopes.

– Projeto *Experiências Extracurriculares do PET / FURG-SAP*, apresentado pela estudante Tayssa Resende.

Simultaneamente às atividades de exposições e discussões do Seminário, ocorreu a Feira Agroecológica e de Economia Solidária, que contou com a participação de agricultores familiares do município, de estudantes da agricultura familiar do Litoral Norte, de estudantes da Casa dos Estudantes Universitários da FURG-SAP e de grupos de Economia Solidária do Vale dos Sinos, que ofereceram almoço, alimentos para lanches, frutas, verduras, folhosas, grãos, farinhas, queijos, embutidos de carne, artesanatos, entre outros produtos artesanais e familiares. Assim, os participantes do Seminário puderam prestigiar, também, a feira, consumir alimento saudável no almoço, conhecer os produtos e as pessoas que os produzem, adquirir esses produtos e aproveitar o ambiente descontraído e agradável do ambiente externo no Campus Universitário.

Seguem, abaixo, alguns registros fotográficos do Seminário de Empreendedorismo e Inovação Social, em sua primeira edição (Figuras 2 a 4).

Figura 2 – Exposições da manhã

Fonte: Acervo do GES, 29/03/2018.

Figura 3 – Exposições da tarde

Fonte: Acervo do GES, 29/03/2018.

Figura 4 – *Roda de conversas (Tarde)*

Fonte: Acervo do GES, 29/03/2018.

4. Considerações finais

A realização do *Seminário sobre Empreendedorismo e Inovação Social* superou as expectativas de público (inscrição e participação), de cumprimento das atividades e de qualidade nas abordagens e discussões. Sua preparação foi desafiadora para o GES, tendo em vista a pequena equipe executora, o pouco tempo para a organização e os recursos escassos.

O trabalho preparatório foi marcado pela mútua ajuda e muito empenho, tanto na organização geral do *Seminário* (Conferência, exposições e debates – manhã e parte da tarde) como do *Espaço cultural* ('Voz e Violão', no início da manhã, até a abertura), da *Roda de Conversas* (na 2ª parte da tarde) e da *Feira Agroecológica e de Economia Solidária*, que ocorreu, simultaneamente, com foco no intervalo para almoço. O cronograma previsto, também, foi respeitado, de forma que todas as atividades pudessem ocorrer conforme o planejado.

Quanto ao público, houve inscrições de número aproximado a 140 pessoas, além de mais de 30 pessoas

que se fizeram presentes sem estarem previamente inscritas. Os participantes foram da comunidade acadêmica da FURG e de outras Instituições de Ensino Superior, de lideranças públicas e sociais, e da comunidade regional em geral. Todos muito interessados e atentos às exposições sobre a temática do Seminário, bem como participativos nos momentos de discussões. Cabe observar que a expectativa inicial era de reunir, em torno de 50 pessoas, entre comunidade acadêmica e comunidade local. Assim, a distribuição dos espaços e a acomodação das pessoas, na maior sala da Unidade Cidade Alta do Campus da FURG, em Santo Antônio da Patrulha, precisaram ser muito bem organizadas, o que acabou sendo possível.

No encerramento do Seminário, propiciou-se um breve momento para manifestações de avaliação do evento e sugestões, bem como a orientação de encaminhamentos posteriores à equipe de execução, para servirem como material de avaliação e análise. Cabe destacar que muitas parcerias e novos projetos surgiram a partir do Seminário sobre Empreendedorismo e Inovação Social, assim como do desejo de novas edições. Registra-se, aqui, o GES optou por não fazer a 2ª edição em maio/2020, conforme previsto, em função da pandemia de Covid-19, mas organizá-la para o primeiro semestre de 2021, de forma presencial, se possível, na Unidade Bom Princípio da FURG– Campus de Santo Antônio da Patrulha. Para 2020, estão ocorrendo algumas ações solidárias, inclusivas, inovadoras e empreendedoras, de forma adaptada ao cenário atual, no entendimento de que tais práticas são essenciais para a vida de pessoas e comunidades em estado de precariedade e vulnerabilidade social e econômica, agravadas no Brasil pela pandemia.

REFERÊNCIAS

FURG/SISPROJ. ***Seminário sobre Empreendedorismo e Inovação Social***. Projeto de Extensão EXT-1016. FUR, 2018.

GIEHL, Pedro R. ***O Valor Social Gerado e Percebido em Empreendimentos Econômicos Socioinclusivos***: um estudo de múltiplos casos. São Leopoldo: repositorio.jesuita.org.br, 2014.

OLIVEIRA, E. ***Empreendedorismo Social no Brasil***: fundamentos e estratégias. Tese de Pós-graduação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio de Janeiro, Brasil, 2014.

RIGUEIRO, Inês Cipriano. ***Desenvolvimento Local Sustentável***: Uma abordagem à sustentabilidade dos Projetos de Empreendedorismo Social. [127 p.] Dissertação (Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo, Universidade de Coimbra) – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, [*S. l.*], 2014.

SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo (Orgs). ***A economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego***. Coleção Economia. São Paulo: Contexto, 2000.

WEBLER, Darlene. ***A Autogestão na Perspectiva da Análise do Discurso***. Pedro&João Editores, São Carlos, 2010.

FEIRA AGROECOLÓGICA NA FURG-SAP
Uma aposta em relações de produção e consumo de socioeconomia

Dioges Webler Giehl*
Darlene Arlete Webler**

1. Apresentação

A feira agroecológica surgiu, em março de 2019, durante a realização do evento *Seminário de Empreendedorismo e Inclusão Social*, momento que foram convidados para participar dela agricultores familiares de Santo Antônio da Patrulha, estudantes da FURG da agricultura familiar, grupos de Economia Solidária de Novo Hamburgo e moradores da Casa de Estudantes Universitários da FURG-Campus SAP. Esta edição de feira atendeu a um desejo antigo de pessoas da comunidade acadêmica e a uma demanda observada do Campus, considerando os cursos de engenharias agroindustriais. Além disso, a organização da feira, durante o Seminário de Empreendedorismo Social, serviu como um teste e mostrou haver demanda e interesse da comunidade ligada à universidade, ao Polo SAP/UAB, bem como aos moradores das proximidades da Unidade Cidade Alta da FURG.

---

* Estudante do Curso de Engenharia Agroindustrial – Indústrias Alimentícias da FURG-SAP, integrante do GES desde sua criação e coordenador do Projeto Feira Agroecológica.
** Doutora em Letras (UFRGS), professora da Universidade Federal do Rio Grande/FURG, vinculada ao Instituto de Letras e Artes, vice-diretora da FURG-Campus SAP; é responsável pelo Programa *Nas Trilhas do Empreendedorismo Social – interlocução entre universidade e comunidade,* ao qual está vinculado o GES. Estuda as temáticas de educação popular, autogestão e empreendedorismo social na perspectiva dos Estudos Discursivos.

Assim, a ideia de feira agroecológica permanente, dentro da universidade, tornou-se uma importante ação a ser implementada pelo Grupo de Empreendedorismo Social – GES, que fez um mapeamento, primeiro, de estudantes universitários do Campus SAP que são de agricultura familiar e de economia popular solidária e, depois, de feirantes de agricultura familiar agroecológica da cidade e das cidades vizinhas – estes, vinculados a feiras desse perfil em sindicatos ou organizações comunitárias. Cada um dos participantes da feira foi entrevistado pelos responsáveis vinculados ao GES e comprometeu-se em cumprir com as regras estabelecidas e, especialmente, zelar pela observação dos princípios básicos – mencionados abaixo. Ao longo de 2019, as feiras ocorreram quinzenalmente, passando para feiras semanais em 2020, até a suspensão das atividades acadêmicas na FURG por conta da pandemia pelo Covid-19.

A feira agroecológica, na universidade, conta com alguns princípios básicos devidamente combinados com os participantes, a saber: (a) relações de solidariedade e ajuda mútua, (b) produção artesanal, agroecológica e sustentável, (c) vivência de economia solidária e (d) prática de preço justo nos produtos comercializados. Cabe destacar que esta feira agroecológica, na universidade, se inscreve na ideia de Economia Solidária, na medida em que ninguém ganha economicamente de forma individualista e competitiva, como se dá nos moldes tradicionais capitalistas, em que “um ganha sobre o outro”. Mas, é, na coletividade, que se busca colocar em prática uma ideia de solidariedade e ajuda mútua na produção e comercialização de produtos saudáveis oriundos de núcleos familiares, tanto do meio agrícola como do meio urbano/periférico (agricultura familiar e de economia popular solidária). A opção por privilegiar a participação de estudantes de agricultura familiar é uma evidente opção pela inclusão de quem está na universidade pública e que pratica os princípios da economia solidária.

2. Prática de Economia Solidária: importância e desafios

A concepção de Economia Solidária se relaciona a uma opção, ao mesmo tempo, econômica e sociopolítica de pessoas que estão ou temem ficar em posição periférica no contexto do mercado capitalista. Trata-se de uma forma alternativa de organização da economia, em que o modo de produção, distribuição e consumo é criado e recriado de acordo com necessidades e demandas dos sujeitos que optam por práticas solidárias, participativas e autogestionárias – e não de acordo com exigências mercadológicas. O modo solidário, na verdade, constitui uma síntese que busca superar relações competitivas capitalistas e produção de mercadorias em que o valor agregado está somente para o lucro.

Pensando, nas práticas de economia solidária no Brasil, pode se dizer que esta é uma dinâmica bastante recente na história, conforme afirma Webler (2010):

> No Brasil, a Economia Solidária surgiu timidamente na primeira metade da década de 1980 e fortificou-se a partir da segunda metade, como reação de movimentos sociais ao desemprego crescente e massivo – elemento estrutural do capitalismo. Na realidade, a concepção de relações solidárias de economia já vem sendo colocada em prática por trabalhadores, ensaiada por pensadores e sistematizada por estudiosos, há cerca de dois séculos. A história nos traz diversas experiências de organização da classe trabalhadora sob formas solidárias. Mas, no período mais recente, no Brasil, que surgem, à luz da Economia Solidária, as cooperativas de autogestão industrial oriundas de empresas capitalistas que entram em falência. (WEBLER, 2010, p.250)

A autora faz referência a estudos desenvolvidos sobre cooperativas de autogestão industrial, à luz da Economia Solidária, em que a opção por colocar em prática relações

democráticas e solidárias entre seus associados no processo produtivo – do planejamento até a distribuição dos resultados – e, ao mesmo tempo, manter um enquadramento externo competitivo, conforme as demandas de mercado, é uma dinâmica extremamente complexa e desafiadora, o que requer um contínuo e atento olhar para possíveis “brechas” que podem colocar em cheque a essência autogestionária. Webler (2010, p.251) chama a atenção sobre a Economia Solidária ter, em sua essência, a autogestão, compreendida como “uma concepção que se manifesta na atividade socioeconômica de homens e mulheres que se propõem a agirem e a se conscientizarem de seus lugares sociais”.

Em linhas gerais, falar em Economia Solidária pressupõe pensar em relações diferentes entre as pessoas, em práticas de solidariedade, democracia, igualdade e equidade, em colocar a coletividade acima de interesses individuais, em pensar, seriamente, na sustentabilidade ambiental. E isso passa pela mudança de comportamento de grande parte dos indivíduos que compõem as comunidades na atualidade. Conforme Jesus e Sparemberger (2009), é importante alcançar o equilíbrio social, ambiental e econômico para que outros objetivos, rumo à construção de uma sociedade solidária e sustentável, sejam possíveis de serem alcançados. Assim, é imprescindível que pressupostos de solidariedade e de respeito mútuo se tornem hábitos na vida em sociedade e possam substituir formas individualistas, competitivas e desiguais tão incrustadas no cotidiano de tantas pessoas. A busca por uma dinâmica diferente de relações, que vai na contramão do acúmulo de riquezas como principal objetivo, é desafiadora, pois implica desenvolver novas formas de convívio social, cultivar do desenvolvimento pessoal voltado para o bem comum, promover o respeito ao meio ambiente e à essência da vida, desacomodar-se e desvencilhar-se de conceitos do atual modelo econômico e social, alimentar novos conceitos, contribuir para a implementação de novas práticas para todos os indivíduos envolvidos.

Nessa perspectiva, a vivência dos princípios de economia solidária torna-se um instrumento que permite

que novas metas possam ser alcançadas pela sociedade, através do desenvolvimento de meios que permitam relacionamentos mais justos e solidários, com intuito de minimizar as desigualdades.

O GES, que se fundamenta em conceitos de empreendedorismo social, solidariedade e inclusão, busca ancorar todas as suas ações na vida das pessoas, considerando seus meios e suas necessidades. Por isso, os conceitos e as práticas de economia solidária atravessam todos os seus estudos e projetos, o que não poderia ser diferente no projeto da Feira Agroecológica FURG-SAP. Assim, ao pensar na concretização da feira com esse perfil dentro do Campus Universitário, com envolvimento de estudantes e parceiros de agricultura familiar, os conceitos de Economia Solidária e de Agricultura Familiar contribuíram, essencialmente, para o estabelecimento dos seguintes princípios básicos da Feira Agroecológica, realizada no Campus SAP da FURG, desde 2019:

a) Relações de solidariedade e ajuda mútua: princípio este que diz respeito às formas de convívio entre feirantes e destes com o público em geral, que circula na feira e no campus universitário. Entre os feirantes, trata-se da dinâmica que substitui o formato competitivo e individualista de um ganhar em detrimento de outro, sem se importar com esforços, adversidades e/ou conquistas alheias.
b) Produção artesanal, agroecológica e sustentável: toda a dinâmica produtiva precisa respeitar o meio ambiente, com práticas de produção agroecológica e trabalho artesanal e não terceirizado;
c) Vivência de economia solidária: efetiva vivência da solidariedade, da mútua ajuda, do respeito às pessoas e suas condições, da sobreposição dos interesses coletivos aos individuais.
d) Prática de preço justo nos produtos comercializados: em consonância aos princípios solidários, aos processos de produção, à sustentabilidade ambiental, entende-se por preço justo o valor gerado

considerando-se o trabalho e o gasto de produção, o seu fim/finalidade, os sujeitos consumidores e o ambiente universitário público.

Trata-se de princípios que encontram sua sustentação, em última instância, na solidariedade e mútua ajuda. E, dessa forma, fortemente articulado com outras ações, como, por exemplo, o brechó universitário.

Relativamente ao conceito de Economia Solidária e seu desenvolvimento no Brasil, cabe registrar que foi proposto o Grupo de Trabalho de Economia Solidária (GT-ECOSOL) – essencial para o fortalecimento das discussões e implementação de políticas públicas –, para o 1º Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre, no ano de 2000, que se constituiu um evento mundial em contraposição ao Fórum Econômico de Davos/Suíça. Enquanto este reunia (e ainda reúne) os líderes do capital internacional dos principais países desenvolvidos e em desenvolvimento, o Fórum Social Mundial se constituiu como um grande evento popular para discutir uma outra forma de economia e sociedade sem exclusão. A noção de Economia Solidária também recebeu outras designações, como *Economia Popular Solidária*, por diferentes instâncias gaúchas (sindicais, políticas, etc.) e como *Socioeconomia Solidária*, pelo Instituto de Políticas Alternativas para o Cone Sul (PACS).

3. Socioeconomia, Agroecologia e Sustentabilidade

As noções de Socioeconomia, de Agroecologia e de Sustentabilidade estão fortemente entrelaçadas entre si e estão intimamente articuladas à concepção de feira agroecológica na universidade, tal como proposta e implementada pelo GES-Grupo de Empreendimento Social da FURG-Campus de Santo Antônio da Patrulha. Ao longo deste tópico, será desdobrado, considerando alguns autores que tratam dessas temáticas.

As discussões e práticas de Economia Solidária ou Socioeconomia, conforme Jesus & Sparenberger (2009), foram fundamentais no processo de criação de diretrizes

e fundamentos que ajudam no equilíbrio entre questões sociais e econômicas, no respeito ao meio ambiente e na utilização racional de recursos naturais em prol das gerações contemporâneas e futuras. Relativamente às discussões sobre a degradação ambiental e as desigualdades sociais, os autores são enfáticos:

> Prova disso é que, quando da elaboração do relatório Nosso Futuro Comum, iniciado em 1983 e concluído em 1987, por uma comissão organizada pelas Nações Unidas para, sinteticamente, propor aos países do mundo, estratégias que viabilizassem a reversão do cenário mundial de escassez dos recursos naturais, percebeu-se que desenvolvimento social e ambiental caminhavam lado a lado, apesar da insistência de alguns em querer que tal comissão analisasse somente os problemas ambientais, apartados dos problemas sociais. (JESUS, SPAREMBERGER, 2009, p.74)

Cabe observar que, hoje, mais de dez anos do alerta dos autores, assiste-se, infelizmente, a um agravamento dos processos de degradação ambiental no mundo e, em especial, no Brasil, com crescente número de incêndios criminosos, derrubada de grandes extensões de matas nativas, poluição de rios e nascentes, desrespeito de tribos indígenas etc. As denúncias são de importantes e sérios órgãos ambientais, nacionais e internacionais, com a responsabilização do descuido com a natureza por parte de alguns indivíduos e de líderes, que acreditam no desenvolvimento econômico de forma indiscriminada, a qualquer preço, sem se preocupar com os danos provocados por suas ações, o que coloca em risco tanto a saúde das pessoas como também a identidade da nação.

Quanto ao conceito de *Agroecologia*, este foi consolidado na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Eco-92), realizada no Rio de Janeiro/Brasil, em junho de 1992. A Eco-92 foi um evento

que reuniu vários líderes de seus países preocupados com os impactos ambientais, tendo como objetivo o desenvolvimento de propostas de mudanças para que os países tenham seus desenvolvimentos econômicos de forma sustentável.

Na concepção de Agroecologia, segundo observa Rosa (2019), há a busca por caminhos que fossem socialmente justos, economicamente viáveis e ecologicamente sustentáveis. Apresentada como um modelo de produção sustentável, a agroecologia se constitui, cada vez mais, como essencial para a vida da sociedade contemporânea, já que, ao contribuir com a preservação ambiental, contribui, também, com a saúde global – em uma dinâmica inversa ao sistema dominante. Esse tema é objeto de estudos de muitos pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, tendo, assim, um caráter de alcance interdisciplinar e epistemológico.

Relativamente ao conceito de agroecologia, Costa (2000 *apud* ZIMMERMANN, 2011, p.18) destaca que o termo pode ter duas conotações: como disciplina científica e como "movimento de conscientização da comunidade mundial ao praticar uma agricultura que siga os preceitos da sustentabilidade".

A agroecologia como disciplina científica é uma ciência com vários princípios e procedimentos de pesquisa que buscam desenvolver estudos científicos sobre maneiras para formar uma agricultura sustentável, que não agridam o meio ambiente nem os ecossistemas locais. Já o movimento busca propor soluções práticas baseadas nos estudos científicos e conscientizar produtores sobre a importância da agricultura sustentável, de baixo impacto ambiental.

Na mesma linha de raciocínio, Rosa (2019) traz a definição de agroecologia a partir de Caponal (2006),

> como uma rede de conhecimentos científicos e populares que se cruzam e se somam na investigação por estilos de agricultura mais sustentáveis. Ou seja, de base ecológica e que atenda aos requisitos sociais, considerando os aspectos culturais locais, preservando

> os recursos ambientais e contribuindo para a participação política e empoderamento de seus atores. (CORPORAL, 2006, apud ROSA, 2019, p.34).

O autor ainda observa, a partir de Assis & Romeiro (2002), que a noção de Agroecologia está assentada em bases científicas em um viés que vincula aspecto tecnológico, econômico, social e político, da lógica das sociedades camponesas tradicionais e seus conhecimentos, com o objetivo de superar desafios e estabelecer uma outra maneira de produzir.

Em relação à concepção de sustentabilidade, Boff (2014) observa que a palavra provém do latim *sutentare*, que traz à tona dois sentidos: um passivo e outro ativo. O primeiro diz respeito ao poder da natureza de manter os ecossistemas saudáveis, possibilitando-lhe prosperar e evoluir. Já o sentido ativo está relacionado às ações humanas na conservação e manutenção dos ecossistemas, para fins de equilíbrio do meio ambiente.

Matta (2013) explica que o conceito de sustentabilidade é um tema bastante abrangente e complexo, que remete a pensar em múltiplas relações – desde conceitos biológicos e ecológicos até políticos e econômicos. Ela destaca o cuidado amplo em relação à vida, em que são resgatadas visões e valores esquecidos pela humanidade ao longo de sua história.

Em outros autores, o tema é definido na mesma linha, como pode ser observado em Loureiro (2012, p.63), para quem "a sustentabilidade é algo que depende da multiplicidade de manifestações culturais e autonomia dos povos na definição de seus caminhos e escolhas, em relações integradas às características de cada ecossistema e território em que se vive"; e em Leff (2011, p.31), que entende a sustentabilidade como "resposta à fratura da razão modernizadora e como uma condição para construir uma nova racionalidade produtiva fundada no potencial ecológico e em novos sentidos de civilização".

Sendo a sustentabilidade um conceito de grande importância e abrangência para a humanidade, são pertinentes

as preocupações com as questões atuais de preservação ambiental, o que implica mudanças nas relações das pessoas com a produção e o consumo de forma sustentável, sob risco de grandes prejuízos às gerações futuras. Assim, a Feira Agroecológica na FURG-SAP busca ser uma ação que segue preceitos relacionados ao cuidado e ao respeito com a natureza, à preservação das riquezas naturais através do uso racional dessas riquezas, às relações de inclusão e solidariedade de acordo com a ideia de Economia Solidária e à preservação da saúde humana.

4. Feira agroecológica e cursos agroindustriais

Os cursos de Engenharia Agroindustrial da Universidade Federal do Rio Grande, no Campus de Santo Antônio da Patrulha (FURG-SAP) – inéditos no Brasil –, buscam preparar profissionais para atuar nas diversas etapas das cadeias agroindústrias, desde a produção e/ou recepção das matérias-primas, do processamento até a comercialização de produtos agroindustriais. Durante os cursos, estuda-se muito sobre as diferentes etapas de processamento de alimentos e sobre o comércio, ainda que pouco sobre a produção agrícola da matérias-primas. Cabe observar que, de forma especial, o Curso de Engenharia Agroindustrial de Indústrias Alimentícias desenvolve estudos sobre a questão os alimentos, assim como na perspectiva da gestão de cadeias produtivas.

A realização da feira agroecológica, em um Campus Universitário que oferta cursos que tratam, centralmente, de questões da agroindústria, conforme mencionado acima, é uma ótima oportunidade de se aproximar de agricultores familiares, produtores orgânicos, e conversar com eles, no intuito de fazer trocas de conhecimentos teóricos e práticos sobre a relação de produção e de comercialização das *commodities* que são comercializadas, como também os produtos que passam por uma etapa de processamento sob orientações de boas práticas de fabricação.

De acordo com Silveira (2004), os estudiosos Batalha e Silva (1995) indicam que uma cadeia produtiva

agroindustrial pode ser dividida em três macrossegmentos: a produção de matéria-prima, que são os insumos, a industrialização desta produção e a sua comercialização. Em relação a esses macrossegmentos, o autor salienta que cada um deles segue um comportamento de mercado de funcionamento próprio.

5. Uma feira na universidade

A primeira questão que se colocou e que continua se colocando, ainda que agora com um perfil um pouco diferente após um ano de realização de feiras, é *por que uma feira na universidade, uma feira com perfil agroecológico, de agricultura familiar, de economia solidária?* Esta é uma questão que permeia continuamente a nossa mente. Afinal, uma feira é muito mais do que um conjunto de pessoas que vendem seus produtos em um determinado espaço. As feiras, de um modo geral, são constituídas de pessoas que trabalham de forma colaborativa entre si para que todos possam ganhar o seu sustento de forma unida.

Uma feira, dentro da universidade, permite a interação entre a comunidade acadêmica e a sociedade que vive em volta, permitindo uma aproximação de ambas as partes. Ela inicia bem antes do evento de comercialização na universidade. Ela começa, por exemplo, no planejamento da produção de verduras e frutas, o que implica escolha e plantio de sementes e mudas que precisam ser cuidadas em cada uma das suas etapas, sem qualquer uso de agrotóxicos.

Atualmente, a produção de alimentos busca, cada vez mais, produzir uma maior quantidade, com melhor qualidade e com menor impacto ambiental. Com esse intuito, tem-se a importância da produção de forma sustentável. Abaixo, estão algumas imagens (Figura 1) de edições da Feira Agroecológica realizadas em 2019, na UCA – Unidade Cidade Alta da FURG-SAP.

Figura 1 – Feira Agroecológica na UCA

Fonte: Acervo do GES, 2019

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade:** o que é e o que não é. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

JESUS, Tiago Schneider de; SPAREMBERGER, Raquel Fabiana Lopes. Economia solidária e ecossiodesenvolvimento: a construção de uma nova percepção de sustentabilidade. **Otra Economía**, São Leopoldo, v.3, n.5, ago.2009.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental.** 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LOUREIRO, Carlos Frederico. **Sustentabilidade e educação um olhar da ecologia política.** 1.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MATTA, Caroline Rodrigues da. **Sustentabilidade ou sustentabilidades?** a conceituação do termo pelos pesquisadores em educação ambiental. 2013. 102f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, 2013.

ROSA, Mateus Silva da. **Organização da produção e da comercialização agroecológica: um estudo de caso sobre a feira da ARPASUL – Pelotas/RS.** 2019. 96f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2019.

SILVEIRA, Daniel Corrêa. **Proposta de um modelo de avaliação de desempenho de cadeias produtivas agroindustriais:** estudo da cadeia da soja no Brasil. 2004. 113f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

WEBLER, Darlene. Algumas reflexões sobre economia solidária. In: _____. **A autogestão na perspectiva da análise do discurso**. 1.ed. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

ZIMMERMANN, Andrea Aparecida. **Experiências e ações de transição agroecológicas no município de Glorinha-RS.** 2011. 53f. Monografia (Curso Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Santo Antônio da Patrulha, 2011.

BRECHÓ SOLIDÁRIO NA UNIVERSIDADE
Uma ação de solidariedade e sustentabilidade

Ivete Teresinha Wathier*
Karine de Carvalho Volkmer**
Nicole Franciele Wathier Braz***

1. Apresentando uma ação solidária

Esta proposta se apresenta com o intuito de praticar a solidariedade. É um movimento para juntar pessoas com necessidades econômicas e, na medida do possível, suprir essas carências, incentivando o reuso – no caso específico deste projeto, reuso de roupas e calçados que seriam descartados – e, também, trabalhar a conscientização sobre a importância da solidariedade, sustentabilidade social e responsabilidade com o meio ambiente.

2. Solidariedade, Sustentabilidade e Responsabilidade Social

Adquirimos roupas, nas lojas, sem questionar quem fez, quais os tecidos usados, entre outros detalhes. Então, descobrimos que a moda é o quinto mercado mais poluente do mundo e que o impacto ambiental e social é gigantesco, pois apenas 20% das roupas descartadas são reaproveitadas. Então, vem a questão: até onde vai nossa responsabilidade

* Estudante do Curso de Licenciatura em Ciências Exatas da FURG-SAP e integrante do GES desde a sua criação.
** Estudante do Curso de Engenharia Agroindustrial Agroquímica da FURG-SAP, vice-presidente do Diretório Acadêmico das Eng. Agroindustriais da FURG-SAP e integrante do GES desde maio de 2019.
*** Estudante do Curso de Engenharia da Produção da FURG-SAP e integrante do GES desde maio de 2019.

com a roupa que usamos, a nossa responsabilidade social? Esta se trata de tudo que podemos fazer, de tudo que qualquer pessoa pode fazer para o mundo ficar melhor. Não seria a hora de começarmos a nos perguntar sobre quem produziu, em que condições foram fabricadas essas roupas e se quem fabricou foi devidamente valorizado, já que é o mercado da moda é o segundo que mais escraviza mão-de-obra, ficando atrás, somente, do setor tecnológico. Cientes dessa realidade, mas não querendo fazer parte desse processo, é preciso buscar alternativas, como o reuso, que é um dos pilares de sustentação dos brechós.

O reuso é importante em vários aspectos: evita que roupas com potencial de uso sejam descartadas, garante que outras pessoas tenham condições de usar peças adequadas, gerando, até mesmo, um certo lucro. Essas e outras são ações pautadas nos princípios da sustentabilidade social.

Uma roupa que foi usada menos de 5 vezes e é descartada em menos de um mês produz 400% de emissões de carbono a mais que uma usada 50 vezes durante um ano. Daí, nota-se a importância da conscientização sobre o impacto das roupas no meio ambiente, tanto no processo de fabricação como no descarte. Ao praticar o reuso, não apenas quem compra sai ganhando, mas toda sociedade. O reuso pode ser feito através de doações para outras pessoas ou reaproveitamento, transformando uma peça em outra para a própria pessoa usar, que é a customização. Assim, dá-se personalidade à peça adquirida. Em raros casos, as lojas infantis trocam as peças que não servem mais para a criança por ‘cupons-descontos’ para a próxima compra, mostrando que, também, se preocupam com a preservação do meio ambiente, que é o “comércio social”. Essa reutilização de roupas é uma maneira de praticar o consumo consciente, uma sustentabilidade capaz de suprir as necessidades dessa geração, sem comprometer gerações futuras. Para Legnaioli (2020),

> Os impactos ambientais causados pela indústria têxtil, dependem do tipo de fibra têxtil produzida. Entretanto mesmo que haja diferença nos tipos e níveis de impactos

> gerados conforme o tipo de fibra têxtil produzida (algodão, lã, viscose, viscose de bambu, poliamida/náilon, poliéster, entre outras) sempre há impactos ambientais envolvidos. (2020, p.1).

O ser humano não está alheio à natureza. Nós, seres humanos, somos dependentes do meio natural desde a nossa origem. De lá para cá, provocamos alterações imensuráveis no meio ambiente e, por sermos dependentes dele, essas alterações, de alguma forma, sempre nos atingem.

Para obter a matéria-prima dos tecidos – por exemplo, o algodão – que, embora ofereça tecidos mais confortáveis e arejados, para ser cultivado e obtido, é necessário o auxílio de agrotóxicos, que podem contaminar o solo, corpos d'água e ar. Outro exemplo são os tecidos obtidos através de polímeros sintéticos, que, por terem como base o petróleo, são bastante tóxicos ao meio ambiente. Alguns tecidos à base de petróleo podem levar até 400 anos para se decompor na natureza (poliéster). E, também, temos, como exemplo, um caso mais grave: o tecido sintético. Esta é a última tendência no mundo *fashion*. A partir do momento que descartamos uma roupa sintética, ela segue um ciclo linear: nunca se decompõe e se torna prejudicial ao meio ambiente e ao planeta de modo geral.

As etapas da produção têxtil têm grande impacto ao meio ambiente, já que o tecido é tingido com uso de corantes que, na sua composição, contêm ácidos, sólidos solúveis e compostos tóxicos, os quais, sem o devido tratamento, atingem os recursos hídricos. O acabamento e o tingimento dos tecidos estão diretamente ligados ao alto consumo de água e, por consequência, ocorre impacto nos aspectos ambientais por ocorrência dos produtos químicos nela contidos. A água é utilizada nos processos de lavagem, coloração, transferência de calor, aquecimento ou resfriamento. Sendo assim, os efluentes gerados acabam contendo várias substâncias contaminantes. Ali, encontram-se composições químicas utilizadas na indústria que acabam não aderindo ao têxtil e causam danos ao meio ambiente.

Nesse contexto, considerando que a remoção dos produtos químicos é extremamente difícil, por eles serem muito solúveis e por modificarem as características dos recursos naturais e dos seres vivos que habitam os ecossistemas. Esses produtos impedem a passagem da luz solar, prejudicando a fotossíntese e contribuindo para a absorção nos organismos vivos. Em relação à saúde humana, esses compostos químicos, além de odor forte exalado, se ingeridos, ocasionam problemas que podem estar associados ao câncer. A contaminação microbiológica provoca variações na qualidade dos mananciais, acarretando, assim, o encarecimento do tratamento da água, impedindo a indústria da pesca, a agropecuária, a navegação e, não menos importante, a recreação dos seres vivos.

Os danos ao meio ambiente são reduzidos com o aumento do consumo a brechós. É possível perceber um aumento gradual de interesse em ações como reuso, brechós. E esse movimento é muito válido, porque se trata de uma das bases da sustentabilidade: a reutilização de algo que já foi de alguém, que não será apenas jogado no lixo, poupando a natureza de todo o dano causado no cultivo ou na obtenção da matéria-prima e no trabalho de decomposição do objeto. Então, só há benefícios ao ser humano e à natureza.

As pessoas estão mais abertas ao reuso, seja por uma questão financeira, seja pela conscientização. Peças similares são encontradas em lojas ou até em boutiques e em brechós – neste, com preços muito mais em conta. O repasse de roupas e as trocas sem a necessidade de envolver dinheiro, também, são opções para contribuir com a sustentabilidade e proteção do meio ambiente. E é aqui que entra a ideia de solidariedade, não apenas como conceito ou intenção, mas como ação, como prática de (con)vivência.

É dessa forma que o *Brechó Solidário na Universidade*, tratado neste texto, se constitui como projeto e faz parte do Programa *Nas Trilhas do Empreendedorismo Social – interlocução entre universidade e comunidade* (EXT-291 no SisProj/FURG). Neste Programa, se inscreve o GES-Grupo de Empreendedorismo Social, que tem como foco principal

o empreendedorismo, solidariedade e sustentabilidade, buscando entrelaçar universidade/comunidade, de forma que ambas as partes sejam beneficiadas, já que permite aos universitários conhecer melhor a comunidade em que a universidade está inserida e aos moradores reconhecer a importância de uma universidade na cidade onde residem.

Valorizando o reuso e buscando evitar descartes de peças que podem ser aproveitadas por outras pessoas, foi pensado este brechó no Campus Universitário SAP. Desde o início, não era intenção dos integrantes do GES uma prática de doação de peças propriamente dita, em uma convicção de que, por mínimo que seja o investimento, cada peça comprada é uma conquista para o comprador e, com isso, mais valorizada, cuidada e aproveitada. Ainda que não haja possibilidade do controle sobre o destino das peças após sua aquisição, é importante tentar evitar, ao máximo, o mau aproveitamento das peças.

Os recursos obtidos com as vendas do brechó são sempre revertidos em forma de investimento para a comunidade, através de outros projetos realizados pelo GES. Assim, reconhecemos, novamente, um “negócio social”. Isso possibilita que pessoas de baixa renda da universidade e da comunidade em geral tenham contato com roupas e calçados a preços acessíveis, além do respeito às questões relacionadas ao meio ambiente. Com isso, a execução de um brechó foi uma forma de combinar ambas as questões, com o incentivo ao reuso de roupas e calçados e ênfase na importância da prática da solidariedade, sustentabilidade e economia social.

3. Brechó Solidário na FURG: relato de uma ação de solidariedade e sustentabilidade

O Brechó Solidário, dentro do Campus da FURG em Santo Antônio da Patrulha, teve início quando o grupo recebeu, como doação para repasse, um volume considerável de roupas de uma pessoa que se encantou com o relato da coordenadora do Programa, ao qual se vincula o GES, sobre suas ações inclusivas e empreendedoras e pelo trabalho

que a mesma desenvolve junto ao CATAVIDA (Cooperativa de Catadores da Cidade de Novo Hamburgo). Essa doação foi um ato solidário da pessoa que se sensibilizou com o projeto e decidiu colaborar.

Em uma das reuniões semanais promovidas pelo GES em que a coordenadora relatou para os integrantes do grupo sobre a doação feita por terceiros, os membros do grupo ficaram animados e decidiram que, também, fariam doações de roupas que não utilizam mais e mobilizariam outras pessoas, ainda, para uma causa solidária. Na sequência, desenrolou-se um diálogo a respeito de reuso, solidariedade, economia solidária e proteção ao meio ambiente e posterior estudo sobre estes conceitos pelas estudantes responsáveis por este texto.

Segundo Brasil (2006),

> A economia solidária pode ser definida como um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é necessário para viver. Nessa economia não existe exploradores e explorados, pois ninguém pretende levar vantagens sobre os outros, e muito menos gerar riquezas com a destruição da natureza. A base da economia solidária é formada pelas relações de cooperação, pelo fortalecimento do grupo e das comunidades, sem patrão nem empregados e todos pensando no bem de todos e no seu próprio bem. (2006, p.21).

A economia solidária tem, como centro de preocupação, a vida, o bem-estar, uma economia que produz um tipo de produto sem preço no mercado, uma economia diferente, sem empregados nem patrões, em que a força da união gera trabalho e renda, ajuda a transformar para melhor a vida de homens e mulheres envolvidos no projeto – uma nova realidade para cada um, em que todos são tratados com equidade, todos participam e todos decidem. É uma troca de produtos, serviços e saberes que enfatizam a valorização

de todo tipo de trabalho e conhecimento e, com isso, se eleva a autoconfiança e autoestima de cada colaborador.

Em Singer (2000, p.28), temos que a "única maneira de aprender a construir a economia solidária é praticando-a. Mas seus valores fundamentais precedem sua prática. Não é preciso pertencer a um empreendimento solidário para praticar a solidariedade". Envoltos por essa ideia, surgiu, efetivamente, o projeto do Brechó Solidário. A primeira ação do grupo foi fazer uma triagem das roupas obtidas para garantir que não seria exposto nada que não estivesse em bom estado; posteriormente, foram organizadas e etiquetadas as peças que estavam com GES, pensando nos preços e em como as roupas seriam exibidas para venda, assim como o dia em que seria realizado o Brechó.

As Figuras 1 e 2 registram integrantes do GES fazendo a triagem, organizando e etiquetando as roupas.

Figura 1 – Grupo realizando a triagem

Fonte: Acervo do GES, 2019.

Figura 2 – Grupo etiquetando com os preços

Fonte: Acervo do GES, 2019.

Com a parte teórica do projeto acertada, partimos para a prática. Ficou determinado que o brechó seria realizado duas vezes por mês, no Campus da universidade FURG/SAP, em dias de sol, no pátio, e nos dias de chuva, dentro do Prédio da Unidade Cidade Alta. Para isso, foi organizado um estande em que as roupas foram expostas. O brechó foi organizado para acontecer, simultaneamente, com a Feira Agroecológica – outro importante projeto do GES. Dessa forma, conseguimos nos organizar melhor, aproximando dois projetos que dialogam entre si pela característica da solidariedade e sustentabilidade ambiental, além de ser melhor para o público.

Figura 3 – Brechó Solidário no pátio da universidade *FURG/SAP*

Fonte: Acervo do GES, 2019.

Figura 4 – Integrante Denise Mendes

Fonte: Acervo do GES, 2019.

Em um primeiro momento, chamamos a atenção dos alunos da universidade. Mas com a realização junto da Feira Agroecológica, que acontecia há mais tempo na universidade, aumentou o público com as pessoas da comunidade que vinham para dentro do Campus SAP. Logo, o brechó conseguiu atrair a atenção de pessoas de fora da universidade, que se sentiram à vontade para conhecer e praticar o consumo

do brechó. Cabe destacar que, no início, a participação foi tímida, mas, gradualmente, foi aumentando, conforme a confiança nas peças que estavam sendo ofertadas aumentavam. Além disso, a economia de dinheiro foi, também, um dos fatores que impulsionou o sucesso do Brechó Solidário arquitetado pelo GES. Foi estabelecida uma média de R$ 2.00 para cada peça – embora variasse de R$ 0,50 a R$10,00 de uma à outra.

Conforme as edições do brechó se repetiam, mais e mais pessoas, de dentro e fora da universidade, demostravam interesse em adquirir peças do nosso brechó, peças que lhes agradavam, para usar do jeito que estavam ou fazer uma customização e dar uma personalidade diferente à roupa adquirida.

Na figura 5, apresentada abaixo, podemos perceber o Brechó Solidário e a Feira Agroecológica, acontecendo, simultaneamente, no pátio da universidade.

Figura 5 – Brechó Solidário e Feira Agroecológica, simultaneamente, no pátio da universidade.

Fonte: Acervo do GES, 2019.

4. Trabalho social na universidade: a importância de o(a) universitário(a) pensar nos outros

Se existe uma chance de acrescentarmos em nossa vida algo muito importante, é praticando a solidariedade, a solidariedade social – capacidade que temos de nos dedicar a causas nas quais acreditamos – um trabalho gratuito, desinteressado de retorno material. Há um desafio

nessa ação voluntária: doar algo importante que temos: o nosso tempo. A solidariedade aparece como uma proposta de não ficarmos focados, excessivamente, no nosso mundo, como um convite para que possamos sair da caixa e descobrir que há outras necessidades, outras carências, outras pessoas. Tomar consciência de que não somos um só, mas somos parte de um todo.

A solidariedade tem como fator determinante a empatia e o amor ao próximo. É importante e urgente pensarmos na construção de um mundo melhor para todos. Nessa empreitada, parte da responsabilidade cabe à educação, como agente perito em conhecimento, que é convocada para tornar possível uma convivência harmoniosa entre as partes envolvidas nesse processo de socialização.

Então, cabe perguntar: qual é a função social das universidades? A universidade é um espaço privilegiado de formação de sujeitos pensantes e de mãos habilidosas para construir esse mundo melhor, almejado por muitos. Na universidade, promove-se a responsabilidade social, ao mesmo tempo que se incentiva os universitários para a solidariedade, além de assumir importante papel na constante luta pela inclusão social.

A participação de universitários em projetos sociais tem, entre outras, a finalidade de estimular, na comunidade universitária, a cultura da solidariedade e incentivar a igualdade, a inclusão e a cidadania. Está certo Johnny De'Carli ao afirmar que "Quando você ajuda alguém, na verdade está ajudando a si mesmo. De certa forma esse processo funciona como um espelho: tudo que fazes aos outros, se reflete em seus caminhos"[1].

Um movimento solidário, em qualquer espaço que for desenvolvido, traz consigo benefícios evidentes para as pessoas que são assistidas, mas não se pode negar que quem – no caso desse relato, os universitários – se envolve nesse movimento também sai vencedor, por receber muito mais do que oferece.

---

[1] Disponível em: https://www.pensador.com/frase/MTYwMjM4OA/.

5. Cidadania e Solidariedade: um olhar de esperança sobre o ser humano

O ser humano, de modo geral, é solidário, capaz de se sensibilizar com as mazelas de seus semelhantes. Em situações de riscos e de carência extrema, é possível reconhecer, mais fortemente, movimentos solidários, mas há resquícios de solidariedade por toda a parte, o tempo inteiro. Seguindo essa linha de raciocínio, o Brechó Solidário pretende ser oportunidade a pessoas de baixa renda para que possam adquirir roupas (e afins) adequadas para o uso.

O Brechó Solidário é uma iniciativa de pessoas que acreditam que todos podem fazer parte de um sistema que visa a um mundo melhor, tanto de uma visão ambiental quanto social. Para que cada um faça a sua parte, não é preciso que as ações sejam baseadas em expectativas surreais, mas basta comprar uma peça de roupa seminova e, com isso, não colaborar com o proliferação de um sistema de descarte insustentável ou acumulação de algo que pode ser uma necessidade para alguém próximo. Assim, são ajudados o meio ambiente, outras pessoas e a si mesmo.

Como dizia Mário Quintana, “permita-se rir e conhecer outros corações. Aprenda a viver, aprenda a amar as pessoas com solidariedade, aprenda a fazer coisas boas, aprenda a ajudar os outros, aprenda a viver sua própria vida”[2]

Concordamos com Freire (1991,p.28) quando ele diz: “O homem não é uma ilha, é comunicação”, um comunicar, um ouvir as duas partes e unir a que tem para oferecer com a que necessita de ajuda, todos por um bem maior. A inclusão social, a luta por direitos iguais e a preservação do meio ambiente significam um conjunto de ações que visam melhorar a qualidade de vida da população. Ser atuante, cumprir o papel junto à sociedade, com medidas que diminuem a desigualdade social, são gestos simples que estão ao alcance de todos, trazem resultados significativos, fazem a diferença, ampliam os direitos do cidadão e garantem o pleno exercício da cidadania.

---

[2] Disponível em: https://www.pensador.com/frases_sobre_solidariedade/.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Economia solidária, outra economia acontece:** Cartilha da Campanha Nacional de Divulgação e Mobilização Social. Brasília: Ministério do Trabalho e do Emprego, 2006.

CORTELA, Mario Sergio. **Prof. Mario Sergio Corte-la fala sobre solidariedade.** Rede Mobilizadores, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yt2BLIeKtdE>. Acesso em: 15 ago. 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** 18.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LEGNAIOLI, Stella. **Impactos ambientais das fibras têxteis e alternativas.** ECycle, 2020. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/5810-impacto-ambiental-das-roupas>. Acesso em: 17 ago. 2020.

SINGER, Paul. **A economia solidária no Brasil:** autogestão como resposta ao desemprego. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

PROJETO PORTUGUÊS PARA VENEZUELANOS
A inclusão pela língua

Franciele Krumenauer Vieira*
Darlene Arlete Webler**

1. Apresentação

De dezembro de 2018 e janeiro de 2019, o Grupo de Empreendedorismo Social (GES) do Campus Santo Antônio da Patrulha da Universidade Federal do Rio Grande (FURG-SAP) promoveu o Projeto "Português para Venezuelanos: a inclusão pela língua", com o objetivo de desenvolver ações de estudo do Português dirigido aos imigrantes venezuelanos em fase de estabelecimento em Santo Antônio da Patrulha, através de um curso intensivo aos jovens e adultos e de atividades dirigidas às crianças e aos adolescentes, com vistas à facilitação no processo de aquisição da Língua Portuguesa e de interação social, cultural e profissional.

A FURG-SAP integrou, desde o início, a Comissão Municipal de Acolhimento aos Venezuelanos de Santo Antônio da Patrulha, juntamente com outras entidades públicas e privadas do município, inclusive com a coordenação geral sob a responsabilidade do Prof. Dr. Jorge Gamarra (FURG).

---

* Mestra em Educação (ULBRA), professora de Português e Espanhol na rede pública e privada de Santo Antônio da Patrulha e integrante do GES desde 2018 e do Grupo de Educadores Google Santo Antônio da Patrulha.

** Doutora em Letras (UFRGS), professora da Universidade Federal do Rio Grande/FURG, vinculada ao Instituto de Letras e Artes, vice-diretora da FURG-Campus SAP, é responsável pelo Programa *Nas Trilhas do Empreendedorismo Social – interlocução entre universidade e comunidade,* ao qual está vinculado o GES. Estuda as temáticas de educação popular, autogestão e empreendedorismo social na perspectiva dos Estudos Discursivos.

Junto às demandas iniciais, estava a necessidade de um curso de língua portuguesa para crianças, jovens e adultos, constatando que a língua é fator crucial para a inclusão. Dessa forma, ficou sob responsabilidade da Universidade a proposição do curso, o qual teve início no dia seguinte à chegada dos venezuelanos em solo patrulhense.

O curso para os jovens e adultos venezuelanos, com duração de 60 horas, abordou conhecimentos básicos da língua, além de questões culturais. Cabe destacar que o projeto "Português para Venezuelanos" se insere em uma ação humanitária, considerando que a proficiência é necessária para que o imigrante estabeleça relações, para que se expresse e seja compreendido, inserindo-se no país em que se encontra. Dominar a língua e conhecer a cultura do povo que o acolhe é importante para que consiga se estabelecer no novo país, conseguir um emprego, participar da vida da comunidade etc.

O referido curso "Português para Venezuelanos" deu origem ao curso "Espanhol em Foco: Nível I", também, realizado através de projeto promovido pelo Grupo de Empreendedorismo Social da Universidade Federal do Rio Grande – Campus Santo Antônio da Patrulha. O curso de Espanhol (60 horas) foi ministrado pela professora venezuelana Delmira del Valle Cedeño Toussaint, de modo voluntário, como uma contrapartida pessoal pelo recebimento do curso de Português imediatamente após a chegada dos venezuelanos em Santo Antônio da Patrulha.

2. O Português como Língua de Acolhimento

A preocupação com a inclusão dos imigrantes e refugiados, através da língua, se coloca como um aspecto importante e necessário, tanto para quem vem ao País quanto para quem o acolhe. O domínio da língua é fundamental para que as pessoas consigam expor seus pensamentos, sentimentos, angústias, preocupações, anseios, expectativa. E, assim, possam estabelecer relações com as comunidades e encaminhar as diversas questões formais de documentação, de trabalho, entre outros, o que constitui um fator essencial para a condição de cidadania plena.

Nos processos de aprendizagem da Língua Portuguesa como língua de acolhimento, os planejamentos e as decisões tomadas pela equipe responsável precisam levar em conta as adversidades da própria condição migratória, a realidade em que os sujeitos se encontram, suas necessidades e expectativas, para que as escolhas de dinâmicas e atividades deem conta de aspectos linguageiros – oralidade, vocabulário, estrutura e funcionamento da língua – e de questões de ordem contextual, social e cultural. De acordo com Grosso (2010, p.69), "o direito ao ensino-aprendizagem da língua de acolhimento possibilitará o uso dos outros direitos, assim como o conhecimento do cumprimento dos deveres que assistem a qualquer cidadão".

Considerando que o uso da língua é dinâmico, prático e permeia as relações humanas, as aulas de Português, nessa proposta de curso, foram organizadas com base em uma visão dialógica da linguagem, contextualizada e articulada às realidades dos sujeitos falantes venezuelanos no Brasil, suas necessidades imediatas e a médio prazo. Isso remete às formulações de Bakhtin (1992, p.280) de que "todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua". Se a língua é de uso e dinâmica, ela pressupõe sujeitos e contexto sócio-histórico, em que cada grupo social tem seu repertório de forma de discurso, determinadas pelas condições de produção e pela estrutura sociopolítica, o que conduz a pensar em ressonâncias dialógicas, em redes discursivas, em interdiscursos (WEBLER, 2011).

Nessa linha, para perceber o que é adequado ou não, o que é necessário ou não, no processo de proposição de estudos do Português como língua de acolhimento, do planejamento e de desenvolvimento das aulas, é preciso levar em conta os sujeitos envolvidos e suas condições efetivas de (re)construção de vida em um novo país. Isso implica considerar as relações com língua e cultura(s) na dinâmica de ensino do Português e aspectos indissociáveis, tanto de estudantes quanto de docentes. Aos que voluntariamente se colocam o desafio de ensinar e contribuir na aprendizagem

da língua, estão postas escolhas linguísticas que vêm envoltas, como observa Garcez (2000), de reflexões sobre costumes, crenças, formas de organização de vida cotidiana, aspectos familiares, inserção profissional, percepções acerca de contextos específicos, expectativas etc. E escolhas linguísticas e pedagógicas que implicam concepções individuais e coletivas no que diz respeito ao atendimento de necessidades imediatas, de iniciativas significativas e de ações de inclusão cidadã.

3. A Imigração dos Venezuelanos ao Brasil

Devido à crise que se instaurou na Venezuela, tanto política como econômica, a população venezuelana passou a buscar melhores condições de vida em outros países, tornando-se imigrantes, até mesmo, em condições de refugiados. O Brasil, assim como outros países da América Latina, foi um daqueles que passou a receber o grande fluxo migratório de venezuelanos. A entrada, no Brasil, cresceu, consideravelmente, a partir de 2017, pela fronteira terrestre, em Roraima. A maioria jovem, com idade até 39 anos e de alta escolaridade, levava de dois a três dias de viagem em ônibus para passar a fronteira, às vezes, com crianças, sem saber onde ficariam após a chegada em solo brasileiro, sendo as ruas o principal destino (SIMÕES *et al*, 2017).

Em 2018, o Brasil passou a se mostrar dividido, cada vez mais, em suas ideias políticas. A população brasileira, a partir de então, apresentou-se, e apresenta-se, até o momento, com opiniões bem distintas sobre diferentes assuntos. Nesse contexto, em relação à acolhida dos venezuelanos no país, não foi diferente, fazendo com que a recepção brasileira aos venezuelanos não fosse a mais calorosa. Houve grandes discussões sobre fechar as fronteiras e não permitir a entrada dos imigrantes, bem como sobre recebê-los e dar o apoio necessário para que pudessem ter uma vida digna no Brasil, como qualquer outro brasileiro gostaria de receber em solo desconhecido.

A fronteira terrestre do Brasil com a Venezuela, em Roraima, chegou a ser fechada em agosto de 2018, com a justificativa de que 500 venezuelanos ingressavam no país

por dia e que não havia condições humanitárias para a recepção dos mesmos na região. Na época, estimava-se que havia 25.000 venezuelanos na cidade de Boa Vista, de 330.000 habitantes (COSTA, 2018). Cabe salientar que o Estado já era conhecido por ser rota fácil à criminalidade e ter alto índice de violência, fatores que acabaram sendo atribuídos à chegada dos venezuelanos por aqueles contra a entrada no País, gerando maior discussão sobre recebê-los ou não. Houve, também, o surto de sarampo e a sobrecarga dos serviços de saúde em Roraima, pontos que também os desfavoreciam.

Todavia, como a imigração não ocorria apenas ao Brasil, mas para outros países e em grande número, a mídia internacional cobria todos os desdobramentos, o que, de certa forma, ajudou para que a fronteira brasileira não permanecesse fechada. Já que, com a divulgação da situação na mídia, houve pressão da população e de representantes para que os venezuelanos fossem acolhidos também no Brasil. O foco passou a ser, então, a interiorização dos venezuelanos. Os mesmos, ao chegarem em Roraima, passaram a receber abrigo e alimentação em alojamento, atendimento médico com vacinação, e a ter sua documentação prévia. Para que, após, fossem encaminhados a municípios de outros estados onde iriam residir, também, com alojamento e alimentação garantida para que se estabelecessem.

Destaca-se que, mesmo com a boa iniciativa de organização, o processo todo para a interiorização era demorado e não atendia toda a demanda de imigrantes, fazendo com que muitos esperassem nas ruas de Roraima. A vulnerabilidade com que os imigrantes se encontravam, muitas vezes, só iria diminuir quando fossem transferidos aos outros estados. Para a interiorização, os municípios que iriam receber os imigrantes montaram suas próprias comissões de acolhimento e procuraram organizar seus alojamentos. Muitos locais foram bem organizados e comportaram o número de imigrantes, enquanto outros também sofreram com a superlotação e com a falta de administração. A chegada dos venezuelanos, em nenhum momento, foi fácil.

É importante destacar que esses imigrantes deixaram suas casas, suas histórias, suas famílias e entraram em um país desconhecido em busca de melhores condições de vida para si e, em geral, para seus entes que permaneceram na Venezuela, já que muitos buscavam trabalho, no Brasil, para enviar valores aos familiares que não conseguiram por diferentes motivos cruzarem a fronteira. Enfrentaram dificuldades para tomar a decisão de abandonar o seu país, passaram por dificuldades enquanto estavam em Roraima, até mesmo de violência, pois muitos sofreram nas ruas do Estado, e, ainda, enfrentaram dificuldades quando chegaram aos alojamentos do interior do País.

Santo Antônio da Patrulha (SAP), município do Rio Grande do Sul, foi um dos municípios que recebeu venezuelanos em 2018. Como o município teve a sua comissão muito bem organizada com o auxílio de diferentes representantes, sendo um deles a própria Universidade Federal do Rio Grande, os imigrantes foram acolhidos da melhor forma. Mesmo com parte dos patrulhenses contra a vinda dos venezuelanos, com os discursos iguais ao restante dos brasileiros que eram contra a vinda desses, de que seriam mais pessoas para disputar vagas de empregos e para superlotar hospitais, por exemplo, em Santo Antônio, teve, também, um grande movimento voluntário que gerou a união de um forte grupo, ainda existente, tanto para o acolhimento dos “irmãos venezuelanos”, forma carinhosa como os chamavam, como para a realocação posterior dos mesmos em suas casas alugadas, com suas famílias e com seus empregos.

Foram, ao total, 51 venezuelanos que chegaram ao solo patrulhense, no dia 18 de dezembro de 2018, recebidos, então, pela Comissão Municipal de Acolhimento a Estrangeiros, passaram a ser inseridos no município, participando de diferentes atividades, dentre elas, o curso de Português para Venezuelanos, que teve início no dia 19 de dezembro de 2018.

4. Português para Venezuelanos

O Projeto “Português para Venezuelanos: a inclusão pela língua” surgiu da necessidade da inclusão dos imigrantes venezuelanos no município de Santo Antônio da Patrulha e foi realizado na Universidade Federal do Rio Grande, no Campus SAP.

A relevância deste projeto se encontra nos seguintes fatores:

a) a urgência de ação de ensino e acompanhamento à aquisição do português por venezuelanos falantes do espanhol em fase de instalação em Santo Antônio da Patrulha;
b) a necessidade social da participação no acolhimento integral aos venezuelanos em solo brasileiro; e
c) a importância de contribuição da universidade nos processos de reflexão, ação e acompanhamento na demanda humanitária posta no que diz respeito à inclusão de famílias venezuelanas na dinâmica social, cultural e econômica local.

Acolher aqueles que deixaram seu país e que buscam, em solo desconhecido, melhores condições de vida é uma questão humanitária, e a língua é um fator crucial para a inclusão, seja para os imigrantes, seja para quem os recebe. O imigrante necessita compreender e fazer ser compreendido e, para tal, precisa ter proficiência na língua do país em que se encontra no menor tempo possível. Assim, um dos primeiros entraves da sua inclusão no seu novo país será desfeito.

Dessa forma, o projeto teve início no dia seguinte à chegada dos venezuelanos em Santo Antônio da Patrulha, iniciando em 19 de dezembro de 2018. O curso era previsto para 16 encontros noturnos, de 18h30m às 22h15m, de segunda a sexta-feira, na Unidade Cidade Alta do Campus FURG-SAP, totalizando 60 horas. Todavia, devido à demora da chegada dos venezuelanos na cidade, o período de início do curso coincidiu com o período de recesso da Universidade e de horário reduzido em seu atendimento. Assim, alguns encontros

foram realizados no alojamento durante o recesso, e, posteriormente, os encontros passaram a ocorrer, já no mês de janeiro de 2019, no turno da manhã.

As atividades planejadas tiveram como foco conversação, leitura e escrita, através de exposições dirigidas, exercícios orientados, palestras, debates, filmes, músicas, leituras de textos etc. Para a avaliação, foram realizadas observações, acompanhamentos individuais, atividades de grupos e questionários.

Na Figura 1, é possível visualizar a dinâmica de apresentação da primeira aula.

Figura 1 – Dinâmica de apresentação

Fonte: Acervo do GES, dezembro/2018.

Durante a execução do projeto, além da proponente, Professora Darlene Webler, e da coordenadora, Professora Franciele Krumenauer, participaram mais 8 professores patrulhenses de Língua Portuguesa, de modo voluntário, alguns desses, também, formados em Língua Espanhola, contribuindo com o ensino do português como língua de acolhimento. O planejamento era realizado através de encontro semanal, juntamente com a coordenadora do projeto, além de diálogos diários sobre o desempenho e as necessidades dos novos estudantes de língua portuguesa.

Na Figura 2, é possível ver uma das aulas do curso desenvolvido no projeto “Português para Venezuelanos”.

Figura 2 – Curso Português para Venezuelanos

Fonte: Acervo do GES, janeiro/2019.

Para maior tranquilidade e dedicação de todos os venezuelanos, o projeto tanto atendia os adultos como as crianças em sala separadas, com atividades direcionadas às idades correspondentes. Vale mencionar que, da mesma forma em que as aulas para os jovens e adultos tiveram a participação de professores voluntários, as aulas para as crianças também tiveram. Portanto, não apenas as coordenadoras do projeto, que eram voluntárias, se envolveram, mas uma rede de professores patrulhenses, também voluntários, aderiram ao ensino do português como língua de acolhimento.

Destaca-se, também, que se criou um grande vínculo entre professores e alunos venezuelanos durante as aulas. Parte dos professores estiveram presentes desde a chegada dos venezuelanos em Santo Antônio da Patrulha, na janta que foi organizada pelo grupo de voluntários do município, já conversando com os mesmos em espanhol e introduzindo a língua portuguesa. No dia seguinte, o contato passou a ser diário e eles encontravam, na sala de aula, não apenas o local de aprender sobre uma nova língua e uma nova cultura, mas também um local de contar sobre suas aprendizagens, curiosidades e, até mesmo, obter conselhos. Ter o domínio do espanhol, por parte do professor, também auxiliou neste processo de ensino e aprendizagem. Foi uma experiência gratificante para todos os professores. Alguns, ainda, mantêm contato.

Na Figura 3, é possível verificar um dos vários registros fotográficos realizados durante o curso.

Figura 3 – Curso Português para Venezuelanos

Fonte: Acervo do GES, janeiro/2019.

Alguns dos relatos dos venezuelanos que participaram do curso evidenciam como o projeto desenvolvido marcou a chegada dos mesmos em Santo Antônio da Patrulha e contribuiu para a inclusão dos mesmos na cidade[1]:

– Relato 1*: Agradeço a todos vocês pela ajuda que deram quando nós chegamos aqui, que faz um ano e meio. A todos os professores [...] que se juntaram para nos dar aula de português e para nós foi de muita ajuda, já que não tínhamos nenhum tipo de conhecimento das palavras e da fala de português. Hoje em dia, faz um ano e meio que chegamos, para nós, deu certo. Nossos filhos tiveram sucesso na escola e foi de muita ajuda para eles, para minha esposa e para mim. Foi de muita ajuda, também, no trabalho, porque também conseguimos essa comunicação com os colegas. E, na verdade, estamos agradecidos. Primeiramente a Deus e a tanta gente que ajudou, entre eles, vocês, professores. (JOÃO, 11 de agosto de 2020).*

– Relato 2*: Agradeço a vocês por nos ensinar a falar português e eu agradeço por ensinar meus irmãos, meus pais. Agradeço muito. (JORGE, 11 de agosto de 2020).*

[1] Os depoimentos foram obtidos por WhatsApp e Messenger (todos devidamente registrados e guardados), no entanto os nomes usados são fictícios para manter a privacidade.

– Relato 3*: De verdade, muito obrigada por tudo o que vocês fizeram pela gente. Muito agradecida pelas aulas de português que deram para gente. Precisávamos muito. Meu filho, meu marido, precisavam muito. Antes, achavam que não precisavam no momento, agora / estão entendendo que foi preciso. De verdade, muito agradecida por tudo. Minha família e eu estamos muito agradecidos pela atenção (LUANA, 18 de agosto de 2020).*
– Relato 4*: Minha experiência foi ótima. Acho que a gente aprendeu bastante, na nossa pronunciação, na nossa escrita, na nossa leitura. Eu tinha algum conhecimento, mas nunca tinha feito alguma aula. Então eu conheci mais da língua, eu melhorei bastante na minha pronunciação, que é bastante complicada pra gente. E na escrita que, nossa, é muito complicada. Então, eu estou agradecida com todos vocês. Agradecida com todos que fizeram parte daquele projeto, professores que foram todos maravilhosos, pacientes, responsáveis, pessoas com aquela vontade de ajudar a gente. (MANOELA, 19 de agosto de 2020).*

Como visto em todos os depoimentos, assim como foi na época de encerramento do curso, as aulas de língua portuguesa contribuíram para a inclusão dos venezuelanos no município, para o estabelecimento de suas relações, para o ingresso no trabalho, na escola etc. A língua, de fato, é crucial para a inclusão e o Projeto desenvolvido oportunizou o primeiro contato com o português como língua de acolhimento, estudando-o através de textos, filmes, músicas, debates, exercícios etc. e temáticas, tais como, trabalho, estudo, economia, entre outras.

5. Espanhol em Foco: a contrapartida solidária

Após encerramento do Curso “Português para venezuelanos”, a professora alfabetizadora venezuelana Delmira del Valle Cedeño Toussaint procurou a coordenadora

deste curso para propor uma contrapartida: ensinar o Espanhol em solo patrulhense. Assim, foi organizada a proposta de curso de espanhol, submetida e aprovada nas instâncias superiores da Universidade Federal do Rio Grande, no Instituto de Letras e Artes. De abril a julho de 2019, ocorreu o curso *Espanhol em Foco: Nível I*, ministrado pela professora venezuelana Delmira, uma das pessoas acolhidas em Santo Antônio da Patrulha. Assim, a professora Delmira, realizando uma ação solidária, pôde exercer, novamente, sua profissão, agora, em sua nova terra, em solo brasileiro.

Dessa forma, o curso foi organizado em 60 horas, com encontro semanal, nas quintas-feiras, das 19h às 22h, na Unidade Cidade Alta do Campus FURG-SAP, de abril a julho de 2019. Teve como objetivo desenvolver ações de estudo do Espanhol dirigido a lideranças comunitárias que, de alguma forma, contribuíram no processo de ensino do Português para os venezuelanos acolhidos em Santo Antônio da Patrulha em dezembro de 2018, com vistas à facilitação no processo comunicativo e de interação social, cultural e profissional.

Além da professora ministrante, professora Delmira, o curso contou com o apoio das responsáveis pelo projeto, Professora Darlene Webler, e da Professora Franciele Krumenauer, que foi coorientadora e fez a mediação desde o início do processo. Também, participou, a professora de língua portuguesa e espanhola Melina Borba, auxiliando nos encontros presenciais.

Foram ofertadas 40 vagas aos patrulhenses, os quais passaram por processo seletivo através de entrevistas, considerando o grande número de inscritos. Na Figura 4, é possível verificar uma das aulas realizadas durante o curso.

Figura 4 – Aula do curso Espanhol em Foco: Nível I

Fonte: Acervo do GES, abril/2019.

A língua espanhola abrange várias culturas e, nesse caso, aprender a língua é, também, adquirir conhecimentos culturais muito amplos. Muitas vezes, pensa-se, apenas, na gramática, na pronúncia, na escrita, sem preocupação com a cultura que compõe essa língua. Com o projeto, os alunos tinham não só os conhecimentos básicos, como escrita, oralidade e gramática, como também conhecimentos culturais da Venezuela muito ricos, porque não se limitavam ao que é exposto em livros, mídias etc. Havia a troca imediata de conhecimentos culturais. Tanto a professora venezuelana contava sobre sua cultura, como os alunos narravam sobre as histórias brasileiras. Isso tudo fazia com que a aprendizagem se tornasse mais dinâmica, participativa e interessante para ambas as partes, pois ela mesma ainda estava em fase de aprendizagem sobre a língua portuguesa.

A Figura 5 apresenta o registro do encerramento do curso.

Figura 5 – Encerramento do curso Espanhol em Foco: Nível I

Fonte: Acervo do GES, julho/2019.

Do mesmo modo que se criou um vínculo entre professora e alunos no curso de *Português para Venezuelanos*, criou-se no curso *Espanhol em Foco*. Os participantes ficaram muito agradecidos pela disponibilidade e pelo empenho da professora em realizar o curso, de modo voluntário, diante de tantos desafios que estava encontrando, já que, há pouco, havia deixado sua terra, seu emprego e sua família. Durante todo o curso, a Profª Delmira mostrou-se forte e alegre diante de todos, sempre disposta a ensinar. Muitos foram os pedidos de oferta de nova edição deste curso, bem como de oferta do Nível II. A professora disponibilizou-se a ofertar, ainda em 2020, o curso Espanhol em Foco: nível II, de forma on-line devido à pandemia, cuja proposta está em fase de organização.

6. Algumas Considerações Finais

Sair para um lugar desconhecido, sem saber quais as condições de vida que lhe esperam, com apenas a esperança por dias melhores, é uma atitude de muita coragem e, ao mesmo tempo, de sofrimento. Isso porque sair de um país significa deixar para trás um lar, uma família, uma vida, principalmente, quando isso ocorre em situação de refugiado. Acolher aqueles que tomam tal decisão é uma questão humanitária.

Receber os venezuelanos em Santo Antônio da Patrulha e ouvir suas histórias, certamente, marcou a vida de cada professor que passou pelo projeto. Nenhum relato era fácil de escutar, pois vinha carregado de emoção. Saber que foi possível contribuir para a inclusão de cada um no novo país e para a consolidação de sua nova vida é, de fato, gratificante por vários motivos. Primeiro, porque o voluntariado traz a questão do ajudar o outro – era um trabalho voluntário. Segundo, porque tratava-se de um projeto de empreendedorismo social que iria ajudá-los, diretamente, na sua inserção no trabalho, tão necessária para que se estabelecessem no novo país. Terceiro, por poder contribuir através de nossa profissão como professor. E, quarto, por ser através da língua, essencial para a comunicação e inter-relação social.

Contribuir para o acolhimento dos venezuelanos com nosso conhecimento já é gratificante, mas poder contribuir ensinando nossa língua é mais ainda, porque é através dela que eles irão se expressar, que irão interagir, que irão estabelecer as relações. Além de que, como dito, pôde-se durante este período, estabelecer um vínculo e, de certa forma, possibilitar um ambiente acolhedor em terras desconhecidas. Além da troca de conhecimento, de cultura que houve durante as aulas e que contribuiu para ambas as partes.

O curso *Português para Venezuelanos: a inclusão pela língua* deu origem ao curso *Espanhol em Foco – Nível I*, que foi uma contrapartida pelo acolhimento realizado aos venezuelanos. Aqui, evidencia-se a vivência das concepções de inclusão e de empreendedorismo social, que passa por práticas de voluntariado, solidariedade e mútua ajuda. Todo o esforço investido por professores patrulhenses, durante todos os dias de dezembro/2018 e janeiro/2019, período em que muitos estavam de férias, retornou em conhecimento para outros patrulhenses, através do *Espanhol em Foco*, em 2019/1, que aprenderam sobre um idioma, sobre uma cultura e, também, passaram a compreender melhor os venezuelanos que, agora, se encontravam no município.

A aprendizagem de uma língua, portuguesa ou espanhola, objeto de estudo em ambos os cursos, foi o motivo para que várias pessoas se unissem para uma ação maior, a inclusão dos imigrantes. Reitera-se que a língua é fator crucial para a inclusão. Tendo seu domínio, deixam de ser identificados pela linguagem como imigrantes e passam a ser vistos como cidadãos, reconhecidos por suas profissões e atributos. Passam a fazer parte daquela sociedade, daquele país. O domínio demanda tempo, assim como para o próprio nativo. Todavia, o curso foi o início dessa aprendizagem tão necessária à inclusão.

Projetos, como *Português para Venezuelanos: a inclusão pela língua* e outros já desenvolvidos pelo GES e/ou na FURG-SAP são importantes e devem ser realizados para a inclusão de outros imigrantes, para que a língua não seja uma barreira, e sim facilitadora de relações interpessoais

e propagadora de iniciativas solidárias e empreendedoras. Da mesma forma, se possível, é desejável que deem origem a outros cursos como o *Espanhol em Foco*, alimentando uma verdadeira corrente do bem. A educação deve ser elemento base no acolhimento dos imigrantes, sendo o curso de português como língua de acolhimento – elemento chave para inserção de imigrantes no Brasil.

REFERÊNCIAS

COSTA, Leonardo. **Brasil fecha fronteira terrestre com a Venezuela por ordem judicial que veta entrada de novos imigrantes.** 2018, El País. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/07/internacional/1533598969_507654.html>. Acesso em: 15 ago. 2020.

FURG/SISPROJ. **Português para Venezuelanos** – a inclusão pela língua. Projeto de Extensão Universitária EXT-291, 2018. Disponível em: www.furg.br

FURG/SISPROJ. **Espanhol em Foco** – Nível I. Projeto de Extensão Universitária EXT-1225, 2019. Disponível em: www.furg.br

GARCEZ, Pedro. Cultura invisível e variação cultural na fala em interação social: o que os educadores da linguagem têm a ver com isso. In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo. **Discurso, memória e identidade**. 1.ed. Porto Alegre: Sagra Luzato, 2000.

GROSSO, Maria José dos Reis. Língua de acolhimento, língua de integração. **Horizontes de Linguística Aplicada**, Brasília, v.9, n.2, p.61-77, 2010.

WEBLER, Darlene. Língua, Linguagem e Ensino: articulando aspectos sócio-históricos e culturais. In: TAGLIANI, Dulce (Org.). **Multiação:** pensando o ensino de língua portuguesa. 1.ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

SIMÕES, Gustavo da Frota; *et al.* Perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil.1. ed. Curitiba: CRV, 2017.

A INCLUSÃO PELA LÍNGUA
Uma proposta de acolhimento para crianças venezuelanas

Thais de Assis Rocha*

1. Introdução

Sabe-se que a Venezuela passa por um período de recessão econômica e que muitos de seus habitantes estão buscando refúgio em países vizinhos. O Brasil é um dos países que abriu suas divisas e buscou acolher esses indivíduos, alguns, em condição de refugiados, da melhor maneira possível. Esta ação trata-se de uma questão humanitária de acolhimento de indivíduos que foram obrigados a deixar o seu país por não encontraram condições adequadas de vida, liberdade, segurança e trabalho. No Brasil, a Lei nº 9.474/1997 regulamenta a acolhida de imigrantes e refugiados, garantindo ajuda na instalação, como em estruturas físicas, orientações legais, apoio laboral, acompanhamento psicológico e emocional, ensino da língua, apresentação da história e cultura brasileiras.

Ao final do ano de 2018, Santo Antônio da Patrulha acolheu 52 indivíduos vindos da Venezuela. Pensando em acolhê-los e oportunizar uma real inserção a nossa cultura e a nossos hábitos, entendeu-se que o movimento de inclusão deveria iniciar pelo ensino de nossa língua materna, o português. Sendo assim, iniciou-se o projeto “A inclusão pela língua”, organizado pela Universidade Federal do Rio Grande, com a parceria de um grupo de voluntários

* Mestranda em Ensino de Ciências Exatas (FURG), professora alfabetizadora da rede pública (municipal e estadual) de S. Antônio da Patrulha e voluntária de ações do GES.

formado por professores e acadêmicos em licenciaturas. Oportunizando a aprendizagem da Língua Portuguesa como língua de acolhimento, os planejamentos observaram as adversidades da condição migratória, a realidade em que se encontravam os sujeitos, suas necessidades e expectativas, para, assim, atender aos objetivos propostos, como oralidade, vocabulário, estrutura e funcionamento da língua, além de questões de ordem contextual, social e cultural.

No primeiro momento, foi pensado em atender aos adultos com um intensivo de Português e cuidar das crianças enquanto os pais recebiam a formação. Após alguns diálogos, entendeu-se que as crianças também necessitavam de uma inserção ao nosso idioma, pois as mesmas, em poucos meses, deveriam ser matriculadas em escolas locais.

Aos 19 dias do mês de dezembro, iniciaram as aulas com adultos e crianças. No primeiro momento, foram realizadas atividades de sondagens; tínhamos 17 crianças a serem atendidas, 10, em idade escolar e 7, no período de educação infantil, sendo assim, divididas em duas turmas para garantir um melhor atendimento das necessidades de cada faixa-etária. No início, a adaptação ao novo ambiente, aos voluntários e ao novo idioma impossibilitaram atividades dirigidas de alfabetização, sendo propostas atividades recreativas e lúdicas a fim de construir laços entre os sujeitos.

Ribeiro (2005), embasado nas ideias de Vygotsky, descreve que o ser humano constitui-se como tal a partir da sua relação com o outro. Que a nossa espécie biológica se desenvolve no interior de um grupo cultural, que o cérebro possui grande plasticidade e sua estrutura e seu modo de funcionamento são construídos ao longo da história da espécie e, também, do desenvolvimento individual. Assim, é a linguagem que ocupa um espaço central, pois é através dela que nos apropriamos de cultura e construímos os sistemas simbólicos de representação da realidade.

Após um recesso em função dos feriados de final de ano, retomamos as atividades nas dependências da FURG – Campus Santo Antônio da Patrulha, no período da noite. Os planejamentos propostos tinham por objetivos oportunizar

horas do conto, jogos e brincadeiras, almejando que os alunos adquirissem noções do idioma proposto; eles foram construindo hipóteses, comparando as palavras, habituando-se à nova rotina, construindo seu vocabulário.

Lemos (2020) discorre sobre a aquisição/aprendizagem de duas ou mais línguas pela criança, sendo como um estudo de bilinguismo, o qual requer atenção, pois o entendimento de como ocorre a aquisição de outro idioma, em seus contextos e processos, necessita observar as diferenças individuais do desenvolvimento da linguagem.

2. A proposta pedagógica

Pensando em atender à demanda posta, que era garantir um processo de acolhimento com qualidade, garantindo aos indivíduos a inclusão no espaço/tempo da cidade, e entendendo que uma das primeiras barreiras que um imigrante enfrenta é se apropriar do idioma, idealizou-se um projeto de inclusão pela língua para atendimento dos indivíduos que seriam alocados em Santo Antônio da Patrulha. A relevância deste projeto está ancorada nas seguintes razões:

a) a urgência de ação de ensino e acompanhamento à aquisição do Português por venezuelanos falantes do Espanhol em fase de instalação em SAP;
b) a necessidade social da participação no acolhimento integral aos venezuelanos em solo brasileiro;
c) a importância de contribuição da universidade nos processos de reflexão, ação e acompanhamento na demanda humanitária posta no que diz respeito à inclusão de famílias venezuelanas na dinâmica social, cultural e econômica local.

Tendo como objetivo geral: “desenvolver ações de estudo do Português dirigido aos imigrantes venezuelanos em fase de estabelecimento em Santo Antônio da Patrulha, através de um curso intensivo aos jovens e adultos e de atividades dirigidas às crianças e adolescentes, com vistas

à facilitação no processo de aquisição da Língua Portuguesa e de interação social, cultural e profissional" E como objetivos específicos:

a) fazer um planejamento de ações voltadas ao estudo do Português aos falantes do Espanhol, contemplando, inicialmente, de forma especial, a oralidade;
b) traçar um perfil das famílias de imigrantes oriundas da Venezuela, considerando faixas-etárias, necessidades e expectativas;
c) organizar o Curso Intensivo de Português (60h) para jovens e adultos, respeitando as primeiras e principais necessidades desses;
d) planejar ações de trabalho com a língua que estão voltadas às crianças e aos adolescentes;
e) manter uma dinâmica contínua de encontros de planejamento e avaliação pela equipe executora e de apoio;
f) produzir um relatório final e outros textos sobre o desenvolvimento do projeto.

Sendo assim, o projeto, também, se propôs a ofertar o curso para crianças e adolescentes com aulas nos mesmos moldes e horários dos adultos, mas atento às peculiaridades das faixas-etárias atendidas. Em dezembro de 2018, as famílias chegaram a Santo Antônio da Patrulha, sendo 52 indivíduos; desses, 17 eram consideradas crianças, com idades até 12 anos, e alguns adolescentes, mas esses foram alocados na turma dos adultos por sua maturidade e vivências.

Com um público de 17 crianças, subdividimos em duas turmas, os que estavam em idade escolar (10) e os que pertenciam a educação infantil (7). Para atendê-los, foram necessários 14 voluntários; desses, alguns eram alunos de cursos de licenciatura na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), no Campus Santo Antônio e do Curso Normal, antigo magistério, do Instituto Estadual Santo Antônio (IEESA), além de professores com experiência em alfabetização.

As aulas iniciaram no dia 19 de dezembro, no turno da noite. No primeiro momento, optou-se por fazer uma integração com as duas turmas a fim garantir uma boa adaptação, principalmente, dos pequenos em idade de educação infantil, pois os mesmos sentiam-se mais seguros próximos dos irmãos mais velhos. O planejamento foi pensado partindo de brincadeiras para apresentação e dinâmicas de interação social. No primeiro momento, já foi percebido que o horário não seria o mais adequado para as crianças, pois algumas dormiram com o avançar da hora, porém, como eram muitas as atividades dos adultos durante o dia, como instalação no alojamento, produção de nova documentação, além de encontros com grupos para a inserção no mercado de trabalho, não seria possível atender às crianças em horários distintos.

Figura 1, 2, 3 e 4 – Atividades realizadas em 19 de dezembro

Fonte: Acervo pessoal, 2018.

No segundo encontro, foi proposta uma visita ao alojamento, pensando em propiciar uma atividade diurna ao ar livre e celebrar com as famílias a passagem do Natal. Este encontro foi mais curto. Com o intuito de não invadir a privacidade das famílias, foi proposta uma brincadeira

com bolhas de sabão após entramos em recesso por conta das festividades de final de ano e retomamos às atividades no dia 3 de janeiro de 2019.

Figuras 5, 6, 7 e 8 – Atividades realizadas em 03 de janeiro

Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Nos encontros subsequentes, foi proposto que as atividades voltadas para as duas turmas partissem do lúdico. Segundo Macedo, Petty e Passos (2009), é o lúdico que segura uma criança em um espaço escolar, pois eles ainda não possuem recursos biológicos para compreender que, futuramente, o ensino lhe será útil, que as crianças vivem o momento, assim, seu campo de interesse é despertado por jogos e brincadeiras. Nos jogos e brincadeiras, as crianças são sérias, concentradas e atentas, pois não estão objetivando uma ascensão social, mas sim a diversão e o desafio.

Figuras 9 e 10 – Atividades realizadas em janeiro

Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Foi observado que o curso à noite tinha pouca adesão e que os alunos de 0 a 4 anos de idade, por vezes, dormiam nas dependências da Universidade, então, após a primeira quinzena do mês de janeiro, o curso passou a ser ofertado no turno da manhã. Mesmo com a troca de horários, nosso público continuou escasso; os mesmos indivíduos que frequentavam o curso à noite passaram a frequentar no turno da manhã. Mas isso não foi empecilho para um trabalho de qualidade proposto pelas professoras voluntárias. Essas professoras se dividiram em escala para o atendimento, sendo que, quando nenhuma podia atender à turma, a coordenadora assumia. Dentre as atividades propostas, os alunos foram se familiarizando com a língua e, aos poucos, foram se habituando a utilizar o português em todos os momentos da aula, até mesmo nos diálogos nos momentos de intervalo.

Figuras 11, 12, 13 e 14 – Atividades realizadas em janeiro

Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Ficou evidente que as atividades de contação de histórias, jogos e brincadeiras eram os preferidos das crianças. Brincando, as barreiras da língua foram se dissipando. Falkembach (2006) acrescenta que a melhor forma de conduzir uma criança à atividade, ao conhecimento, à autoexpressão, à autorregulação, à socialização é por meio de jogos e brincadeiras. O jogo, com intencionalidade e de forma lúdica, é desafiador e tem a capacidade de gerar uma aprendizagem que se prolonga para fora do ambiente escolar.

Figuras 15, 16, 17 e 18 – Atividades realizadas em janeiro

Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Ao final dos encontros, no dia 18 de janeiro, começou um trabalho de auxílio às famílias na matrícula dessas crianças na rede regular de ensino; essa ação culminou o trabalho e garantiu a inserção desses indivíduos na sociedade. Simões e Tavares (2019), refletindo sobre esses processos de integração de imigrantes, discorrem que a integração inicia no momento de chegada do refugiado ao novo país e que a sua efetividade é influenciada pelas experiências do momento de chegada. Assim, ao final do trabalho, ficou evidenciada a garantia de um dos direitos básicos das crianças: a Educação.

3. Considerações finais

Foi constatado que o curso de Inclusão pela Língua voltado a imigrantes e refugiados Venezuelanos possibilitou o acolhimento desses indivíduos com maior qualidade, que os indivíduos que participaram tiveram mais facilidade de se inserir dentro de espaços da sociedade, como no mercado de trabalho e, no caso das crianças, na escola. Todas as crianças

que participaram ativamente do curso e, ainda, residiam na cidade que os acolheu foram matriculadas em escolas municipais e tiveram acompanhamento, no primeiro ano, por parte da Secretaria de Educação para garantir sua permanência.

Durante o curso, foi evidenciada a importância das atividades partirem de jogos e brincadeiras como forma lúdica de explorar o idioma, pois as crianças atendidas já estavam em situação de vulnerabilidade e necessitavam descontrair e se divertir, tornando a ruptura com sua cultura um pouco mais leve e garantindo o direito ao ensino e a uma educação inclusiva.

REFERÊNCIAS

FALKEMBACH, Gilse A. Morgental. O lúdico e os jogos educacionais. **CINTED-UFRGS,** 2006. Disponível em: <http://penta3.ufrgs.br/midiasedu/modulo13/etapa1/leituras/arquivos/Leitura_1.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2020.

LEMOS, David Sena. **Bilinguismo fronteiriço e o code-switching no espaço escolar:** aquisição/aprendizagem do português brasileiro (PB) por crianças venezuelanas. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2020.

MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia Sícoli; PASSOS, Norimar Christe. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**. 1.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

RIBEIRO, Angela Maria. **Curso de formação profissional em Educação Infantil.** 1.ed. Rio de Janeiro: EPSJV, 2005.

SIMÕES, Gustavo de Frota; TAVARES, Carolyne de Melo Ribeiro. O ensino de português como língua de acolhimento e seu papel como facilitador do processo de integração de imigrantes venezuelanos em Roraima. **Monções – Revista de Relações Internacionais da UFGD**, Dourados, v.8, n.16, p.279-307, 2019.

LINGUAGEM E FOTOGRAFIA
Mulheres e homens campesinos em foco

Darlene Arlete Webler*
Dioges Webler Giehl**
Ivete Terezinha Wathier***

1. Algumas palavras sobre o projeto

O projeto *Linguagem e Fotografia – mulheres e homens campesinos em foco,* aqui apresentado, é uma importante ação de empreendedorismo social, na medida em que se mobiliza para promover a inclusão e a emancipação do seu público-alvo: as mulheres e os homens trabalhadores do campo em uma comunidade rural de Santo Antônio da Patrulha. Este projeto está vinculado ao GES-Grupo de Empreendedorismo Social e foi desenvolvido entre setembro de 2018 e março de 2019. Ainda que a maior parte dos integrantes do GES tivesse importante participação nas diferentes etapas de seu desenvolvimento, o projeto estava sob a responsabilidade de Tatiani Krech[1] e Aline Oliveira[2].

---

* Doutora em Letras (UFRGS), professora da Universidade Federal do Rio Grande/FURG, vinculada ao Instituto de Letras e Artes, vice-diretora da FURG-Campus SAP, é responsável pelo Programa *Nas Trilhas do Empreendedorismo Social – interlocução entre universidade e comunidade,* ao qual está vinculado o GES. Estuda as temáticas de educação popular, autogestão e empreendedorismo social na perspectiva dos Estudos Discursivos.

** Estudante do Curso de Engenharia Agroindustrial – Indústrias Alimentícias da FURG-SAP, integrante do GES desde sua criação e coordenador do Projeto Feira Agroecológica.

*** Estudante do Curso de Licenciatura em Ciências Exatas da FURG-SAP e integrante do GES desde a sua criação.

[1] Estudante do Curso de Ciências Exatas da FURG SAP, tendo integrado o GES desde a sua criação até julho/2019.

[2] Estudante do Curso de Ciências Exatas da FURG SAP, tendo integrado o GES desde a sua criação até julho/2020.

Com o intuito de ajudar na valorização das mulheres camponesas e no empoderamento feminino delas, é que se propôs o desenvolvimento desse projeto. Além disso, sua proposição constitui uma forma de luta pela igualdade de gênero e pela valorização das mulheres camponesas. Outra razão é a busca por valorizar a beleza do campo. Assim, ao longo deste texto, faremos o desdobramento do projeto *Linguagem e Fotografia – mulheres e homens campesinos em foco* intercalando percepções, reflexões, relatos e registros fotográficos.

2. Um olhar sobre as mulheres campesinas

Nesta ação, buscamos tecer considerações sobre o sujeito, na construção de identidades, de mulheres campesinas, que, com sua sensibilidade, tomaram frente à agricultura, ao perceberem que, plantando sementes, garantiriam o alimento da família e da comunidade onde residem, preocupadas com a parte social, diferente dos homens que se voltavam mais para a parte financeira, visando a lucros.

Conforme preconiza Engelmann (2018),

> Ao contrário de algumas crenças do senso comum, de que o trabalho braçal na agricultura é feito principalmente por homens, a história e a prática do dia a dia tem demonstrado que grande parte da produção de alimentos para a subsistência das famílias e comercialização no mercado interno é realizado pelas mulheres camponesas. As mulheres têm uma preocupação maior com a vida, a subsistência, a alimentação das famílias, o cuidado com os filhos e o consumo de alimentos saudáveis. (25/07/*2018*)

Mesmo enfrentando constante injustiça social, frequentemente ligada a questões de saúde e educação, é importante destacar a sensibilidade das mulheres

e sua preocupação com a alimentação. Geralmente, a mulher do campo tenta fazer o melhor possível aos que estão ao seu redor e, de forma peculiar, tomar cuidados para evitar doenças que possam acometer seus familiares, cuidando da alimentação saudável, sem que sejam necessários medicamentos ou ajudas médicas. Essa, de modo geral, é outra demanda da comunidade rural.

Soma-se às carências das comunidades rurais, em especial, para as mulheres, o acesso à educação. Nessa questão, é realidade que as oportunidades são menores do que para os homens, o que é agravado para mulheres campesinas que enfrentam barreiras diárias e contínuas. Para elas, está posto priorizar o bem-estar da família, os cuidados com a casa, com as roupas e com a alimentação, além do apoio nos trabalhos da produção. Assim, os estudos ficam relegados a segundo plano – o que acaba por nunca se tornar prioridade.

Bojanic (2017) afirma que:

> [...] as mulheres rurais são as que mais vivem em situação de desigualdade social, política e econômica. Apenas 30% são donas formais de suas terras, 0% conseguem ter acesso a créditos e 5% a assistência técnica [...] Como parte desse processo de entender e estudar as mulheres rurais, a FAO tem constatado que, quando as produtoras conseguem ter acesso igual ao dos homens a recursos produtivos e financeiros, oportunidades de renda, educação e serviços, há um aumento considerável na produção agrícola e uma redução significativa no número de pessoas pobres e com fome [...] (16/12/2017)

Entendemos que é importante estimular a participação feminina nas decisões de todo o processo produtivo do campo, desde o planejamento da produção até a decisão sobre os resultados, já que elas participam ativamente do trabalho, mas, muitas vezes, não são informadas sobre as sobras

nem são consultadas sobre investimentos. Nada mais justo do que mulheres e homens terem igualdade de direitos e de deveres, de modo especial, quando se trata de agricultura familiar.

Quanto ao trabalho no meio rural, há tarefas que, tradicionalmente, são mais valorizadas do que outras, assim como tarefas consideradas de “homens” e outras, de “mulheres”. Rotinas mais ligadas ao trabalho doméstico costumam ser realizadas nos intervalos dos trabalhos com a plantação e com os animais, ainda que possam demandar muito tempo e esforço, sendo comumente colocadas como tarefas complementares e, como tal, realizadas em tempo extra. Então, muitas vezes, a jornada de trabalho da mulheres é bem superior ao dos homens, assim como as responsabilidades.

A luta pela conquista do espaço das mulheres nas relações de gêneros, de trabalho, de tomada de decisões etc. não é de hoje. Há de se reconhecer que foram muitas as conquistas, em especial, desde a homologação da Constituição Brasileira, em 1988. Destacamos movimentos menores que melhoram a vida de pequenas comunidades, protagonizadas, muitas vezes, por mulheres. Como exemplo, temos do *Muda Mundo*, fundada pelas irmãs Priscila e Déborah Veras, no estado do Ceará, que é um projeto com o objetivo central de impulsionar o desenvolvimento sustentável e ampliar o acesso à alimentação saudável. Outro exemplo é a Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia, fundada pela empreendedora Thaise Guzzatti, em Santa Catarina, com o intuito de diversificar as propriedades dos agricultores familiares que estavam em processo de êxodo rural, em busca de qualidade de vida e melhores oportunidades de renda.

Se vistas de um modo global, as pequenas ações e os movimentos podem parecer insignificantes, mas localmente, para a comunidade onde está sendo desenvolvida, são relevantes. Isso, também, é importante para a comunidade perceber que há quem se importa com ela, que pensa nela e propõe soluções para suas mazelas, mesmo que em pequenas proporções ou a passos lentos. Para mulheres

inseridas em relações desiguais e em espaços rurais precarizados, periféricos socioeconômica e culturalmente, as iniciativas de lançar olhar para suas realidades, ensinar e aprender com elas podem ter importantes significados para os processos de libertação feminina, podem alavancar oportunidades que levam à emancipação.

De acordo com Becker & Klanovicz (2016),

> Há que se analisar o discreto caminhar dessas camponesas , na busca por espaço de igualdade. Nota-se que a vontade de participação e consequente transformação dessas mulheres, no que se refere ao processo como um todo, que vai desde a compreensão dos programas que estão inseridas, até as formas de plantio, comercialização do alimento produzido. Isso demonstra uma maturidade enquanto reconhecer-se protagonista desse processo produtivo presente no cenário rural. (2016, p.165)

Com o passar dos tempos, cada vez mais, as mulheres observam as realidades em que estão inseridas, se organizam pelo mundo e desenvolvem reflexões sobre suas lutas pelo reconhecimento, sua condição feminista, suas conquistas. Isso resulta em mudança de postura das mulheres de gerações posteriores.

A igualdade só será alcançada quando mulheres e homens reconhecerem que não existe diferença em relação à capacidade de execução de tarefas entre os diferentes gêneros. É imprescindível que exista respeito mútuo. Essa luta é muito importante, pois é através da cooperação entre todos que podemos caminhar para construir uma sociedade verdadeiramente livre.

Assim, podemos dizer que uma sociedade com igualdade de direitos entre mulheres e homens, necessariamente, passa pela libertação feminina, o que significa a participação ativa e massiva das mulheres nos diferentes setores sociais e públicos. Em Beauvoir (1970,

p.74), encontramos que "A mulher só se emancipará quando puder participar, em grande medida social, na produção e não for mais solicitada pelo trabalho doméstico senão numa medida insignificante". Entre as leituras possíveis deste recorte de Beauvoir, está a concepção segundo a qual, realmente, os pensamentos e as práticas são igualitárias entre mulheres e homens na atividade produtiva, sendo o trabalho doméstico efetivamente complementar para ambos, não só para o homem de forma eventual.

A história ensina que só se conseguem grandes transformações através de grandes lutas, lutas por dignidade, lutas pelo respeito, lutas para a construção de uma sociedade mais coletiva, que assegurem a liberdade tanto individual como também coletiva. Daí se dá a importância da luta pela igualdade de gênero, pois, sem luta, não há mudança. Como dizem Marx & Engels (2004),

> Só na comunidade com outros é que cada indivíduo encontra os mecanismos para desenvolver suas faculdades em todos os aspectos; é na coletividade, portanto, que a liberdade pessoal se torna possível. (2004, p.112)

Nessa compreensão, mulheres e homens vão se constituindo nas suas práticas, a partir do momento que se propõem a estabelecer novas relações, a promover mudança de posturas, a respeitar as individualidades na coletividade, a refutar qualquer discriminação entre os diferentes – diferenças de gênero, raça, etnia, credo etc. Só assim se pode conquistar a liberdade de fato.

Essa sociedade não é uma utopia, mas é algo que pode ser construído de forma coletiva na contínua busca pela superação de estrangulamentos – contínua porque não se esgota. As mudanças sociais demandam muita luta e muito tempo, pois implicam transformação de hábitos, crenças e culturas, de forma respeitosa e democrática.

Seibert (2019), com base em estudos de autores como Kikwood (1987), Conte (2018) e Gaspareto (2018), afirma que:

> O saber hegemônico também é patriarcal e por esta razão as formas de produzir conhecimento das mulheres não são reconhecidos, mas também tem classe e cor, portanto, os saberes de muitas mulheres, dentre elas as mulheres camponesas, não tem valor, ou melhor, nem existem para esta sociedade. E com frequência em um marco de disputa da produção de conhecimentos ditos “válidos” e de sujeitos políticos de determinadas pautas tende-se a marginalizar sujeitos pertencentes a grupos sociais e também correntes teóricas contra hegemônicas. (SEIBERT, 2019, p.13)

Dados os saberes tradicionais que reforçam a relação de subordinação das mulheres aos homens, reafirmam essa desvalorização do gênero feminino, desrespeitam e agridem as mulheres empobrecidas, negras ou indígenas, se fortalece a necessidade de enfrentamento de tais saberes, seja em grandes, seja em pequenas iniciativas.

3. Relato sobre o desenvolvimento do projeto

O projeto foi desenvolvido incluindo encontros semanais na comunidade, sempre às segundas-feiras, das 19 às 22h, de 24/09/18 a 26/11/18; visita às instalações da FURG, com oficina no Laboratório de Informática, no dia 07/11/18; ensaio fotográfico na comunidade, no dia 24/11/18; encontro de encerramento e formatura do grupo na comunidade, no dia 03/12/18; e noite de abertura da exposição fotográfica do projeto na FURG-SAP, no dia 28/03/19. Assim, o projeto totalizou 60 horas.

3.1 Encontro para apresentação do projeto

Para fins de estabelecimento de parcerias e desenvolvimento de ações de empreendedorismo social, foram realizadas, ao longo de junho e agosto, algumas reuniões, na FURG-SAP, com o Prof. Augusto de Fraga

Cardoso, diretor da Escola Municipal José Inácio Machado Ramos da comunidade Serraria Velha/SAP. Assim, em 03/09/18, na Escola da Serraria Velha, foi realizada uma reunião para apresentação do projeto Linguagem e Fotografia à comunidade. A direção da escola convidou todos os adultos interessados e, de forma especial, as mulheres, já que o público-alvo deste projeto são as mulheres campesinas.

Os integrantes do GES que participaram da reunião (Profª Darlene, Alana, Aline, Dioges, Ivete e Tatiani) se encantaram com as pessoas presentes. Ainda que fosse noite de frio e muita chuva, se fizeram presente mais de 20 pessoas, sendo a maior parte mulheres (40 a 70 anos) e alguns homens (50 a 85 anos). Todos foram muito receptivos e manifestaram grande interesse pelo projeto apresentado, assim como por outras ações que o GES pudesse vir a desenvolver. Importante registrar que a direção da escola não mediu esforços para contribuir para a realização deste projeto.

Cabe observar que muitos dos presentes não conheciam a FURG, não tinham a informação de que, em Santo Antônio da Patrulha, estava instalado um Campus de uma universidade federal. Trata-se de uma comunidade dinâmica e organizada, que se situa no 3º Distrito do município, a uma distância de, aproximadamente, 15 km do centro. Muitos dos moradores, em especial mulheres, adultos e idosos, não costumam sair da comunidade, razão pela qual nem todos conhecem a área central da cidade.

Figura 1 – Apresentação do projeto para a comunidade da Serraria Velha.

Fonte: Acervo do GES, 2018.

3.2 Encontros na comunidade

Ao longo dos encontros, foram desenvolvidas leituras e discussões acerca de imagens e fotografias e de histórias e memórias, atividades dirigidas, dinâmicas de desinibição, palestras, orientações práticas sobre imagem, luz, foco, efeitos etc. Entre essas, destacamos:

- Dinâmica da Imagem e Memória: os participantes foram convidados a trazer fotografias que lembrassem dias felizes ou pessoas que já se foram e deixaram boas lembranças, a partir das quais foram contadas histórias ou descritos momentos marcantes. Após, foram conduzidas reflexões sobre a importância da fotografia, especialmente, a não digital, pois se mantêm nas famílias, sobre o registro que carrega histórias, sobre o movimento de rememorar fatos e despertar emoções a partir da fotografia.
- Maquiagem, cabelo, pele e roupas para fotografias: nesse encontro, o objetivo foi o de instigar a troca de percepções sobre os aspectos que cada um quer que sejam evidenciados em cada momento de registro; bem como fazer uma oficina com orientações e aplicação prática de princípios de maquiagem para as mulheres, cuidados com cabelo e pele, combinação de roupas e calçados etc., considerando momentos, rituais, eventos, ambientes, finalidades e demais elementos externos, além de peculiaridades pessoais (linhas do rosto, idade, gênero, altura…).
- Atividades dirigidas em laboratório de informática: orientações gerais sobre uso do computador, ferramentas de pesquisa básica, editor de texto, ferramentas de imagem, edição de fotos etc. Cabe destacar que poucos participantes já tinham manuseado no computador, mas nenhum com prática além do estritamente básico. Essas atividades foram muito importantes e ajudaram a entender alguns funcionamentos relacionados à prática de fotografar.

– Palestra sobre fotografia, luz, enquadramento, foco, aparelho fotográfico, fotografia com câmera de celular, distâncias, ambientes, posições de fotógrafo e fotografado(a) e outros aspectos.

Figura 2 e 3 – Registros de dois momentos na Serraria Velha.

Fonte: Acervo do GES, 2018.

3.3 Dia na universidade: visita dos participantes do projeto

Considerando que nenhum participante do projeto conhecia a FURG-SAP e alguns nunca estiveram na área central de Santo Antônio da Patrulha, foi organizada uma visita à universidade, que foi viabilizada com o uso do veículo coletivo (micro-ônibus) do Campus Universitário.

Ao longo do dia, o grupo conheceu os diferentes laboratórios de Química, Física e Matemática, sendo recepcionados pelos respectivos técnicos, que fizeram a apresentação dos espaços e uma breve apresentação dos trabalhos (estudos, experimentos, pesquisas); desenvolveu atividades dirigidas em um dos laboratórios de informática; visitou as instalações administrativas e acadêmicas nas Unidades Cidade Alta e Bom Princípio, onde observaram os espaços externos e de convívio, além das edificações em curso. No laboratório de informática, a oficina propiciou que os participantes mexessem nos computadores, escrevessem mensagens, desenhassem, experimentassem algumas ferramentas de pesquisa etc.

Ao meio dia, o almoço foi organizado, de forma compartilhada e coletiva, nas tarefas e nos alimentos,

com a participação de vários integrantes do GES. Este momento foi de maior descontração, em que as manifestações foram de satisfação, encantamento e entusiasmo. Alguns chegaram a dizer que pareciam ter descoberto o universo naquele dia. Para o GES, os olhares, as reações e as falas mostraram traços emancipatórios e sentimentos de inclusão social e cultural.

Figuras 4, 5, 6 e 7 – Participantes do projeto no Campus Universitário FURG-SAP.

Fonte: Acervo do GES, 2018.

3.4 Ensaio Fotográfico na Comunidade

Em 24/11/2018, foram realizados os ensaios fotográficos, em diferentes lugares da comunidade Serraria Velha, escolhidos pelos participantes, que trazem lembranças marcantes. Assim, entre momentos de sol e outros de chuva, o fotógrafo e integrante do GES, Guilherme Jaques, conduziu os registros fotográficos dos participantes, entre diálogos sobre histórias de vida e de significância dos lugares escolhidos para as fotos. Outros integrantes GES ajudaram a tornar o dia especial para os participantes do projeto,

com muitas conversas, risadas, comidas preparadas pelas famílias e até a dinâmica do “amigo secreto”.

Figuras 8, 9, 10, 11 e 12 – Algumas fotografias do ensaio Fotográfico na Comunidade Serraria Velha.

Fonte: Acervo do GES, 24/11/2018.

3.5 Encerramento e formatura do projeto

O encerramento do projeto, com a culminância do momento da formatura na comunidade, com a presença de familiares, de amigos e da comunidade escolar, foi realmente intenso e marcante para todos. Este momento foi, cuidadosamente, preparado pelos integrantes do GES, nas semanas que o antecederam. A formatura foi realizada no dia 03/12/18 na Escola Municipal de Ensino Fundamental José Inácio Machado Ramos, da Serraria Velha.

Tudo foi cuidadosa e carinhosamente preparado pelos integrantes do GES: ambiente de convívio, organizado de forma descontraída e iluminada; mesa coberta com toalha branca, decorada com flores e certificados, para o momento da formatura; mesas cobertas com toalhas azuis expondo as fotografias de todos, em porta-retratos artesanalmente confeccionados para este fim; mesas cobertas com toalhas em tom 'pastel', trazendo um delicioso coquetel.

Figuras 13, 14 e 15 – Encerramento e formatura na comunidade.

Fonte: Acervo do GES, 03/12/2018.

4. Exposição Fotográfica na Universidade

A abertura da *Exposição Fotográfica Linguagem e Fotografia* ocorreu no dia 28/03/19, abrindo as exposições 2019 que integraram a *Programação dos 10 Anos da FURG em Santo Antônio da Patrulha*, nossa FURG-SAP. Esta exposição foi às vésperas do Seminário sobre Inclusão e Empreendedorismo Social, ambos promovidos pelo GES/FURG-SAP. Esta exposição fotográfica revestiu-se de especial importância por ser o resultado de um projeto de extensão universitária, marcado pela intensa articulação entre universidade e comunidade.

Na noite de abertura desta exposição, os participantes do projeto, que são mulheres e homens trabalhadores do campo, foram homenageados por todos os presentes (GES, familiares, amigos, universitários, docentes, Polo SAP/UAB e patrulhense) e ocuparam o espaço da fala com depoimentos sobre suas histórias de vida e memórias, bem como sobre as percepções de significados do projeto para eles. Foi, realmente, emocionante!

Figuras 16, 17, 18 e 19 – Imagens da exposição fotográfica no Campus universitário.

Fonte: Acervo do GES, 28/03/2019.

5. E ainda um depoimento...

Em nome do GES-Grupo de Empreendedorismo Social da FURG, o fotógrafo Guilherme Jaques sintetizou as percepções do coletivo relativamente à experiência da realização do projeto no seguinte depoimento:

"Durante a execução do projeto Linguagem e Fotografias na comunidade de Serraria Velha – na cidade de Santo Antônio da Patrulha – RS, propusemos democratizar o acesso à fotografia de forma relativamente simples, trazendo exemplos do dia a dia daquela comunidade para explicar fenômenos de luz, de composição fotográfica (teoremas matemáticos que podem ser observados na natureza) e de funcionamento das câmeras. Os questionamentos e as histórias contadas pelos participantes, de como tiveram acesso às primeiras fotografias, e do uso do celular como câmera, por exemplo, permitiu uma troca bastante rica de experiências para a atividade. Durante a prática de retratos, foi possível trabalhar questões como desinibição frente à câmera, e, principalmente conhecer um pouco da história da comunidade. Visitamos residências de alguns participantes que ficavam próximas à escola, ouvimos histórias sobre os locais, e utilizamos a paisagem como plano de fundo das fotografias." (Guilherme Jaques, 30/04/2019)

REFERÊNCIAS:

ARTEMISIA. ***Alimentação: a força e o impacto positivo da mulher do campo*.** 16/10/19. Acesso: 10/08/20. Disponível em: https://artemisia.org.br/alimentacao-a-forca-e-o-impacto-positivo-da-mulher-no-campo

BECHER, Caroline; KLANOVICZ, Jó. Mulheres Camponesas e os Desafios do Acesso às Políticas Públicas para Igualdade de Gênero. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v.7, ed.2, p.159-177, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/302055782_Mulheres_Camponesas_e_os_Desafios_do_Acesso_as_Politicas_Publicas_para_Igualdade_de_Genero

BEAUVOIR, Simoni de. ***O Segundo Sexo: fatos e mitos***. 4ed. Editora. Difusão Europeia do Livro, São Paulo 1970.

BOJANIC, Alan. ***A Importância das Mulheres Rurais no Desenvolvimento Sustentável do Futuro***. 06/12/2017. Acesso: 17/08/20. Disponível em: http://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/en/c/1071672

ENGELMANN, Solange I. ***A mulher campesina e a luta por trabalho e dignidade na agricultura***. Global Sustentável, 25/07/18. Acesso: 18/08/20. Disponível em: https://mst.org.br/2018/07/25/a-mulher-campesina-e-a-luta-por-trabalho-e-dignidade-na-agricultura

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. ***A Ideologia Alemã***. São Paulo, Martin Claret, (Coleção a obra- prima de cada autor, 192) 2004.

SEIBERT, Iridiani Graciele. ***Feminismo camponês e popular: Contribuição das mulheres camponesas a luta de transformação social***. 2019. (174 p.) Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – PPG-Estudos Comparados Sobre as Américas, Universidade de Brasília, [*S. l.*], 2019. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/35503/1/2019_IridianiGracieleSeibert.pdf.

SILVA, Ivanilson Batista da. ***O protagonismo das mulheres camponesas na luta pela terra*. 2016. (121p.)** Dissertação (Mestrado em educação) – PPG-Educação, Universidade Federal da Paraíba, [*S. l.*], 2016. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/8751/2/arquivototal.pdf

WORKSHOP DE FOTOGRAFIAS
Vendo o mundo pelas lentes de uma câmera

Dioges Webler Giehl*

1. Breve apresentação da ação:

O projeto *Workshop de Fotografias: vendo o mundo pelas lentes de uma câmera* foi realizado sob a responsabilidade de Guilherme Jaques e Dioges Webler Giehl, ambos integrantes do GES-Grupo de Empreendedorismo Social no período de realização do projeto. Este grupo está vinculado ao Programa *Nas Trilhas do Empreendedorismo Social – interlocução entre universidade e comunidade*, do Campus de Santo Antônio da Patrulha (SAP) da FURG, e desenvolve ações que se inscrevem em concepções de solidariedade, inclusão e empreendedorismo social.

Antes da proposição deste projeto, foi realizada uma enquete para ver se o público acadêmico se interessava pelo assunto. Houve a manifestação de interesse por parte de muitos. Assim, foi organizada uma proposta e submetida ao GES; posteriormente, o projeto foi inscrito no SisProj da FURG, sendo apreciado e aprovado pela Câmara de Extensão e pelo Conselho do ILA/FURG, ao qual se vincula à Profª Darlene, coordenadora do Programa acima mencionado.

Aprovado o projeto, as inscrições para participação foram realizadas. Os participantes foram convidados a doar alimentos não perecíveis como contrapartida, que foram encaminhados a famílias necessitadas de Santo Antônio

---

* Dioges Webler Giehl é estudante do Curso de Engenharia Agroindustrial – Indústrias Alimentícias da FURG-SAP, integrante do GES desde sua criação, e coordenador do Projeto Feira Agroecológica.

da Patrulha. Cabe registrar que a arrecadação ultrapassou a 60 kg de alimentos.

O *Workshop de Fotografias* teve como público-alvo os estudantes do Campus da FURG SAP, do Polo SAP/UAB, e a comunidade em geral. Seu ministrante foi o universitário e fotógrafo Guilherme Jaques, que trabalhou diferentes conceitos relacionados à arte e à prática da fotografia, como imagem, foco, linhas de divisão e resolução de imagens. Foram orientações gerais com vistas à obtenção dos resultados desejados.

Em linhas gerais, este Workshop foi realizado com o intuito de tornar a fotografia mais democrática e suas orientações popularizadas, promovendo uma oportunidade de aproximar o meio universitário e a comunidade, através do compartilhando de conhecimentos técnicos relevantes e permitindo a difusão dos saberes obtidos.

Cabe registrar, ainda, que este projeto foi impulsionado, também, por outra ação, desenvolvida, anteriormente, pelo GES na Comunidade Serraria Velha, no interior do município de Santo Antônio da Patrulha, com o foco voltado para mulheres e homens do campo, em idade madura ou de Terceira Idade. Trata-se do projeto *Linguagem e Fotografia*.

2. Foto como forma de expressão

Partindo da ideia de que, assim como outras formas de expressão, como dança, poesia e pintura, a fotografia não deve ser restrito a profissionais da área. Todos podem aprender. É essencial que as pessoas possam mostrar, através de algumas ferramentas e de um pouco de conhecimento, o seu olhar do mundo.

Os equipamentos, em si, não garantem uma boa imagem, assim como a prática não é suficiente para aprimorar as técnicas em fotografia. É necessário, também, um pouco de conhecimentos básicos sobre fotografia. Nesse intuito, foi realizada a palestra como forma de se democratizar o acesso aos princípios da fotografia, em sua maioria, herdados

da matemática, da pintura e da arquitetura. Cabe destacar que é importante que o fotógrafo tenha capacidade plena de expressão.

Uma foto, muitas vezes, representa quem queremos mostrar que somos, como uma forma de identidade social em nossas páginas nas redes sociais. Ultimamente, a fotografia se tornou algo muito comum na vida das pessoas, afinal, como dizem, 'uma imagem fala mais que mil palavras' e, muitas vezes, uma imagem promove múltiplas interpretações diferentes, ou seja, a mesma imagem pode provocar diferentes reações a diferentes pessoas e diferentes interpretações em diferentes pessoas.

Com o melhoramento tecnológico, hoje, temos câmeras digitais, celulares de alta resolução que permitem que fotos sejam feitas com baixo custo. Como também a manipulação, que nos permite fazer diversas alterações nas fotos, publicar e compartilhar está cada vez mais facilitada através dos novos programas que estão sendo desenvolvidos todos os dias. Isso permite às pessoas criarem e compartilharem, cada vez mais, fotos de forma mais facilitadas e rápidas.

Conforme Berger (2005 Apud Bastos, 2014, p.128): "Nunca houve uma forma de sociedade na história em que se desse uma tal concentração de imagens, uma tal densidade de mensagens visuais". A grande quantidade de imagens, fotos e mensagens visuais que circulam nas redes revela uma forma de popularização da fotografia, tirando o caráter de formalidade de décadas atrás. Os registros fotográficos captam diferentes momentos, que podem ser facilmente apagados e/ou substituídos. Há maior espontaneidade e já não carregam, unicamente (ou de modo geral), a finalidade de servir como registro de memória de eventos ou fatos. Trata-se de expressões visuais bastante importantes para a comunicação do quotidiano das pessoas e das organizações. Isso tanto como forma de expressão social de indivíduos como também de organizações que buscam expor sua marca para que outros internautas possam vê-las e interagir com elas. Um exemplo disso são os aplicativos, como *Instagram*,

que são utilizados, por muitas pessoas, para a divulgação diária de imagens para sua rede de contatos e/ou para o público em geral.

De acordo com Marcondes (2011), os sites e as redes sociais são espaços em que circulam muitas imagens. Atualmente, a maioria das pessoas possui páginas pessoais nas redes sociais, permitindo que sejam publicadas diversas fotos de forma constante. Aliado às novidades tecnológicas e diversas possibilidades de melhorias nas imagens, as fotografias ajudam na comunicação e na aproximação entre as pessoas. A autora (2011, p.23) afirma que "a câmera é um instrumento, como um pincel para um pintor, ela captura a imagem que o fotógrafo constrói em sua mente e quer transmitir. A fotografia é o olhar do fotógrafo através da câmera".

Um fotógrafo, sendo ele profissional ou não, é um artista ao projetar uma imagem, um *click* antes de tirar a foto, se posicionando de forma a captar o melhor ângulo de luz e de foco, escolhendo o melhor filtro e considerando os demais elementos externos do/no ambiente e da(s) pessoa(s), animal ou objeto.

De acordo com Kawakami e Veiga (2012), o desenvolvimento das redes sociais, dos softwares de manipulação de imagens e os processos, cada vez mais rápidos de construção e edição de imagens e fotografias, têm criado uma grande produção de informações visuais. As fotografias têm grande alcance na sociedade e credibilidade, dado o contexto histórico e social. Os autores chamam a atenção para a questão de que

> o desenvolvimento das mídias e a acelerada modernização dos processos de produção da imagem tornam cada vez mais abundante o acervo de informações visuais presentes no cotidiano, porém, a sociedade mostra-se pouco apta para acompanhar tais avanços. (2012, p.166-167)

Ainda Kawakami e Veiga (2012) destacam que, através do grande desenvolvimento tecnológico, as fotografias

estão se tornando cada vez mais acessíveis ao público de forma geral, não só restrito a profissionais da área.

3. A fotografia como inclusão social

A fotografia é um instrumento que pode ser usado tanto como forma de inclusão social, de manifestação cultural e intelectual, mas também como forma de exclusão social. Basta ter um aparelho celular ou uma câmera de qualidade para se obter boas imagens. Projetos como o Workshop de Fotografia, desenvolvido na FURG-SAP, buscam viabilizar a inclusão social ao transferir conhecimentos tecnológicos para a comunidade, tornando a fotografia cada vez mais social e incentivando as manifestações culturais e intelectuais que só ajudam as pessoas a se tornarem melhores. Quanto ao uso da fotografia para a exclusão social, ofensa, discriminação ou divulgação de qualquer ideia destrutiva, deve ser combatido veemente, sendo considerado criminoso e merecedor de punição. Em geral, são justamente grupos vulneráveis e/ou aqueles que os defendem, que costumam ficar mais expostos a ataques ofensivos e destrutivos.

De acordo com Silva & Freitas (2009), uma sociedade globalizada tem a veiculação de grande quantidade de imagens e de informações, que se apresenta globalmente e de forma efêmera, fragmentada, tencionada no espaço social. Os autores, também, destacam que, por um lado, as relações locais são cristalizadas; por outro, elas contribuem para o aumento das desigualdades. Nas palavras dos autores,

> Nesta conjuntura, grupos juridicamente vulneráveis e populações ideologicamente minoritárias, a quase totalidade habitante em áreas de risco social, raramente têm oportunidade de mostrar suas habilidades em expressões criativas, através de instrumentos e recursos comunicacionais, como a fotografia. Tais grupos estão, sobremaneira, excluídos das possibilidades de inserção na esfera de visibilidade pública

> e, por extensão, dos processos de construção de espaços de visibilidade, negociação e diálogo na e com a grande mídia, a mídia hegemônica. Por isso, caracterizam-se como “invisibilizados”, ou seja, destituídos de poder, privilégio e prestígio frente à esfera pública política. (2009, p.1-2)

A proposição de projetos sociais e inclusivos voltados à fotografia como elemento social, em geral, vem do público jovem. Há um sentimento motivador que se sobrepõe no sentido de fomentar espaços de livre discussão sobre cultura e cidadania, popularização e responsabilidade nos processos de publicização de imagens, fotografias, assim como de produções escritas que as acompanham.

Projetos sociais e inclusivos de ONG’s, por exemplo, tendem a ir até comunidades periféricas e desenvolverem projetos de inclusão visual, trazendo a expressão de realidades e percepções através das lentes de câmeras. Cabe observar que, como resultado, as pessoas participantes/beneficiadas de tais projetos podem fazer uso dos aprendizados como forma alternativa para obtenção de renda.

É de suma importância que esses projetos como o inclusão digital sejam desenvolvidos, permitindo que as tecnologias cheguem, cada vez mais, para mais pessoas que não conseguem ter esse acesso por outros meios. Esses projetos são uma forma de compartilhar, com a comunidade, conhecimentos técnicos relevantes, permitindo a difusão dos saberes e fazendo com que pessoas possam expressar suas emoções, suas angústias, seus medos, sua forma de ver o mundo e expressar o mundo que está ao seu redor. Além de ser uma forma de autogestão para os indivíduos que participam do projeto, pois esses projetos ajudam tanto a desenvolver uma nova forma de expressão como também uma nova forma de obtenção de renda para a comunidade.

4. O Workshop de fotografias na FURG-SAP

Através do projeto, os responsáveis tinham como objetivo central fazer uma explanação sobre os princípios básicos da fotografia, a composição de imagem baseada em aspectos matemáticos e físicos, os aspectos essenciais para se conseguir captar as melhores posições para as imagens e para escolher o melhor ângulo para a fotografia, algumas observações importantes em relação à incidência de luz sobre a imagem e a composição de cores, além de apresentar a descrição de alguns equipamentos disponíveis no mercado.

Na parte inicial, o integrante do GES e fotógrafo Guilherme fez uma exposição elucidativa sobre os tipos de câmeras fotográficas, suas divisões e alguns apetrechos que podem ser colocados na câmera para dar uma característica diferente para a imagem.

Nos momentos seguintes, Guilherme explicou a forma como a imagem é produzida dentro da câmera. Fez uma exposição comentada em que mostrou as mesmas fotos com diferentes resoluções, tecendo observações em relação à importância da luz e sua disposição – por exemplo, a luz, em uma foto, se torna natural quando vem de cima para baixo. Posteriormente, ele explicou as regras básicas para se conseguir uma boa fotografia, entre as quais, a regra dos terços, os pontos de ouro, a regra do horizonte torto, entre outras.

Cabe registrar que, embora o Workshop de Fotografias tenha sido um projeto desenvolvido em curto tempo, foi muito bem aproveitado pelos participantes que fizeram uma avaliação muito positiva, a partir da qual o GES avalia a viabilização de nova edição – seja para novos participantes, seja para a continuidade, com aprofundamento das abordagens na temática da fotografia, como processo de inclusão social e de expressão de diferentes manifestações culturais e intelectuais. Seguem as Figuras 1 e 2, de momentos de exposição.

Figura 1 e 2 – Workshop de Fotografia na FURG-SAP

Fonte: Acervo do GES, maio/2019.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Ana Rita. ***A fotografia como retrato da sociedade***. A fotografia como retrato da sociedade, Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. XXVIII, pp.127-143, 2014.

MARCONDES, Andressa Soraya Paganella. ***A fotografia como construção do real nas redes sociais digitais***. 2011. 65p. TCC (Tecnólogo em Design Gráfico) – Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, [*S. l.*], 2011.

SILVA, Robyson A.; FREITAS, Ricardo. ***Fotografia e Sociedade***: a utilização das técnicas estéticas fotográficas como dispositivo de inclusão social. V ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, 2009. Disponível em: http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19465.pdf

KAWAKAMI, Tatiana Tissa; VEIGA, Adriana Imbriani Marchi. ***A popularização da fotografia e seus efeitos****:* Um estudo sobre o a disseminação da fotografia na sociedade contemporânea e suas consequências para os fotógrafos e suas produções. Revista Científica de Design: [*s. n.*], pp.166-182, v.3, 2012.

SOCIALIZANDO IDEIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA
Diálogos em ambiente virtual

Darlene A. Webler*
Dioges Webler Giehl**

1. Contextualizando a pandemia e apresentando o Projeto

A proposição do Projeto *Socializando Ideias em Tempos de Pandemia – Diálogos em ambiente virtual* surgiu de uma demanda percebida por alguns estudantes universitários da FURG – Santo Antônio da Patrulha, que procuraram o GES – Grupo de Empreendedorismo Social e a vice-direção do Campus para propor a viabilização de canais de discussões de entrecruzamento de temáticas sociais, de projetos de pesquisa e de extensão com temas específicos dos cursos de graduação. Essa demanda veio a se somar com os anseios do GES em ampliar os estudos e as discussões de suas noções centrais, já que uma nova edição do Seminário sobre Empreendedorismo e Inclusão Social não pôde ser viabilizada presencialmente neste ano, dada a pandemia.

Nessa medida, cabe trazer algumas questões importantes que alicerçam a proposição desse projeto, colocado em prática no momento em que a Humanidade se deparou com um inimigo invisível: o coronavírus (COVID-19).

---

* Doutora em Letras (UFRGS), professora da Universidade Federal do Rio Grande/FURG, vinculada ao Instituto de Letras e Artes, vice-diretora da FURG – Campus SAP; é responsável pelo Programa *Nas Trilhas do Empreendedorismo Social – interlocução entre universidade e comunidade,* ao qual está vinculado o GES. Estuda as temáticas de educação popular, autogestão e empreendedorismo social na perspectiva dos Estudos Discursivos.

** Estudante do Curso de Engenharia Agroindustrial – Indústrias Alimentícias da FURG-SAP, integrante do GES desde sua criação e coordenador do Projeto Feira Agroecológica.

Sua rápida disseminação colocou em alerta a comunidade científica, desafiando governos a tomarem medidas de proteção, em diferentes graus, em todos os continentes. Tendo seu surgimento observado em início de dezembro de 2019 (01/12/19), em Wuhan/China, foi, precisamente, em 11 de março de 2020, que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia do Covid-19, orientando medidas de contenção e estabelecendo protocolos para que todos pudessem contribuir na diminuição da velocidade de circulação do vírus.

No Brasil, o primeiro caso registrado, oficialmente, data de 26 de fevereiro de 2020, conforme o Ministério da Saúde. Em meio a um cenário nacional de incertezas e agravamento de crises de ordem econômica/política/sanitária e social já outrora instaladas, as informações relativas ao coronavírus, divulgadas diariamente por órgãos de saúde estatais (Ministério da Saúde, Secretarias Estaduais de Saúde, Fundações e Institutos de Pesquisa em Saúde etc.) e pela imprensa se apresentam desencontradas e fragmentadas; além da grande disseminação de *fake news*, no intuito de confundir e desacreditar a comunidade científica.

Nessa medida, o País experimenta uma cruel realidade dicotômica entre o negacionismo do vírus e o colapso na saúde pública. O negacionismo se refere ao pensamento daquelas pessoas que negam a pandemia de Covid-19, refutam os números de vítimas (infectados e mortos) da OMS, ignoram os alertas e as orientações dos cientistas e incentivam a divulgação de suas ideias através de redes sociais. Quanto ao colapso na saúde pública brasileira, é uma realidade confirmada pelo grande número de contagiados em estado grave e de óbitos diários registrados em vários lugares (cidades, regiões e estados) do Brasil, atingindo, de forma violenta, os mais empobrecidos.

Frente ao crescimento exponencial de infectados e de óbitos no Brasil, médicos e estudiosos têm se manifestado chamando a atenção para a gravidade da situação de pandemia. Segundo Natália Pasternak, doutora em microbiologia da Universidade de São Paulo/UPS,

> Chegamos nesse número por um misto de incompetência e negacionismo. Você não consegue combater um problema que você finge que não existe com soluções mágicas e negando tudo o que a ciência tem a oferecer em termos de controle de pandemia.[1]

Na mesma linha, o médico e professor catedrático da Universidade de Duke, na Carolina do Norte/EUA, Miguel Nicolelis afirma que "Chegamos aqui pelo total desprezo da biologia e pelo negacionismo científico. É um misto de efeitos microscópicos e de efeitos locais. Infelizmente, não usamos nossos recursos humanos adequadamente"[2]

Já o médico sanitarista e ex-ministro da Saúde, José Gomes Temporão, vai mais além ao destacar que

> Há uma contra-política de desinformação que cotidianamente cria confusão, equívoco e desmonta ações para salvar vidas. O negacionismo e outras falhas da administração federal levaram o país à situação atual. Entre elas, estão a falta de uma ação em conjunto com estados e municípios, e a ausência de uma comunicação efetiva com a população.[3]

No cenário brasileiro, a pandemia de Covid-19 está desnudando a realidade de agravamento da desigualdade social e econômica, de crescimento do empobrecimento da população, de acirramento de ideias racista e homofóbicas, entre outros. Em meio ao aumento exponencial de vítimas

---

[1] Esta fala está publicada na notícia "Covid-19: Para médicos, negacionismo levou o Brasil à situação dramática", publicada em 07/08/2020 e disponível em: https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/08/07/uol-debate-mortes-covid-19-negacionismo.htm.

[2] Idem.

[3] Esta fala está publicada na notícia "Covid-19: Para médicos, negacionismo levou o Brasil à situação dramática", publicada em 07/08/2020 e disponível em: https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/08/07/uol-debate-mortes-covid-19-negacionismo.htm.

de COVID-19, entre março e agosto, o cultivo de sentimentos de solidariedade e as práticas de mútua ajuda podem ser observados. A advogada Luíza Alcântara Farinassi, em 07/05/2020, chama a atenção de que

> O desencontro é notado quando atitudes filantropas da iniciativa privada se sobrepõe aos meios governamentais para gerenciar a crise a contrassenso dos ditames constitucionais, quando a solidariedade e filantropia são o fim e não o meio.[4]

Desde a sua criação, em março de 2018, o GES – Grupo de Empreendedorismo Social tem realizado estudos sobre as temáticas do empreendedorismo social, economia solidária, inclusão social e cultural e busca desenvolver ações que dialoguem com este tema, envolvendo estudantes universitários, lideranças comunitárias e demais pessoas que compartilhem dessas concepções. Nessa medida, dada a suspensão das aulas na universidade e nas escolas do RS e a orientação de isolamento social por conta da pandemia, bem como, considerando as razões acima mencionadas para a proposição deste projeto, o GES deu início, em maio/2020, a encontros de diálogos sobre diferentes temáticas em ambiente virtual: a *lives* do GES, que tem atingido grande número de pessoas, que assistem às discussões e interagem com elas. A seguir, optou-se por apresentar as *lives*[5] realizadas até o final do 1º semestre/2020.

---

[4] Recorte do seu artigo "Reflexões sobre o cenário político brasileiro em tempos de Covid-19", publicado em 07/05/20, e disponível em: www.direitonet.com.br/artigos.

[5] Os convidados das *live*s apresentadas neste texto autorizaram a publicação de suas falas e reflexões, através de Termos de Cessão para este fim.

2. Informações sobre a pandemia e uma discussão sobre modelo matemático de previsão da disseminação

Essa foi a primeira *live* de discussões temáticas do GES[6], realizada em 29 de maio de 2020, e contou com a participação do Prof. Dr. Fernando Kokubun e do Prof. Dr. Gustavo Platt, com a mediação da Profª Drª Darlene Webler e com o apoio técnico do Dioges Giehl.

Os debatedores convidados focaram suas falas, prioritariamente, sobre os seguintes eixos de reflexão: (a) "Uma discussão sobre modelo matemático de previsão de disseminação", pelo Prof. Gustavo Platt e (b) "As informações em tempo de Covid-19" pelo Prof. Fernando Kokubun. Sendo assim, optou-se por apresentar em subtópicos algumas das ideias trazidas nas manifestações dos professores.

2.1 Uma discussão sobre modelo matemático de previsão de disseminação

O Gustavo começou explicando o que são e como os modelos matemáticos ajudam a mostrar como se desenvolve a disseminação do Covid-19, buscando determinar quando será o pico da doença. Os cientistas, no início da pandemia, falavam muito sobre a importância do achatamento da curva para que o sistema de saúde pudesse dar conta de todos os infectados e não entrasse em colapso.

Existem diversos modelos matemáticos, entre os quais, normalmente, o mais utilizado é o sistema SIR, que separa a população de uma determinada região em três categorias, a saber: o ***S*** significa *suscetíveis* (pessoas que podem pegar a doença) o ***I*** , *infectados*; e o ***R***, *removidos* (pessoas curadas ou mortas).

De acordo com Platt, a ideia central do modelo é ter uma população basicamente suscetível à doença (ninguém tem anticorpos para a doença), uma pequena parcela de infectados e nenhum removido – pois ninguém morreu ainda nem foi curado da doença. Com o passar do tempo, disse o professor,

[6] Disponível em: https://www.facebook.com/580733212337662/videos/265236038160729/.

“esses suscetíveis vão sendo convertidos em infectados e os infectados vão sendo convertidos em removidos, ou seja, alguns são recuperados e outros morrem”.

Sob este modelo, destacou que se fala em “achatar a curva” em referência aos infectados por Covid-19, o que significa buscar que curva, em relação ao tempo, se desloque o máximo possível para longe, dando tempo para o sistema de saúde se preparar. Sobre o uso desse modelo tipo SIR, Platt ponderou que

> para uma doença nova como é o caso da Covid-19, tem parâmetros que você desconhece no modelo, que dizer, você não sabe qual é a taxa de transmissão hoje no Brasil, a taxa de remoção. Quando falo na taxa de remoção, é qual o percentual de pessoas recuperadas ou curadas, qual o percentual que vem a óbito. Você não sabe qual a taxa de recuperação. Então, o grande problema é que você tem um problema matemático, basicamente um modelo pequeno, são três equações. Quem é das ciências exatas e das engenharias e que já fez a disciplinas de Cálculo Numérico ou que já fez Cálculo 3 ou 4, sabe que essas equações são chamadas de equações diferenciais. São três equações diferenciais no tempo, ou seja, um modelo pequeno para explicar uma coisa extremamente complicada. [...] O SIR é um modelo epidemiológico para prever doenças.

O professor chama a atenção sobre se tratar de um processo extremamente complicado, já que estão envolvidos aspectos como (a) a relação entre vírus e pessoas, (b) o gerenciamento dos problemas advindos dali pelos governantes e (c) a colocação de todos os elementos (vírus, pessoas, opções governamentais) em um pequeno sistema com três equações diferenciais.

Ao manifestar preocupação com os parâmetros nesse sistema de equações diferenciais ordinárias, Platt afirmou que:

> o grande problema é eu só consigo prever corretamente aquela curva, se eu tiver parâmetros bem feitos, bem estimados, corretos, o que, para este modelo, é o grande problema. Quer dizer, como eu vou saber onde vai estar o tal pico da curva, se eu não tenho bons parâmetros para descrever os modelos matemáticos. A gente sabe descrever o passado, que é mais fácil. Mas descrever o que vai acontecer no futuro não é uma tarefa simples. E aí, surge um outro problema: como estimar esses parâmetros? Como a gente faz? A gente pega os dados de infectados, de óbitos e de recuperados que a gente tem, usa essas informações para, em um processo chamado "estimação de parâmetros", determinar esses parâmetros do modelo, ou seja, se a gente tem os dados do número de infectados, o número de óbitos e o número de recuperados, a gente vai ter bons parâmetros e a gente vai saber descrever onde vai ser o pico e onde basicamente a doença vai ter terminado.

Dada a precariedade dos dados utilizados, que não condizem com a realidade brasileira, os modelos não conseguem prever a evolução da disseminação do coronavírus no Brasil. Já em países como a China e a Coréia do Sul, em que os dados de infectados estão mais perto da realidade, há grande capacidade de previsão, e os modelos conseguem descrever, de forma precisa, essa disseminação.

2.2 Informações em tempo de Covid-19

O Prof. Fernando Kokubun começou sua manifestação dizendo que não fala como infectologista ou profissional da área da saúde, mas como cientista que lida com dados confiáveis para tratar das questões que envolvem

a divulgação de informações acerca da pandemia. Como pesquisador, destacou a qualidade das informações com que se trabalha, que esteve presente na fala do Prof. Platt, de forma que, se o estudioso não tem informações boas e confiáveis, todo o trabalho ficará comprometido.

As informações fragmentadas e/ou incompletas atrapalham no processo de combate à pandemia. E pior, são as informações falsas (*fake news*), porque confundem as pessoas, levam a deduções e práticas errôneas. Kokubun observou que, no Brasil, infelizmente se tem muitas informações falsas, neste momento, sobre o Covid-19. Assim, por exemplo, falas de presidentes, como do Brasil e dos USA, acabam por causas desastres. O professor lembrou da infeliz fala de Trump (atual presidente dos USA), há algum tempo, ao sugerir que o uso de desinfetante poderia ajudar no combate ao coronavírus, sobre o qual se tem notícias de que uma pessoa usou desinfetante e passou muito mal – não há informação se esta pessoa foi a óbito.

Já aqui, no Brasil, o professor mencionou duas notícias falsas, a saber: (a) notícia de que havia caixões com pedras sendo enterrados como se fossem vítimas da Covid-19, com a finalidade de disseminar a ideia de que havia falsidade quanto ao elevado número de óbitos. No entanto, eram notícias antigas ocorridas em SP muito antes da pandemia; e (b) notícia do pneu, segundo a qual um primo de outro primo de um amigo sofreu um acidente com pneu, que o levou a óbito e teria sido registrado como mais uma vítima de Covid-19, mais uma vez, com o objetivo de colocar em dúvidas o grande número de infectados. Essa notícia se trata de uma falsa informação divulgada como “fofoca”.

A veiculação de informações falsas, destacou Kokubun, se justifica em uma ideia de negar a pandemia – concepção de negacionismo da Covid-19. Sendo assim, é preciso trabalhar com informações corretas e divulgá-las, adequadamente, para fins informativos à população. A questão é como fazer isso, já que, conforme o professor, são poucos os veículos de comunicação do Brasil que têm profissionais com formação científica ou que contam

com contribuições de cientistas. Em suas palavras, “estes veículos buscam informações a partir de outros órgãos, fazem sua releitura e, muitas vezes, elementos essenciais do ponto de vista científico podem não ser interessantes. Então, acabam retirando, o que faz com que cheguem informações fragmentadas [aos espectadores]”.

O professor citou, como exemplo, a questão da Cloroquina, que começou com a testagem *in vitro* por um pesquisador francês para o combate ao Covid. Conforme a comunidade científica, esta testagem costuma ter cerca de 90% de resultados positivos, o que, em geral, não é confirmado em testes clínicos. Kokubun chamou a atenção de que

> o teste *in vitro* se faz em laboratório e o teste clínico se faz com o ser humano, sendo uma testagem mais complicada, com uma série de protocolos para não colocar uma pessoa em risco. Então é um processo bastante demorado.

A testagem do pesquisador foi com um grupo muito pequeno de pessoas (20 ou 30), cujos resultados foram publicados precipitadamente e usados como notícia promissora por canais de comunicação não especializados. Considerando o histórico de má conduta do pesquisador francês, outros cientistas realizaram estudos com maior número de pessoas e comprovaram que a Cloroquina não era eficiente contra o Coronavírus, além de causar diversos danos à saúde das pessoas. Conforme observou Kokubun, ainda que a publicação do pesquisador tenha sido retirada por ser inválida, a cloroquina é usada por pessoas que acreditam na sua eficiência. Ele acrescenta que, por vezes,

> uma informação científica, mal feita, acaba entrando no circuito jornalístico e tomar um cunho de verdade. E depois que essas informações chegam até a população, é muito difícil a gente dizer que isso não é verdade. Na verdade, isso gera uma ideia de que a ciência sempre muda. Quando ela é sempre testada.

O professor destacou que há grande volume de informações sendo publicadas no meio científico, em revistas/periódicos científicos sobre o coronavírus, mas se tratam de “pré-prints”, o que significa dizer que são estudos preliminares e que não passaram ainda pelos testes necessários e definitivos. Muitas vezes, as pessoas buscam informações em bancos de “pré-prints” e as tomam como verdades, indo para um fluxo de jornais comuns e sendo desmentidas em poucos meses em função de erros encontrados. Isso acaba representando um fluxo de informações desencontradas, o que gera confusões e frustrações.

2.3 Bate-papo com contribuições dos ouvintes da *live*

Sobre a falta de posição firme por parte dos governos, enfatizou o Prof. Kokubun, contribui para um sentimento de insegurança na população, que vive angustiada como resultado do distanciamento, do medo da contaminação, das dúvidas quanto ao que é real e falso. Essa ideia foi ratificada pelos professores Gustavo Platt e Darlene Webler, que observaram que as informações sobre a estimativa da UFPEL, relativa aos dados numéricos de contaminados no RS, remetem a um número cerca de dez vezes superior ao encontrado pelos pesquisadores, conforme a própria universidade, o que se deve ao baixo índice de testes aplicados.

Outros aspectos ainda foram objeto das discussões, como: as discrepâncias entre os números oficialmente divulgados de infectados e de óbitos por parte de municípios, estados e União; os registros que apontam um crescimento superior a 600% da incidência por Síndromes Respiratórias Graves (SRGs), em 2020 em relação ao mesmo período de 2019; os processos agressivos e dolorosos da intubação respiratória; as percepções e as perspectivas para o período de pós-pandemia quanto aos hábitos de higiene da população, às práticas de solidariedade ou de individualismo, entre outras questões.

O registro fotográfico, abaixo, é da primeira *live* do projeto *Socializando Ideias em Tempos de Pandemia*,

disponível na página do GES, no facebook e no canal do GES, no YouTube.

Figura 1 – *Live* Socializando Ideias sobre modelos matemáticos de previsão de disseminação do Covid-19 e sobre as informações nos tempos de pandemia

Fonte: GES (página do Facebook e canal no YouTube), 29/05/2020

3. Ser e Agir em Tempos de Pandemia

A discussão foi realizada sobre *o Ser e o Agir em tempos de pandemia* contou com a participação dos psicólogos Drª Karen Eidelwein e Dr. Roberson Rosa (PRAE-FURG/SAP), com mediação da Profª Drª Darlene Webler (FURG/SAP), no dia 06 de junho de 2020[7].

Convidada a fazer uma abordagem inicial sobre o tema, a psicóloga Karen apresentou suas observações decorrentes de atendimentos psicológicos individuais sobre as vivências das pessoas, no período de pandemia, em três grandes tópicos: (a) mudanças no modo de trabalhar; (b) relações interpessoais; (c) relação consigo mesmo (um olhar para si mesmo). Seu olhar buscou focar a relação entre saúde mental e trabalho.

Relativamente às maiores mudanças no modo de trabalhar, a psicóloga destacou a nova dinâmica de trabalho

[7] Disponível em: https://www.facebook.com/580733212337662/videos/1746514458831115.

home office, em que trabalhadores e gestores desenvolvem suas tarefas a partir de casa, por uma questão de segurança. Com isso, houve aumento na jornada de trabalho, assim como aumento de demandas de trabalho, provocadas por demissão de muitos trabalhadores ou afastamento por razões diversas. Tudo isso tem trazido um sentimento de esgotamento mental e de angústia e até ansiedade diante das várias demandas. Karen afirmou que:

> tem me chamado muita atenção é a questão do *home office*. Muitas organizações e muitas empresas estabeleceram que seus trabalhadores poderem realizar suas atividades em casa. Isso tem trazido algumas questões bastantes interessantes de se pensar em relação à saúde mental e ao trabalho, sobre como os trabalhadores que estão em casa conseguem lidar com as novas formas de trabalhar e com as demandas que surgem. Assim como os gestores que também têm trabalhado de *home office*. O que tem aparecido é a questão das jornadas estendidas de trabalho. Se antes, a pessoa iniciava seu trabalho às oito [horas] e às dezoito [horas] ela fechava seu equipamento, levantava de sua cadeira e ia embora da sua empresa, o que se vê [agora] é que ela começa às oito [horas] e se vai até 20, 21, 22 [horas] ou até a meia-noite. Então essa é uma questão que tem trazido bastante impacto para a saúde das pessoas, dos trabalhadores.

A psicóloga ainda observou que, se, por um lado, há economia de tempo, já que trabalhadores e gestores não precisam mais se deslocar de sua residência até o trabalho, por outro lado, há a necessidade de estrutura em casa para a realização das tarefas de trabalho.

Quanto às relações interpessoais, a psicóloga Karen teceu comentários a respeito da mudança na dinâmica da casa, das novas dinâmicas das famílias e, assim, da necessária

organização do espaço e do tempo de trabalho. Ela ponderou sobre a importância de manter a casa arrumada, respeitando as individualidades e as necessidades de cada integrante da família, bem como sobre o essencial cultivo de tempo para conviver e relaxar.

Sobre a relação consigo mesmo, Eidelwein explicou que esse período que impõe uma rotina de isolamento social favorece a auto-observação, o autoconhecimento para se pensar quais são as prioridades, determinar os limites para lidar com as adversidades da vida e as ferramentas para enfrentar os problemas do cotidiano. Segundo a psicóloga, nessa época, afloram muitas angústias e traços de ansiedade diante da preocupação com a pandemia, com a possibilidade de morrer, com as atividades que precisam ser adiadas.

Nessa mesma linha, o psicólogo Roberson Rosa, atualmente vinculado à Pró-Reitoria de Assistência Estudantil do Campus da FURG, em Santo Antônio da Patrulha, seguiu o seu raciocínio, contextualizando a mudança de cenário, do antes até o momento presente de pandemia e de isolamento. Referindo-se ao início do ano, em especial ao período letivo na universidade, o psicólogo afirmou que

> vínhamos em um processo de muita produção, de muito trabalho de produtividade, no início de ano, que é o momento onde as pessoas estão motivadas a colocar seus projetos em pauta e, de repente, isso abruptamente se vê suspenso.

Roberson observou que o isolamento, por causa da Covid-19, se constitui episódio de crise. “A falta de rotina que se impõe nesse período traz culpa pela falta de produtividade”, pondera ele. Há uma autoexigência, no meio acadêmico, que diz respeito à necessidade de produtividade, mesmo sem cobrança. Na normalidade da vida, antes da pandemia, esperava-se muito por um período de pausa, de tempo para que fosse possível dar conta de muitas coisas, mas, agora, que se tem esse período de tempo, as pessoas, em sua maioria, não sabem o que fazer, ficam inertes, atrapalhados

com esse tempo. Em relação aos estudantes universitários, o psicólogo destacou a dificuldade em organizar as suas rotinas e a sua produtividade. Em concordância com o exposto pela psicóloga Karen, Roberson reforçou que um dos desafios da atualidade é o de se encontrar consigo mesmo, em um exercício de autoconhecimento.

Cabe registrar que o psicólogo comentou sobre seus estudos de doutorado, em que o objeto de tese foi a análise de diários em períodos de crise. Em suas palavras, “um diário é um espaço onde você pode escrever e se expressar sobre como está sentindo, o que está acontecendo, como uma forma de válvula de escape”. Sendo assim, conforme Roberson, um momento de crise é um período de ruptura, de mudança, de travessia, em que o sujeito se vê fragmentado.

A partir de grande número de perguntas, comentários e contribuições de pessoas que estavam acompanhando ao vivo as discussões desta *live*, os espaços de fala foram se alternando entre os convidados e a mediadora dos debates, seguindo abordagens acerca dos desafios que o período de pandemia impõem nas rotinas individuais e nas relações interpessoais, em especial de quem integra a comunidade universitária e de suas famílias. Registra-se, aqui, que as diferentes manifestações relativas aos impactos da pandemia na vida das pessoas e à consequente “pausa” para fins de (re)avaliação de prioridades, planos e práticas de vida, percorrendo um caminho de desaprender e reaprender, de desacomodar e de fazer travessias.

O registro fotográfico, abaixo, é desta *live* sobre o *Ser e Agir em Tempo de Pandemia*, disponível na página do GES, no facebook e no canal do GES, no YouTube.

Figura 2 – *Live* sobre o ser e agir em tempo de pandemia, com os psicólogos Karen Eidelwein e Roberson Rosa

Fonte: GES (página no Facebook e canal no YouTube), 05/06/2020

4. Ensino Remoto na Educação Básica: disciplina de Português

A abordagem sobre o *Ensino Remoto na Educação Básica* foi tema da 3ª *live* do Projeto *Socializando Ideias em Tempos de Pandemia*, do GES – Grupo de Empreendedorismo Social da FURG-SAP e contou com a participação dos professores Franciele Krumenauer, Francielle Messaggi, Sabrina Fofonka e Izaias Rosa, com mediação da Profª Drª Darlene Webler e apoio técnico de Dioges Webler. Essa sessão ocorreu no dia 11 de junho de 2020[8].

Considerando os grandes desafios do ensino não presencial para a comunidade escolar, as discussões foram viabilizadas, nesta data, com o intuito de apresentar relatos e tecer reflexões acerca das novas dinâmicas que se impuseram na vida de professores e estudantes com a pandemia causada pelo coronavírus, o Covid-19.

Na abertura desta *live*, ao destacar a peculiaridade do momento atual como uma pausa nas dinâmicas de vida, de trabalho, de rotina, a mediadora fez o convite

[8] Disponível em: https://www.facebook.com/580733212337662/videos/251193949475191.

aos participantes (convidados e espectadores) para pensar em prioridades, opções, planos e práticas de vida. Então, procedeu à apresentação de cada um dos professores convidados que manifestaram suas percepções em relação ao ensino de forma remota na Educação Básica, pensando nos espaços de atuação nos municípios de Santo Antônio da Patrulha, Osório, Glorinha e Rolante.

O momento atual de pandemia tem mostrado o quanto é essencial a presença física de professores e alunos nas escolas para que os processos de ensino e aprendizagem, de fato, ocorra. O Prof. Izaías enfatizou a observação direta a seus alunos, o "olho no olho", o acompanhamento aos seus aprendizados. Da mesma forma, a Profª Sabrina deu destaque à relação direta e presencial entre professor e aluno, na medida em que este pode ser melhor observado para além de questões de ensino e aprendizagem, aspectos que lhe podem ser problemáticos em âmbito familiar e/ou social, como, por exemplo, situações de doença, violência doméstica ou constrangimentos de diferentes ordens. Assim, o professor é mais do que mestre, é, também, apoio frente a situações específicas de vida.

Para os debatedores convidados nesta *live*, o professor tem sido mais valorizado do que anteriormente pela comunidade em geral. Isso tem relação com as necessárias mudanças de rotinas para professores, alunos e suas famílias. Essas, muitas vezes, com grandes dificuldades para dar apoio / aos estudantes em seus estudos dirigidos.

Com a necessidade de isolamento social e com a suspensão das aulas presenciais, observou Izaías, vieram os desafios do ensino não presencial: os professores buscam ensinar a distância, com uso de ferramentas virtuais e/ou de encaminhamento de materiais explicativos impressos, assumindo um papel de mediador nos processos de ensino e aprendizagem; ao passo que os alunos precisam aprender a distância, tornando-se mais autônomos e buscando caminhos novos para melhor assimilar conteúdos, com apoio de familiares.

Em relação às tecnologias como instrumentos de ensino, os convidados professores se manifestaram

favoráveis ao seu uso como apoio aos processos presenciais de ensino e aprendizagem. A Profª Franciele Krumenauer foi enfática sobre as tecnologias não substituírem o professor, ainda que se assuma como fã do uso das tecnologias como apoio no ensino presencial. Para Franciele, “as escolas precisam de uma transformação, porque as tecnologias, muitas vezes, ficam fora dos muros escolares, enquanto elas estão presentes na comunidade externa”. No entanto, nunca pensou que o ensino a distância, tão repentinamente, pudesse se impor na vida da comunidade escolar e das famílias, como foi em função da pandemia.

De acordo com Izaías, a tecnologia é importante, mas não substitui o professor, o acompanhamento presencial do professor e a interação em sala de aula. A nova modalidade de ensino remoto, em especial na área das Linguagens, tem se mostrado, especialmente, desafiador e complexo, visto que não se trata somente de transmissão de conteúdos, mas de trabalho com oralidade, dramaticidade, leitura e interpretação etc.

É preciso ter presente, conforme mencionou a Profª Franciele Krumenauer, a necessidade de os alunos da educação básica ter o professor presencialmente em sala de aula, diferente de alunos do ensino superior que têm condições de fazer seus estudos a distância. Da mesma forma, aos professores da Educação Básica, é imprescindível ter a presença física de alunos, conforme foi apontado em diferentes momentos das discussões.

Outra questão apontada pela Profª Franciele Krumenauer diz respeito à necessidade de os professores terem que fazer uso de tecnologias e dinâmicas de ensino remoto, sem preparação prévia. Em suas palavras,

> agora fazemos [professores] um papel de curadoria de informações. Na internet, tem de tudo, vídeos, materiais que os alunos podem acessar para aprender, mas nós sabemos que nem tudo, conteúdos e atividades, é verídico. Ali, todos podem publicar e publicar de tudo. [...]. Por isso, cabe ao professor esse papel de curadoria,

> indicando o que pode ser usado, o que é adequado [...]

Para a professora, é preciso considerar ainda outros aspectos, como o acesso à internet e ao computador. Então, ela relatou que seus alunos da cidade e de escola privada têm, de modo geral, computador para a realização de suas tarefas e acesso à internet estável, bem como estrutura familiar de apoio que permite boas condições de estudos. Mas esta não é a realidade da maior parte dos alunos. Há realidades adversas, como enfatizou ela, que têm mobilizado professores, direções de escolas e/ou pessoas da comunidade em movimentos para contornar tais realidades com iniciativas de como, por exemplo, proporcionar internet compartilhada, buscar a doação de aparelhos celulares para os alunos, ações de reforço em estudos etc. Já em outras realidades, o ensino remoto é de difícil viabilização, como em famílias que contam com um aparelho celular para uso de todos (os filhos para suas aulas e os pais para seus trabalhos) ou, em escolas rurais, onde não há sinal de internet.

Esta é uma realidade que pautou boa parte da exposição da Profª Francielle Messaggi, que atua no Ensino Fundamental, em uma escola rural de Santo Antônio da Patrulha. Em seu relato, a professora apresentou aspectos relativos à dinâmica de ensino não presencial, desde março de 2020, em que o desenvolvimento de atividades se dá com uso de cadernos de estudos, nos Anos Iniciais, com entrega semanal de materiais dirigidos por equipes de professores às famílias de alunos, em suas casas. Há um incentivo para que estas/estes fiquem em suas casas. A entrega de materiais nas casa dos alunos é uma oportunidade de monitorá-los, observando se há alguma realidade que precise ser acompanhada de forma especial.

Nessa mesma linha, a Profª Sabrina observou que é angustiante a falta de contato visual, que só é possível em um ensino presencial, já que esse contato não está presente no ensino remoto, com uso das tecnologias. Para ela, neste momento de distanciamento, a observação mais cuidadosa,

na medida do possível, do professor em relação aos comportamentos dos alunos, é essencial.

Quanto às novas rotinas dos professores, a Profª Franciele Krumenauer chamou a atenção para a sobrecarga que tem gerado desgaste e angústia. No ensino presencial, os horários de trabalho ficavam, normalmente, entre 7h30min/8h e 17h30min/18h; e no ensino remoto, entre 8h e 22h/23h. Quanto ao ensino, no formato presencial, as explicações, em sala de aula, são para a turma toda, e a complementaridade explicativa se dá para indivíduos, assim como o acompanhamento aos alunos na resolução de suas tarefas; já no ensino não presencial, na modalidade remota, a explicação é individualizada, a qualquer hora do dia e da semana, através, normalmente, de contatos de WhatsApp ou de outras chamadas no 'privado'. Segundo a professora, há mensagens que chegam de madrugada, tanto de alunos quanto de seus pais – o que é confirmado pelos demais professores convidados nesta *live*.

Os professores de Língua Portuguesa destacaram que o perfil de linguagem mais usado, no período atual, é o "internetês" em função do uso das tecnologias para os estudos, o que representa uma oportunidade para refletir sobre a dinamicidade da língua. Cabe observar que, em aulas de Português, o uso do português formal é incentivado tanto na escrita quanto na oralidade.

Em relação às percepções e às expectativas para o período pós-pandemia, os professores foram unânimes sobre questões como: serem maiores os desafios em relação aos processos de ensino e aprendizagem, dado que será preciso 'recuperar' conteúdos que não puderam ser desenvolvidos adequadamente; a necessidade de repensar a escola como lugar e conceito; o retorno de alunos com maior autonomia, com maior disposição para aprender, com maior criatividade. Enfim, o ano de 2020 tem representado um período de grandes aprendizados para toda a comunidade escolar, convidando para a reinvenção e para a transformação de prioridades e práticas mais 'humanizadoras', mais solidárias.

O registro fotográfico abaixo é referente à *live* com os professores de rede pública (municipal e estadual) e privada de Santo Antônio da Patrulha e de municípios vizinhos.

Figura 3 – *Live* sobre a Língua Portuguesa em formato de ensino remoto na Educação Básica, com os professores Franciele Krumenauer, Francielle Messagi, Sabrina Fofonka e Izaías Rosa

Fonte: GES (página do facebook e canal no YouTube) , 11/06/2020

5. Ensino de Matemática de Forma Remota

No dia 02 de julho de 2020, foi realizada a discussão sobre o *Ensino de matemática de forma remota nos níveis de Ensino Fundamental, Médio e Superior*[9], com a participação do Prof. Dr. Lucas Nunes Ogliari (FURG-SAP), da Profª Rosimere Dias e da Profª Caroline Krumenauer – ambas da Educação Básica. Esta *live* contou com a mediação da Profª Drª Darlene Webler (FURG-SAP), com o apoio técnico do Dioges Giehl (GES/FURG-SAP) e com o apoio de intérprete em Libras Amanda Alfaia (PRAE/FURG).

Por um lado, as abordagens dessa *live* tiveram pontos de aproximação da *live* anterior, visto que ambas tematizaram o ensino remoto durante o período de pandemia por conta do coronavírus, a partir das percepções de docentes. Por outro,

[9] Disponível em: https://www.facebook.com/580733212337662/videos/2575377802727244.

as discussões foram sobre diferentes áreas do conhecimento: o olhar da presente *live* se voltou para o ensino da Matemática nos ensinos Fundamental, Médio e Superior; ao passo que a *live* de 11/06/20 focou o ensino de Língua Portuguesa. Para ambas as áreas, a implementação de dinâmicas, em formato de ensino remoto, se reveste de grande complexidade, o que representa muitos desafios aos que são os primeiros responsáveis pelo processo de ensino e aprendizagem: os professores. Cabe destacar que o momento de pandemia, que impõe a suspensão das atividades presenciais nas escolas e universidades, em prol da preservação da vida e da saúde das pessoas, tem proporcionado a desconstrução de que "qualquer um(a) sabe ou pode ser professor(a)", tem reforçado a ideia de que o professor é insubstituível em seu papel de profissional em educação.

Nessa medida, os professores convidados de matemática contaram um pouco sobre suas novas dinâmicas de trabalho, em que cada um busca suprir a falta presencial do professor e da sala de aula, na medida do possível. As professoras Rosimeri e Caroline, que ministram aulas nas redes públicas municipais e estaduais, em Santo Antônio da Patrulha, Rolante e Viamão, relataram que mantêm contato com seus alunos através de grupos de WhatsApp e, por vezes, também, pelo *Google Meet* e *Classroom*, dependendo da realidade das turmas e escolas. Dadas as dificuldades de acesso à internet, muitas famílias têm preferido que as tarefas encaminhadas sejam dirigidas com uso de livro didático, sobre o qual a Profª Caroline observou ser um facilitador nesse período de ensino não presencial nas escolas, considerando as dificuldades comuns de aprendizagem de Matemática.

Nas palavras de Rosimeri, "os professores de Matemática costumam ser muito apegados à resolução de questões, especialmente porque os exercícios ajudam a entender melhor os conteúdos matemáticos". Suas atividades de ensino sempre foram organizadas, contando com as trocas em sala de aula. Por isso, ela lembrou o quanto foi difícil sua organização nos primeiros dias de suspensão das atividades presenciais na escola: a preparação rápida de materiais

e a gravação de aulas. Nas semanas seguintes, a professora optou por se concentrar, especialmente, no encaminhamento de listas de exercícios. Ela acompanha a resolução das questões das turmas da escola urbana de forma *on-line* e, sempre que possível, de forma presencial e individual de seus alunos de escola rural, indo até suas casas.

O Prof. Lucas, atualmente docente de Matemática no Curso de Licenciatura em Ciências Exatas da FURG – Campus de Santo Antônio da Patrulha, falou da sua experiência docente na Educação Básica em três escolas das redes pública e privada, nos municípios de Viamão e Alvorada. Tem experiência na inserção de tecnologia nos processos de ensino e aprendizagem, o que requer muita criatividade. Destacou que, na atualidade, os professores precisam ser dinâmicos para dar conta do ensino, manter a atenção dos seus alunos e levá-los a assimilar os conteúdos matemáticos.

Para Caroline, é fundamental buscar diferentes alternativas para ensinar matemática, indicando materiais específicos e links de vídeos associados aos conteúdos, de acordo com a idade e nível de ensino dos alunos. Ela enfatizou que “o mais difícil é que temos alguns [alunos] com currículo adaptado. Então, fica mais difícil de ensinar matemática”. Assim, é muito importante a troca de ideias entre os professores, a entreajuda na preparação de materiais e no uso de ferramentas tecnológicas.

O ensino remoto, ponderou o Prof. Lucas, precisa de estrutura (internet, computador, materiais etc.), tanto para alunos e famílias, quanto para professores. A estes coube, de uma hora para outra, dar conta do uso de plataformas virtuais (tecnologias), assim como ter acesso a computador, aparelho de smartphone e internet estável, o que não é providenciado pelo empregador. Passou a ser desafiado a preparar materiais para estudos *on-line* dirigidos e a ser demandado, a qualquer hora, a atender alunos e/ou pais com dúvidas e angústias em relação a conteúdos e a outras questões de vida. Trata-se de uma realidade que expõe peculiaridades e diferentes situações adversas.

Em linhas gerais, pode se dizer que, no campo da educação, coloca-se à sociedade uma grande preocupação relativa aos muitos que ficam e ficarão de fora nos processos emancipatórios e que, por efeito, deverão engrossar o grupo de excluídos nas diferentes áreas no presente e em um futuro próximo. A exclusão se acentua, neste momento, em que muitos não têm acesso – ou este acesso é precário – às atividades de aprendizagem, dadas as diferenças gritantes entre estruturas de apoio nas famílias e nas escolas. Há um "desnudamento" de uma realidade cruel de desiguais condições de acesso ao ensino na forma remota; assim como de acesso social, cultural e econômico.

O registro fotográfico, abaixo, é referente à *live* sobre o Ensino da Matemática em formato remoto nos níveis de Ensino Fundamental, Médio e Superior.

Figura 4 – *Live* sobre o Ensino da Matemática na dinâmica remota nos Ensinos Fundamental, Médio e Superior, com os professores Caroline Krumenauer, Rosimeri Dias e Tobias Nunes Ogliari

Fonte: GES (página no Facebook e canal no YouTube), 02/07/2020

6. Pesquisas sobre Produtos Naturais na FURG – Campus SAP

Esta *live* tratou da temática *Pesquisas sobre Produtos Naturais* desenvolvidas na FURG – Campus de Santo Antônio da Patrulha e teve a participação da Profª Neusa Fernandes de Moura, coordenadora do GPPN – Grupo de Pesquisas sobre Produtos Naturais na FURG-SAP, dos doutorandos Sara Fraga (PPG/UNICAMP) e Matheus Souza (PPG/EQA/FURG), com mediação da Profª Drª Darlene Webler (FURG/SAP) no dia 16 de julho de 2020[10].

Após a apresentação dos convidados e da equipe de apoio – Dioges W. Giehl (GES/FURG-SAP), no apoio técnico e de Amanda Alfaia, Bianca e Francine (PRAE/FURG), na interpretação em Libras –, a mediadora desta *live* fez uma breve contextualização sobre o Projeto "Socializando ideias em tempos de Pandemia", promovido pelo GES – Grupo de Empreendedorismo Social – e sobre o GNPP – Grupo de Pesquisas sobre Produtos Naturais, reconhecido pelas suas importantes pesquisas sobre produtos naturais. Em seguida, os convidados foram convocados para fazer o uso do espaço de fala para exposição de suas pesquisas.

A Profª Neusa começou apresentando o trabalho do grupo de pesquisas coordenado por ele, e fez uma abordagem explicando o que são produtos naturais, que ela descreve como:

> um grupo específico de compostos, que são chamados de metabólitos secundários. [...] O metabolismo secundário é formado, produzido dentro de uma planta, de acordo com a necessidade dela e está ligado à proteção da planta. […] Mas proteger como? Em que sentido a gente fala? Por exemplo, se um herbívoro vai numa planta, ela pode produzir um composto que pode ser colorido ou com cheiro, para que,

[10] Disponível em: https://www.facebook.com/580733212337662/videos/283241889793322.

> quando o herbívoro chegue nela e vá comer a planta, esse composto que ela produziu vai ser tóxico. Então, o herbívoro pode morrer ou aquela coloração pode ser um alerta para ele nem se aproximar. Essa é uma defesa da planta. Tudo que a planta produz para se defender é chamado de metabolismo secundário. Então, quando a gente está falando de produtos naturais, estamos falando de metabolismo secundário, estamos falando daqueles compostos que a planta produz para ela se defender.

Segundo a professora, o GPPN tem como objetivo o isolamento, identificação, modificação estrutural, síntese de metabólitos oriundos de espécies vegetais, principalmente, do Litoral Norte do RS. Atualmente, desenvolve pesquisas que têm reconhecimento nacional e internacional. Neusa destacou os estudos químicos sobre frutas da região, como o *Açaí Juçara*, a *Bunchosia* e, mais recentemente, a espécie local de cactus. Além disso, o GPPN está desenvolvendo estudos sobre própolis e mel, de abelhas sem ferrão.

Tendo participado do GPPN, durante sua graduação no Curso de Engenharia Agroindustrial das Indústrias Alimentícias (FURG-SAP), a hoje doutoranda na Unicamp, Sara Fraga, começou sua fala contando que foi, no GPPN, que começou a estudar a semente da *Caferana*. E isso se deve por influência de alguns habitantes do município, em especial da avó, que faziam uso dessa semente para fins terapêuticos, como estimulante e energizante. Conforme Sara, as análises, em laboratório, demonstraram que essa planta possui uma grande quantidade de alcalóides.

Ela destacou, ainda, o desenvolvimento do estudo sobre a fruta de *Juçara*, também, sob a orientação da Profª Neusa. Em suas palavras, “levar o trabalho sobre a *Caferana* juntamente com o da *Juçara* para a comunidade foi uma das coisas mais gratificantes no meu processo todo de graduação”. A partir da *Caferana* e da *Juçara*, foram produzidas geleias e sucos no GPPN, sendo, hoje, produzidos

por alguns agricultores de Santo Antônio da Patrulha, Maquiné e Barra do Ouro, o que representa geração de renda na agricultura familiar, sob uma concepção de sustentabilidade ambiental. Sara relatou, ainda, a produção de *Caferana* em outras regiões do RS por agricultores familiares. Ela enfatizou que, além de contribuir com a comunidade científica, as pesquisas desenvolvidas trazem benefícios de geração de renda a produtores agrícolas.

Em relação aos estudos de pós-graduação, Sara Fraga deu continuidade às pesquisas sobre as potencialidades da *Caferana*. No seu doutorado, iniciado recentemente, suas perspectivas do estudo estão para os conceitos de bioeconomia e biorrefinaria, com vistas a pesquisar todas as potencialidades que a fruta tem em um outro parâmetro, a partir da extração de fluídos supercríticos para retirar da planta extratos concentrados em determinados compostos e com maior grau de pureza

Pensando na sua trajetória acadêmica, da graduação à pós-graduação, Sara relatou que, como aluna da FURG-SAP, foi uma das fundadoras do GPPN, tendo trabalhado com a Profª Neusa por 06 anos. Nesse período, ela identificou a presença de cristais, como a cafeína e δ-lactama, em alguns extratos da *Caferana*, além de outros compostos, como fenólicos e carotenóides, mostrando potenciais da planta para novas investigações. No mestrado, seus estudos se voltaram para a produção de extratos da semente com fluidos supercríticos, purificação e quantificação destes alcalóides, com especial atenção para o δ-lactama. Já no doutorado, pretende testar uma tecnologia para a produção de um composto concentrado nesse alcaloide e testar a eficiência com aplicação *in vitro* e, depois, *in vivo*. Sara observou que a literatura cita a eficiência do alcaloide isolado sintético, como agente antiviral para a malária, HIV e influenza, que atua diminuindo certos tipos de câncer, contra o Mal de Alzheimer e a perda de memória, para fins de saber se um composto natural concentrado (no alcaloide) e não purificado tem eficiência maior, menor ou semelhante ao alcaloide isolado sintético.

Quanto à trajetória de estudos de Matheus, relatou ter iniciado seus estudos sobre compostos presentes na *Cunila angustifolia, conhecida, popularmente, como*, vassourinha, que é muito comum na região em que se localiza o Campus SAP. Ele, que é oriundo do Maranhão, veio ao RS para fazer seu mestrado na FURG – Campus de Santo Antônio da Patrulha. Ali, conheceu a Profª Neusa e suas pesquisas, com quem passou a trabalhar junto, com foco na Cunila, que já estava sendo estudada no GPPN. Segundo Matheus, o grupo tem perfil de fazer estudos sobre atividade antioxidante de frutas nativas da região, com observação da possibilidade de exploração econômica desses frutos.

Durante seu mestrado, Matheus relatou que, através dos estudos realizados em laboratório, fez a descoberta de que o óleo da *C. angustifolia*, além de capacidade inseticida, também tem atividade citotóxica. As perspectivas para o doutorado, em fase inicial, são de continuidade das pesquisas da *C. angustifólia,* ampliando os estudos para outras plantas pertencentes ao gênero *Cunila*.

Após a exposição de cada um dos convidados, as manifestações foram em formato de bate-papo sobre diferentes questões a partir de pesquisas realizadas pelo GPPN, perspectivas de estudos futuros, interlocuções entre universidade e comunidade, relações entre os cursos da FURG-SAP e os perfis regionais – em especial, em seu aspecto agroindustrial –, entre outras questões.

O registro fotográfico, abaixo, é desta *live,* que tematizou as Pesquisas sobre Produtos Naturais na FURG-SAP.

Figura 5 – *Live* Pesquisas sobre Produtos Naturais, com a professora Neusa Fernandes e os doutorandos Sara Fraga e Matheus Souza

Fonte: GES (página no Facebook e canal no YouTube), 16/07/2020

7. Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma: um diálogo sobre a importância de preparação e organização para os estudos on-line

As reflexões e discussões acerca da importância de os estudantes da FURG se prepararem e se organizarem para a retomada dos estudos, no semestre letivo 2020/1, em formato on-line, dado o período emergencial por conta da pandemia. Essa *live* contou com a participação da psicóloga Drª Gabriela Martins e do psicólogo Dr. Roberson Rosa (PRAE-FURG/SAP), com mediação da Profª Meª Franciele Krumenauer (SEMED/SAP), no dia 02 de outubro de 2020[11].

Inicialmente, a Psic. Gabriela falou de sua passagem no Campus da FURG – Santo Antônio da Patrulha e do quanto são peculiares e especiais as relações de convivência entre os estudantes e os servidores, o que é facilitado por se tratar de Campus Universitário pequeno e com poucos alunos. Assim, os discentes da comunidade acadêmica tendem a cuidar mais uns dos outros, apoiando-se nas questões

[11] Disponível em: https://www.facebook.com/580733212337662/videos/766223190619175

acadêmicas, estudando juntos, orientando uns aos outros sobre aspectos específicos dos cursos e das disciplinas. Nessa medida, destaca a psicóloga, o quanto deve ser solitário o processo de estudos e de retomada do calendário letivo neste momento de necessário afastamento físico e de atividades acadêmicas em ambiente virtual. Além disso, Gabriela chama a atenção para a necessidade de envolvimento de toda a comunidade acadêmica – alunos, professores e técnicos – na preparação e na organização da retomada dos estudos em formato on-line nos próximos dias.

O modelo remoto, destaca Gabriela, prioriza o envolvimento de todos e o comprometimento discente e docente no processo de estudos. Para tal, é preciso que os estudantes sejam independentes – a capacidade de realização individual, sozinho, sem ajuda de outro – e, sobretudo, autônomos, que remete à ideia de sujeito que sabe o que quer, sabe identificar uma necessidade e tomar uma decisão para si próprio. Em suas palavras, "a relação é central dentro de uma aprendizagem remota […]. A relação entre aquele sujeito que está na posição de ensinante, que vai ensinar ou que vai apoiar o ensino e aquele que é o aprendente, que está ali na condição de estudante". Então, o aluno universitário autônomo, nesse formato de ensino, não é aquele que se coloca como mero recepto de conteúdos, de ideias ou mero "consumidor" de vídeos e textos. Mas aquele que se coloca como sujeito comprometido com o processo, ainda que seja necessário grande suporte do docente e de pares/colegas. "De fato, ser autônomo implica ter as rédeas do processo, ter desejo por isso e esses recursos necessários. Aí chegamos muito perto do que é aprender […], que vai necessitar de um sujeito autônomo, […] que reflete e produz sentidos sobre o que aprende", complementa a psicóloga.

O fomento da autonomia nos alunos passa, também, pela ação dos docentes, que são os propositores no processo de ensino, de forma que os estudos sejam orientados com roteiros claros e bem estruturados, com uso de recursos tecnológicos que ajudem os alunos a se organizarem.

Para os estudantes, é fundamental a preparação e a organização para o momento das aulas, em uma dinâmica de ensino remoto, como a universidade está propondo. Isso implica "instituir" uma sala de aula particular: para alguns, significa criar um espaço físico que lembre uma sala de aula tradicional, com mesa e cadeira especial para aula, com um quadro para fixar e visualizar informações de aula; já para outros, pode ser desnecessário organizar o tempo para aulas (síncronas e assíncronas), leituras e atividades dirigidas, que passam pelos ritmos individuais. Além disso, alguns precisam mais tempo do que outros; alguns preferem estudar durante o dia e outros, à noite. Além disso, é fundamental reservar um tempo para o ócio, para o lazer, para a atividade física, para dialogar descontraidamente com as outras pessoas. Enfim, é importante conhecer-se para organizar-se bem.

O psicólogo Roberson destacou que é preciso ter presente que o retorno às atividades acadêmicas, na FURG, não se trata de retorno de férias, de um período de descanso, mas de retomada de um processo iniciado em março, de forma regular, e, agora, se dá em um ensino emergencial. A ideia de emergência mobiliza sentidos que vão para a direção da ideia de sofrimento intenso ou de risco de morte. Então, ele traz a reflexão sobre "quais são as condições de ensinar e aprender em um período de emergência?". Então, o retorno às aulas, neste momento, é um retorno diferente, em um contexto que desconhecemos. Nesse contexto do desconhecido, estão postas relações não presenciais (a distância), que implicam ter combinações e fortalecer conexões entre os sujeitos envolvidos (professores/alunos, alunos/alunos…).

As dinâmicas de estudos, de trabalho e de questões de outras ordens merecem atenção, na medida em que o ambiente virtual e as redes sociais, no momento de distanciamento físico e ensino a distância/*on-line*, estão presentes em nossas vidas durante as 24 horas do dia, nos 07 dias da semana. É fundamental que os estudantes consigam se organizar e "desligar" em momentos do dia.

Ao longo desta *live* que, especialmente, tematizou a retomada das atividades acadêmicas na universidade

após cinco meses de interrupção das aulas, e a necessária preparação da comunidade acadêmica, foram tratadas, ainda, questões afins, a partir de questões e comentários no chat das pessoas que acompanharam as exposições. Abaixo, segue o registro fotográfico desta *live*.

Figura 6 – *Live* "Mesmo quando tudo pede calma": importância da preparação e organização para a retomada das atividades acadêmicas na FURG, de forma remota, com os psicólogos Gabriela Martins e Roberson Rosa

Fonte: GES (página do Facebook e canal do YouTube), 02/09/2020

8. Continuidade

Até o momento do fechamento deste texto, outras novas *lives* já estavam em fase de preparação para setembro e outubro/2020 sobre as seguintes temáticas (títulos provisórios): em 09/09, "*Atividades acadêmicas online na FURG – Campus S. Antônio da Patrulha – retomada do 1º semestre letivo de 2020*", com as participações confirmadas da Direção do Campus, Prof. Antônio Valente e Profª Darlene Webler, e da Administradora da FURG-SAP, Andrea Morales, e com a participação, a ser confirmada, do Núcleo da PRAE em SAP; em final de setembro, "*Cursos Populares Preparatórios Online para o ENEM – Socializando experiências"*, com convidados de coordenadores de dois cursos – um da FURG e outro externo; em outubro, *lives* com as coordenações das *Licenciatura em Ciências Exatas, Engenharias Agroindustriais (Agroquímica*

e Ind. Alimentícias), Engenharia da Produção e Administração e dos cursos de especialização e mestrado ofertados, na FURG-SAP, sobre Cursos de Espanhol ofertados pelo CELE/ILA e Curso de Escrita Acadêmica. Cabe destacar que todas as *live*s realizadas pelo GES estão em fase de publicação no canal do GES, no YouTube.

REFERÊNCIAS

FARINASSI, Luíza Alcântara. ***Reflexões sobre o cenário político brasileiro em tempos de Covid-19***. 07/05/20. Disponível em: www.direitonet.com.br/artigos

UNA-SUS. ***Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus***. 11/03/2010. Disponível em: https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus

UOL, Notícias. **Covid-19: Para médicos, negacionismo levou Brasil à situação dramática**. 07/08/2020. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/08/07/uol-debate-mortes-covid-19-negacionismo.htm

EDITORA E GRÁFICA DA FURG
CÂMPUSCARREIROS
CEP 96203 900
editora@furg.br

ISBN 978-65-5754-082-4